

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS
ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO E ESTUDO CORRELACIONAL

CESAR AUGUSTO PICCININI

Dissertação apresentada como
requisito parcial a obtenção
do grau de Mestre em Ciências
(Psicologia).

Professor Orientador: LUIZ PASQUALI, Ph.D

Brasília - 1981

Trabalho realizado junto ao Departamento de Psicologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília sob a orientação do Professor Luiz Pasqualli.

Aprovador por:

Luiz Pasquali

Eunice M.L.Soriano de Alencar

Júlia S.Nobre Ferro Bucher

A G R A D E C I M E N T O S

A realização deste trabalho envolveu a participação de uma série de pessoas que direta ou indiretamente deram sua colaboração e para com as quais sou imensamente grato. Dentre elas gostaria de fazer uma referência especial às seguintes :

- Ao Prof. Luiz Pasquali, que com sabedoria, dedicação e paciência, deu um apoio indispensável a este trabalho;
- Aos professores do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília que colaboraram e deram sugestões a esta pesquisa;
- Aos Professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que com dedicação e empenho deram muito de si pela nossa formação. E a professora Odair Perugini de Castro, minha gratidão, pelo carinho, orientação e apoio, para que eu pudesse realizar o mestrado ;
- Aos funcionários do Departamento de Psicologia da UnB especialmente ao Elson e Gilberto pela constante colaboração;
- Ao Elvio e Elisa, que com carinho me apoiaram durante o mestrado;
- À Rita Cássia que contribuiu em muitos momentos para que eu encontrasse sentido nos meus esforços;
- Aos que participaram como sujeitos desta pesquisa;
- E aos amigos e alunos que colaboraram na aplicação e codificação dos questionários, bem como da leitura do trabalho final, meus sinceros agradecimentos.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS	VI
SUMÁRIO	VIII
ABSTRACT	IX
APRESENTAÇÃO	1
 <u>CAPÍTULO I</u> - ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS	
1 - PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL	
1.1 - Introdução	3
1.2 - Evolução Histórica das Práticas Educativas.....	5
1.3 - Diferenças nas Práticas Educativas em Subgrupos de uma Sociedade.....	7
1.4 - Diferenças nas Práticas Educativas entre as Sociedades	9
1.5 - Aspectos Invariantes Relacionados às Práticas Educativas	14
2 - CAMPO TEÓRICO	
2.1 - Modelos Teóricos sobre as Atitudes e Práticas Educativas	17
2.2 - Proposta de Modelo Teórico sobre as Atitudes e Práticas Educativas Maternas	23
3 - ESTUDOS EMPÍRICOS QUE AVALIARAM VARIÁVEIS RELACIONA - DAS ÀS ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS	
3.1 - Introdução	28
3.2 - Variáveis Relacionadas à Mãe	
3.2.1 - Classe Social da Mãe.....	31
3.2.2 - Nível Educacional da Mãe.....	41
3.2.3 - Emprego da Mãe	46
3.2.4 - Idade da Mãe	52
3.3 - Variáveis Relacionadas à Criança	
3.3.1 - Sexo dos Filhos	53
3.3.2 - Idade dos Filhos.....	58
3.4 - Variável Relacionada à Família	
3.4.1 - Número de Filhos.....	60
 <u>CAPÍTULO II</u> - ELABORAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO SOBRE ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS	
1 - MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DAS ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATI - VAS MATERNAS	
1.1 - Introdução.....	62
1.2 - Questionários sobre Atitudes e Práticas Educa - tivas Maternas.....	64

	PAG.
2 - CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO	
2.1 - Fontes.....	71
2.2 - Dimensões.....	72
2.3 - Operacionalização	74
2.4 - Análise Semântica	75
2.5 - Questionário Piloto	76
3 - VALIDAÇÃO DA ESCALA	
3.1 - Amostra	86
3.2 - Método de Aplicação	86
3.3 - Análises Estatísticas.....	89
3.4 - Análises Fatoriais.....	91
3.5 - Primeira Análise Fatorial (156 ítems).....	91
3.6 - Segunda Análise Fatorial (100 ítems).....	92
3.7 - Terceira Análise Fatorial (82 ítems).....	93
3.8 - Resultados das Análises Fatoriais	93
3.9 - Interpretação dos Fatores	95
3.10- Características das Atitudes Maternas.....	123
4 - O QUESTIONÁRIO DAS ATITUDES MATERNAS (QAM)	
4.1 - Questionário Final.....	132
4.2 - Validade de Construto do QAM.....	138
4.3 - Precisão do QAM.....	140
4.4 - Utilização do Questionário.....	140
<u>CAPÍTULO III - ANÁLISE CORRELACIONAL ENTRE AS ATITUDES E</u>	
PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E AS VARIÁVEIS	
DESCRITAS NO CAPÍTULO I - 3	
1 - METODOLOGIA	
1.1 - O Problema	143
1.2 - Delineamento	144
1.3 - Amostra	145
1.4 - Instrumento e Procedimento.....	145
1.5 - Análises Estatísticas.....	147
2 - RESULTADOS	
2.1 - Descrição e Interpretação dos dados.....	148
3 - DISCUSSÃO	160
4 - CONCLUSÃO	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169
APÊNDICES A - Questionário Piloto	177
B - Folha de Instruções para o Aplicador.....	187
C - Cargas Fatoriais dos Ítems da Terceira Análi	
se Fatorial.....	188

LISTA DE TABELAS E FIGURAS	PAG.
TABELA 2.1 - Dados Demográficos da Amostra	87
TABELA 2.2 - Carga Fatorial, Média, Desvio Padrão e <u>Cor</u> relação ítem/fator, para os itens do Fator I	99
TABELA 2.3 - Carga Fatorial, Média, Desvio Padrão e <u>Cor</u> relação ítem/fator, para os itens do Fator II	104
TABELA 2.4 - Carga Fatorial, Média, Desvio Padrão e <u>Cor</u> relação ítem/fator, para os itens do Fator III	108
TABELA 2.5 - Carga Fatorial, Média, Desvio Padrão e <u>Cor</u> relação ítem/fator para os itens do Fator IV	111
TABELA 2.6 Carga Fatorial, Média, Desvio Padrão e <u>Cor</u> relação ítem/fator, para os itens do Fator V	114
TABELA 2.7 - Carga Fatorial, Média, Desvio Padrão e <u>Cor</u> relação ítem/fator, para os itens do Fator VI	117
TABELA 2.8 - Carga Fatorial, Média, Desvio Padrão e <u>Cor</u> relação ítem/fator, para os itens do Fator VII	120
TABELA 2.9 - Sumário dos Dados Referentes aos Sete Fato <u>r</u> res	124
TABELA 2.10 - Correlações Encontradas Entre os Sete Fato <u>r</u> res do Questionário	125

TABELA 2.11 - Ítens e Fatores que Integram o Questionário de Atitude Materna	133
TABELA 2.12 - Índices de Precisão dos Sete Fatores do QAM	141
TABELA 3.1 - Características Demográficas da Amostra de Mulheres Casadas	146
TABELA 3.2 - Correlações Binárias entre as variáveis.....	149
TABELA 3.3 - Sumário de Dados Sobre as Variáveis e a Equação de Regressão	152
TABELA 3.4 - Sumário da Análise de Regressão Múltipla.	161
FIGURA 1.1 - Modelo Teórico Proposto por Whiting <u>et al</u> (1964)	18
FIGURA 1.2 - Modelo Esférico do Comportamento Parental Frente a Criança de Schaefer (1965b).	22
FIGURA 1.3 - Modelo Teórico Explicativo da Atitude Materna Frente a Criança	24
FIGURA 2.1 - Posição Escalar dos Fatores na Escala que foi Utilizada de Cinco Pontos	124

S U M Á R I O

O primeiro objetivo deste trabalho foi o de elaborar um questionário para avaliar as atitudes e práticas educativas maternas. Para a validação do questionário utilizamos uma amostra de 1500 sujeitos de ambos os sexos, com uma média de idade igual a 25 anos, de diferentes níveis de escolaridade e renda familiar. O questionário inicial de 156 itens foi reduzido a 73 itens em várias análises fatoriais. Resultaram sete fatores que explicaram 36,2% da variância do conceito de atitude materna. Os sete fatores do Questionário de Atitude Materna (QAM) são : Controle Hostil, Amor Altruísta, Empecilho para a Mãe, Ajudar e Orientar, Controle Intrusivo, Encorajar a Autonomia e Controle Autoritário. Estes fatores são semelhantes aos encontrados em trabalhos anteriores, demonstrando a invariância fatorial do instrumento.

Outro objetivo deste trabalho foi o de realizar um estudo correlacional entre algumas variáveis independentes levantadas na literatura e as atitudes e práticas educativas maternas avaliadas pelos sete fatores do nosso questionário. Foi utilizada para este estudo uma amostra de 339 mulheres casadas que tinham respondido o questionário piloto. Os resultados mostraram que sobretudo a escolaridade dos sujeitos, a renda familiar e o fato de a mulher trabalhar fora de casa, mantêm relação significativa com vários fatores do QAM. A idade da criança e o número de filhos, apresentaram relação apenas com um fator do questionário, enquanto a idade dos sujeitos e o sexo dos filhos, não se mostraram correlacionados com nenhum dos fatores do QAM. Os resultados foram comparados com outros estudos e se sugeriram novas pesquisas que considerem principalmente as variáveis mais importantes.

A B S T R A C T

The main purpose of this research was the elaboration of a scale for the measurement of mothers' attitudes towards childrearing. The sample included 1500 subjects of both sexes, with an average age of 25 years from different education and income levels.

The initial questionnaire of 156 items was reduced, through several factor analyses, to 73 items and seven factors, which accounted for 36,2% of the total variance. The factors were: Hostile Discipline, Unselfish Love, Hindrance to the Mother, Help and Guidance, Intrusion, Encouragement for Autonomy, and Authoritarian Discipline.

A second objective of this research was a study of correlation between a series of socio-demographic variables and the seven factors, using a sample of 339 married women. Major results were: subjects' education, income, and work outside the home correlated with various factors. Child's age and number of children correlate with one factor, whereas subjects' age and child's sex showed no correlation whatsoever. Results were compared with other research and further study was suggested.

A P R E S E N T A Ç Ã O

O primeiro objetivo deste trabalho é o de elaborar um questionário para avaliar as atitudes e práticas educativas maternas. Num segundo momento verificaremos a correlação existente entre algumas variáveis independentes assinaladas na literatura e as atitudes e práticas educativas de mães brasilienses.

Para atingirmos estes objetivos desenvolveremos nosso trabalho em três partes:

No capítulo I apresentaremos uma proposta de modelo teórico que mostre as variáveis que influem nas atitudes maternas. Com o modelo poderemos visualizar algumas das principais relações causais e de interação entre as variáveis mais significativas para as práticas educativas maternas.

Antecedendo a construção do modelo, faremos uma revisão da literatura sobre as variações nas práticas educativas da mãe como função de diferenças históricas e sociais, visando salientar a importância de considerarmos as atitudes maternas como parte do processo de socialização da criança, orientado fundamentalmente pela sociedade. Por outro lado levantaremos também as variáveis mais significativas e outros modelos teóricos existentes, que possam nos auxiliar na elaboração de nossa proposta. Após a apresentação do nosso modelo, buscaremos sustentá-lo com uma série de outras pesquisas empíricas que nos permitirão maior compreensão sobre a importância das diversas variáveis.

No capítulo II nos propomos a elaborar um questionário de medida sobre as atitudes e práticas educativas maternas. Para introduzirmos esta parte do trabalho, faremos referência aos métodos de medida de atitude materna e revisaremos alguns questionários já validados. A elaboração deste questionário se deve ao fato de termos escolhido este mé

todo para medirmos as atitudes maternas e por não conhecermos nenhum trabalho semelhante no Brasil que pudesse ser utilizado.

Por fim, no Capítulo III, apresentaremos um estudo correlacional entre as atitudes e práticas educativas maternas avaliadas pelo questionário que elaboramos, e algumas das principais variáveis independentes assinaladas pela literatura. Este estudo correlacional se baseará nos dados obtidos de uma amostra de mulheres casadas que responderam nosso questionário.

C A P Í T U L O I

ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS

1 - PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

1.1 - Introdução

Há muito que estudiosos vêm se preocupando em entender o processo de socialização do homem e, especialmente em Psicologia, o modo como se adquirem as características de personalidade.

Dentro deste contexto, um dos ramos da ciência que muito se desenvolveu foi a Psicologia da Infância que, reunindo também contribuições de outras disciplinas, começou a buscar, nas primeiras ligações da criança com os adultos, a base das explicações que nos auxiliam a entender o processo de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança e suas repercussões na vida adulta. Estas primeiras interações pais-crianças, são vistas como contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento da estrutura básica da personalidade do adulto.

Através das práticas educativas, comumente parentais, a sociedade vai, em certa medida, modelando um tipo de pessoa cujas características de personalidade se ajustem relativamente bem aos padrões sociais vigentes. Mas, como as sociedades se estruturam de modo diferente historicamente ou, num dado momento, em locais diversos, é de se esperar que ocorram grandes variações nestas práticas educativas e que elas mantenham relação com o modo de ser do adulto nas respectivas sociedades. Buscando entender esta relação e as diferenças interculturais ou históricas, quando em uma mesma sociedade, várias pesquisas têm sido realizadas.

Revisando a literatura percebemos que as sociedades apresentam concepções diferentes em relação à infância, enquanto período do desenvolvimento e contribuem, assim, para que os adultos desenvolvam determinadas atitudes em

relação à criança. As fronteiras entre criança e adulto, o que ela pode ou não fazer, o momento em que deixa de ser criança e o conjunto de normas de como se deve lidar com a criança têm-se alterado no decorrer da história e variado com as sociedades.

As noções que, individual e socialmente, existem sobre a criança, formam atitudes e predisposições para a ação que determinam um conjunto de comportamentos dos adultos frente à criança. Contudo, transcendendo particularidades individuais e de grupos minoritários e controlando-se algumas variáveis como classe social e sexo das pessoas, acreditamos que existam concepções e atitudes semelhantes em relação à criança dentro de uma mesma sociedade, num momento considerado.

Entretanto, para entendermos as atitudes e práticas educativas que atualmente existem em relação à criança, em nossa sociedade, nada melhor do que estudarmos as variáveis relacionadas a este objeto de estudo, entre elas, as características maternas e da criança, bem como aspectos familiares, como por exemplo o tamanho da família. Por outro lado, é importante buscarmos a origem destas práticas na própria história da sociedade. Entendendo a evolução das práticas educativas para com a criança, conseguiremos compreender melhor as atitudes e comportamentos que hoje aparecem. Seremos também auxiliados para atingir este objetivo se consideramos os estudos que comparam as práticas educativas de subgrupos de uma sociedade e entre duas sociedades.

Serão revistos a seguir inicialmente alguns estudos que apresentaram dados evolutivos sobre as práticas educativas numa mesma sociedade, assinalando as diferenças de atitudes e comportamentos dos pais com o passar do tempo. Num segundo momento, revisaremos algumas pesquisas que indicaram diferenças entre subgrupos de uma mesma sociedade, num mesmo momento. E por fim mostraremos alguns estudos que comparam diferentes sociedades, salientando as variações existentes nas práticas educativas.

1.2 - Evolução Histórica das Práticas Educativas

Utilizando-se de dados de um estudo longitudinal realizado durante 20 anos, Waters & Grandall (1964) encontraram duas tendências básicas na evolução do comporta - mento materno e nas técnicas de socialização utilizadas pela mãe.

O primeiro conjunto de achados mostrou que as mães norte-americanas por volta de 1950 foram observa - das expressando mais cuidados e afeição para sua criança, do que nos outros dois períodos, ao redor de 1940 e 1960, quan - do as mães apresentaram-se mais semelhantes, dando menos proteção e aprovação que no período de 1950.

A outra tendência mostrou que, de 1940 até por volta de 1960, ocorreu um decréscimo de comportamentos maternos coercitivos. As mães apresentaram no decorrer destes 20 anos menos tendência a serem coercivas e exigentes com a criança. Reduziram o emprego de regulamentos restritivos nas atividades da criança e diminuíram a severidade no modo de punirem a desobediência.

Num estudo referente aos últimos 50 anos sobre as práticas educativas na sociedade americana, Mussen , Conger e Kagan (1977), também constataram grandes mudanças no modo como as mães vêm cuidando de seu filho. No início do século, folhetins orientavam as mães a não estimularem muito a criança, pois seria prejudicial ao seu desenvolvimento , por terem um sistema nervoso muito sensível. Sugeriam também o treino da criança ao toalete antes do primeiro ano e que não se deveria permitir que ela chupasse o polegar ou brincasse com os genitais. Passadas cinco décadas, os mesmos folhe - tins instruíam as mães a estimularem a criança, a dar-lhe carinho quando chorasse e que não deveriam ter preocupações quanto a "estragar" seu filho ao fazer isto. Não precisariam se preocupar com a sucção do polegar ou exploração dos geni - tais e deveriam aguardar até a metade do segundo ano para treinar a criança ao toalete.

Numa obra bastante ampla, Ariés (1978) mostrou a evolução das concepções existentes na sociedade ocidental em relação a criança, desde a Idade Média até o presente século, situando seu estudo sobretudo na França. Sua pesquisa assinalou que a sociedade medieval não tinha muitas preocupações com a criança como um ser que estava numa fase especial do seu desenvolvimento. A infância, enquanto período do desenvolvimento, não era muito extenso, e a criança logo que conseguia certas condições ingressava no mundo dos adultos participando de seus trabalhos e jogos, aproximadamente aos 7 anos (p. 275). O processo de socialização, entendido como a transmissão de valores e conhecimentos, não era de modo geral controlado pela família mas pelo grupo social mais amplo que a cercava.

Seguindo esta "indiferença" pela criança, o autor assinalou o surgimento do que chamou "paparicação", que se desenvolveu no século XV e XVI. Esta, constituiu-se num sentimento superficial em relação à criança como "coisinha engraçada," com a qual os adultos se divertiam. Embora a criança tenha continuado numa espécie de anonimato e, tão logo superava os primeiros anos do seu desenvolvimento, entrava para o convívio com os adultos, esta paparicação foi importante pois significou uma mudança na atitude social em relação à criança, de aceitação de sua inocência e fraqueza.

Continuando, Ariés refere-se aos moralistas e clero do século XVIII, que desenvolveram um trabalho que levou à algumas mudanças fundamentais na atitude da sociedade frente à criança. Através da escolarização, conseguiram impor à sociedade a idéia da infância como um período que deveria ser estendido. Desenvolveu-se a concepção da particularidade da infância, e da necessidade de se conhecer mais sobre esta fase para se poder disciplinar e educar moralmente a criança. Esta foi retirada do mundo dos adultos com os quais convivia e aprendia e passou a frequentar a escola. Na verdade, todo este processo esteve ligado ao movimento mais amplo de moralização dos homens levado a efeito pelos católicos e

Numa obra bastante ampla, Ariès (1978) mostrou a evolução das concepções existentes na sociedade ocidental em relação a criança, desde a Idade Média até o presente século, situando seu estudo sobretudo na França. Sua pesquisa assinalou que a sociedade medieval não tinha muitas preocupações com a criança como um ser que estava numa fase especial do seu desenvolvimento. A infância, enquanto período do desenvolvimento, não era muito extenso, e a criança logo que conseguia certas condições ingressava no mundo dos adultos participando de seus trabalhos e jogos, aproximadamente aos 7 anos (p. 275). O processo de socialização, entendido como a transmissão de valores e conhecimentos, não era de modo geral controlado pela família mas pelo grupo social mais amplo que a cercava.

Seguindo esta "indiferença" pela criança, o autor assinalou o surgimento do que chamou "paparicação", que se desenvolveu no século XV e XVI. Esta, constituiu-se num sentimento superficial em relação à criança como "coisinha engraçada," com a qual os adultos se divertiam. Embora a criança tenha continuado numa espécie de anomimato e, tão logo superava os primeiros anos do seu desenvolvimento, entrava para o convívio com os adultos, esta paparicação foi importante pois significou uma mudança na atitude social em relação à criança, de aceitação de sua inocência e fraqueza.

Continuando, Ariès refere-se aos moralistas e clero do século XVIII, que desenvolveram um trabalho que levou à algumas mudanças fundamentais na atitude da sociedade frente à criança. Através da escolarização, conseguiram impor à sociedade a idéia da infância como um período que deveria ser estendido. Desenvolveu-se a concepção da particularidade da infância, e da necessidade de se conhecer mais sobre esta fase para se poder disciplinar e educar moralmente a criança. Esta foi retirada do mundo dos adultos com os quais convivia e aprendia e passou a frequentar a escola. Na verdade, todo este processo esteve ligado ao movimento mais amplo de moralização dos homens levado a efeito pelos católicos e

protestantes. Endossando este movimento, a burguesia em ascensão começou a organizar-se em torno da criança, em grupos pequenos, tornando-se a família um lugar necessário de afeição entre pais e filhos. Esta afeição aparece sobretudo pela importância que se passou a atribuir aos cuidados físicos e educacionais e na idéia da criança como centro da família. Esta concepção sobre a criança, segundo Ariés, se aproxima da que temos hoje em nossa sociedade.

Como vemos, é importante estudarmos historicamente a evolução do modo como os adultos têm se relacionado com as crianças, pois como assinalou Tucker (1977), visualizam-se muitas diferenças e também semelhanças na forma como a criança tem sido tratada e como se esperava que ela se comportasse em uma determinada sociedade. Como assinalou Tucker, decorrente das expectativas, percepções e necessidades dos adultos e da sociedade, a infância pode, em certa medida, ser prolongada ou reduzida em diferentes momentos da história.

1.3 - Diferenças nas Práticas Educativas em Subgrupos de Uma Sociedade

Na verdade, encontramos diferenças nas atitudes e comportamentos parentais em relação à criança não só ao longo do tempo mas, como já dissemos, num dado momento em uma mesma sociedade, em função das diferentes origens dos pais, como veremos nos dois estudos que serão revistos a seguir.

Um trabalho, com o objetivo de estudar diferenças em subculturas da sociedade americana, foi realizado por Kriger & Kroes (1972). Em função das diferenças de origem étnica e de costumes, os autores acreditavam que os pais apresentariam comportamentos específicos frente à criança, correspondentes aos valores de seu grupo.

Estudando 105 mães de três grupos culturais dos E.U.A., protestantes, judeus e chineses, através do "Parental Attitude Research Instrument" (PARI, Schaefer & Bell, 1953), os autores encontraram diferenças significativas nos escores deste questionário quanto ao fator controle. Mães chinesas apresentaram-se como mais restritivas do que as mães dos outros dois grupos, cujas atitudes foram semelhantes e significativamente mais permissivas.

Baseando-se na revisão da literatura, que salientou relação entre restritividade dos pais e menor realização e independência nas crianças, os autores lembraram que os dados sugeriam que as crianças chinesas seriam menos independentes do que as crianças de mães protestantes e judaicas.

Os autores salientaram também que, embora às vezes se acredite que os procedimentos nas práticas educativas sejam algo pessoal e limitado à família, na verdade, o modo de se cuidar da criança tem origens socioculturais. São os aspectos socioculturais deste processo, segundo Kriger & Kroes, que determinam em última instância quais as atitudes e práticas em relação à criança que são efetivas, apropriadas e aceitáveis em uma sociedade particular.

Buscando, também, informações sobre variações nas práticas educativas entre subculturas nos E.U.A., Durrett, O'Bryant & Pennebaker (1975) entrevistaram pais e mães de três grupos sociais, compostos de famílias de classe baixa de brancos, negros e mexicanos-americanos. O interesse dos autores era levantar o tipo de orientação nas práticas educativas que utilizavam estas famílias com suas crianças.

Pais brancos e pretos relataram mais autoritarismo com sua criança e descreveram-nas como mais orientadas para realização que os pais mexicanos-americanos. Por fim, estes últimos enfatizaram menos as responsabilidades individuais das crianças, do que os pais dos outros dois grupos.

Vemos, portanto, que estes estudos mostraram diferenças significativas, dentro de uma mesma sociedade, nas práticas educativas parentais em função do fato de os pais pertencerem a grupos sociais específicos.

1.4 - Diferenças nas Práticas Educativas Entre as Sociedades

Um terceiro modo de conhecermos e estudarmos as variações nas atitudes e comportamentos dos pais nas práticas educativas com o filho, é através de pesquisa em diferentes sociedades.

De acordo com o levantamento bibliográfico feito por LeVine (1970), tem-se dado grande destaque às publicações antropológicas que nos fornecem grande número de informações sobre o relacionamento dos adultos com as crianças. Estas publicações mostram, segundo o autor, que, comparando-se culturas, encontramos diferenças em vários aspectos como: frequência de interação com a criança; características dos cuidados que ela recebe; a idade em que deve apresentar determinados comportamentos; número de pessoas que cuidam da criança; processo para internalização de valores e métodos de punição, entre outros.

LeVine mostra que tem havido grande interesse, nos estudos interculturais, em demonstrar que as práticas educativas para com a criança são influenciadas por fatores econômicos e sócio-culturais. Nesta linha de pesquisa cita o estudo de Barry, Child e Bacon (1958) que pesquisaram numa amostra de sociedades a relação entre estrutura econômica de subsistência (por exemplo, caça, agricultura), e o treino da criança nos aspectos de autoconfiança, obediência, realização e responsabilidade. LeVine faz referência, também, aos trabalhos de Whiting (1961), que estabeleceu relações entre o tamanho da moradia e a indulgência na educação da criança e Minturn & Lambert (1964) e Whiting et al (1966) que também relacionaram o espaço da moradia com a se

verdade do treino da agressão. É bom lembrar como diz LeVine que este treino pode expressar a tendência para tornar a criança obediente, ordeira e pacífica.

Uma pesquisa baseada em entrevista e observação, em seis sociedades primitivas, foi realizada por Whiting (1964).

Visando entender as semelhanças e diferenças nas práticas educativas destas culturas, o autor desenvolveu um modelo teórico de investigação, que abordava vários aspectos da sociedade estudada. Salientaram a importância das características ecológicas, da economia, da organização social e política do grupo, na determinação dos parâmetros para as práticas educativas dos adultos para com as crianças. O modo de produção, associado à estrutura social, determinam segundo o autor o tipo de composição familiar, as relações de vizinhança entre grupos sociais e, em última instância, o modo como deve-se lidar com a criança.

Uma pesquisa realizada entre brasileiros e americanos estudou a estrutura familiar, as práticas educativas e a motivação para a realização em crianças do sexo masculino, nos dois países (Rosen, 1962). Os dados foram colhidos através de observações, entrevistas, questionário com mães e filhos, e também pelo Teste de Apercepção Temática (TAT), para avaliar a motivação para realização dos meninos.

Analisando, inicialmente, os dados da família brasileira, o autor assinalou que várias das suas características se relacionam com a classe social, com o meio urbano ou rural, com a região, além de aspectos de origem étnica das pessoas. Contudo, um tipo de família encontrada em qualquer parte do Brasil, é o que o autor denominou de família autoritária com o pai dominador. Neste tipo de família, o marido é a pessoa privilegiada e tem sempre a palavra final nas decisões importantes. Por outro lado, a mulher aparece com uma po

sição inferior à do esposo, tanto social como psicológicamente, esperando-se que ela seja submissa, respeitável e passiva. Seu principal papel é o de manter o lar e cuidar dos filhos.

Os dados mostraram, ainda, que no Brasil mais do que no E.U.A, a criança tende a ser mais frequentemente acariciada e mimada, inclusive até idade mais avançada. Há uma forte tendência para os pais serem superprotetores e indulgentes e isto parece refletir, segundo o autor, uma concepção da cultura brasileira que se refere à criança como uma criatura frágil, que deve ser protegida e necessita de constantes cuidados. Ligado a isto, está o fato de os pais brasileiros apresentarem menos ênfase sobre o treinamento da criança em realização e independência. Assim as mães brasileiras tendem menos que as americanas a elogiar, por exemplo, as atividades e qualidades da criança que a levam a ser mais independente.

Os pais brasileiros tendem a ter um elevado grau de controle autoritário nos cuidados da criança. As crianças devem ser submissas e respeitadoras o tempo todo, especialmente em relação ao pai. Mas a mãe também é dominadora e, como está muito em contato com a criança, é o principal agente disciplinador, e ambos os pais tendem a permanecer, ao longo da vida, exercendo forte influência na vida dos filhos.

Muito mais que nos E.U.A, a criança brasileira é mais severamente disciplinada quanto à manifestação de agressão e hostilidade, em direção aos pais e irmãos. A mãe americana, por outro lado, temendo prejudicar as iniciativas da criança, mais do que no Brasil, permitiriam a expressão da agressão na criança. A mãe brasileira, menos preocupada com este aspecto, tenderia a ver a agressão da criança como uma possibilidade de ruptura e ameaça de sua autoridade. E nisto é, ainda, reforçada pelo marido que tende a ser menos tolerante que ela quanto à agressão da criança.

Continuando, Rosen salientou que, embora nem todos os meninos de sua amostra brasileira provinham de família autoritária com pai dominador, os dados colhidos através dos testes com as crianças mostraram que os me ni nos br asi lei ros, mais frequentemente que os americanos, sentem que seus pais interferem muito e são inacessíveis à sua argumentação, não enfatizando seu treino para autoconfiança e autonomia. Enfim, a criança de família autoritária recebe menos treino em realização e independência. Não é encorajada a ser independente e até, é impedida nos seus esforços para auto-confiança e autonomia. Frente a autoridade muito forte a criança vive submissa, não aprendendo a exercer poder e responsabilidade e apresenta - se muito dependente.

Como as agressões sofrem severas represálias, a criança evitaria agredir mesmo quando este comportamento estivesse associado à competição. Além disto, não só através do controle manifesto, mas inclusive através do alto envolvimento, da superproteção e dos cuidados, a cri an ça br asi lei ra poderia se sentir dominada pela mãe.

Enfim, o autor concluiu que o autoritarismo, o excesso de proteção e indulgência, com o menino da família brasileira autoritária, estão relacionados ao fa to de este ser, em média, menos motivado para a realização, do que o menino americano.

Outro estudo comparativo entre sociedades, baseado em entrevista de 136 pais e mães americanos e sici li anos, buscou encontrar fatores comuns nas duas cul tu ras para explicar as atitudes parentais em relação às prá ticas educativas (Peterson & Migliorini, 1967). As análi ses mostraram que apenas através de duas dimensões - con trole e afeição - era possível encontrar invariância e ele vado grau de generalidade transcultural. As práticas de socialização nestas duas dimensões foram, então, computadas separada e conjuntamente para pais e mães das duas sociedades.

A principal diferença encontrada foi de que os pais sicilianos eram mais severos no controle manifesto que exerciam sobre sua criança sendo, também mais rígidos do que os americanos, sobretudo em dois tipos de comportamentos da criança: sexual e agressivo. Nestas duas áreas, os pais americanos eram mais complacentes e tolerantes aos comportamentos da criança do que os sicilianos.

Por outro lado uma pequena diferença apareceu quanto à afeição, mostrando que as mães americanas pareciam dispensar um pouco mais de calor e eram um pouco menos severas do que as sicilianas. Contudo, o pai americano não diferiu do pai siciliano quanto à afeição e hostilidade.

Assinalaram, por fim, que os pais americanos eram mais inclinados a usar elogios como processo disciplinar do que os sicilianos. Constataram também um espaço maior dentro da família americana do que na siciliana, para discórdias e discussões sobre qualquer assunto.

Segundo Mussen et al (1977) há grandes diferenças no modo de se criarem as crianças pequenas em diferentes sociedades. As concepções dos pais de como devem proceder para transformar a criança num adulto ideal, bem como as noções que têm sobre a natureza da criança, influenciam sobremaneira o modo como irão lidar com a criança. Cita, como exemplo, o caso da Índia onde a criança é tida como bastante incontrolável e não deve-se permitir que falte com respeito a alguém. Disto decorrem práticas educativas bastante diferentes das encontradas nos E.U.A, onde a criança é vista como relativamente "indefesa" e deve ser, assim estimulada em seu desenvolvimento (p. 192).

Num estudo comparativo entre mães japonesas e americanas, realizado por Caudill (1969) e citado por Mussen et al (1977), o autor assinalou que as diferentes filosofias e atitudes frente ao bebê, existentes nestas duas sociedades, levavam as mães a apresentar comportamentos diferentes.

Mães japonesas concebiam o bebê como fundamentalmente independente e ativo e elas deveriam acalmá-lo, levando-o a ser dependente delas. As mães americanas, por outro lado encaravam o bebê como essencialmente passivo e dependente e era importante torná-lo mais ativo e independente, através de suas práticas educativas.

Portanto, percebemos, com este levantamento da literatura, a variedade de práticas educativas parentais, existentes nas sociedades. Estas diferenças, como foi salientado, relacionam-se, em última instância, às concepções e valores existentes em cada sociedade, e determinam, em grande medida, as práticas educativas adotadas pelos pais na socialização da criança.

1.5 - Aspectos Invariantes Relacionados às Práticas Educativas

Transcendendo as diferenças dentro de uma sociedade e mesmo as variações interculturais citadas acima, acreditamos que é possível isolar algumas variáveis que mais comumente estão associadas às práticas educativas dos pais frente a criança.

Um estudo interessante neste sentido foi realizado por Osterrieth (1970), que buscou encontrar as variáveis mais significativas que estariam diretamente relacionadas ao processo educativo da criança. Classificou estas variáveis como sendo: de ordem material e física; composição do grupo familiar; personalidade dos pais; tipo de relação existente entre os pais e atitudes parentais frente a criança e ao processo educativo. Esta última variável, para o autor, é de suma importância e resulta, em grande medida, do efeito das demais variáveis. Assinalou, ainda, que os princípios conscientes e um tanto racionais em que, às vezes, baseiam-se as ações dos pais, não são mais do que justificativas e racionalizações de ati

tudes, cuja origem escapa ao racional e é mais profunda. En fim, as experiências da criança com seus pais dependem mais dos comportamentos destes do que dos princípios que defendem.

Para este autor, existem duas séries de fe nômenos nos quais se baseiam os comportamentos dos adultos para com a criança. De um lado, as atitudes da pessoa fre nte ao fato de ser pai ou mãe, em relação à infância e o con ceito que estas pessoas têm do papel dos pais e da família. Por outro lado, devem ser levadas em consideração as rea ções profundas que desencadeiam no adulto uma criança espe- cífica, e o significado que esta adquire para ele. Ser pai ou mãe altera a imagem que as pessoas fazem de si, além de suscitar um conjunto de sentimentos e lembranças de seus próprios pais e do conceito que tinham deles. Modifica - se também a relação entre cônjuges, desenvolvendo-se um signi- ficado particular em cada caso.

Osterrieth mostrou, ainda, que os adultos apresentam estereótipos frente à criança, que repercutem no comportamento parental. Algumas pessoas podem ficar admira- das pela ingenuidade e encanto da criança; outros podem ver a criança como causadora de incômodos e disputas; ou como um momento para penosos cuidados; uma oportunidade para brin car com um boneco; um animalzinho que deve ser evitado; uma ocasião para acompanhar o desenvolvimento humano ou ainda como a principal razão de ser da família. Ao mesmo tempo, os pais reagem a uma determinada criança em função de suas ca racterísticas físicas e psicológicas, tornando-se fonte de felicidade ou decepção.

Enfim, o conjunto de estereótipos individu- ais e do grupo social em relação à infância, como período do desenvolvimento, e a uma criança específica ou, ainda, em relação à família, concorrem para determinar as caracterís ticas das práticas educativas para com a criança.

Já temos, portanto, à nossa frente um conjunto de variáveis, algumas de grande abrangência, que se mostram relacionadas às práticas educativas.

Resumindo, podemos assinalar como sendo importantes as diferenças históricas em uma sociedade, em seus subgrupos, ou ainda variações entre duas ou mais sociedades. Igualmente significativas, são as condições sócio-econômicas e as características pessoais dos pais e da criança, bem como da estrutura familiar, ao estudarmos as atitudes dos pais em relação à criança, em determinada sociedade.

2 - CAMPO TEÓRICO

2.1 - Modelos Teóricos sobre as Atitudes e Práticas Educativas

Frente ao conjunto de variáveis relaciona das às atitudes e práticas educativas que a mãe adota para com a criança, várias das quais assinalamos acima, nada me lhor do que termos um modelo teórico que organize estas va riáveis de tal modo que consigamos entender seu possí - vel efeito causal e de interação sobre as atitudes mater - nas, que é nosso objeto de estudo neste trabalho. Através deste modelo, teremos uma visão do conjunto das possíveis re lações entre práticas educativas e as variáveis com que man têm relações. Por outro lado, este modelo nos auxiliará na interpretação dos dados obtidos através do nosso estudo cor relacional, que será exposto no Capítulo III do presente trabalho.

Uma das tentativas de construção de um mo delo teórico amplo, que ajudasse a compreender a relação en tre os adultos e as crianças foi o proposto por Whiting (1964). Na verdade o autor estava preocupado em entender a relação entre as práticas educativas e o desen - volvimento da personalidade da criança e do adulto, em di ferentes culturas. Buscou saber em que grau o tipo de tra tamento que a criança recebia, repercutiria no seu comporta mento e na sua vida adulta.

O delineamento utilizado para a pesquisa ten tava avaliar, tão acuradamente quanto possível, as práti cas de treino da criança, e hipotetizava sobre as diferen ças individuais e culturais, intra e interculturalmente, nas seis culturas estudadas.

O autor partiu do pressuposto de que a ecologia da área determina o sistema de manutenção onde desenvolve-se a economia básica, e dá algumas características à estrutura social. Por outro lado, esta economia básica contribui, por exemplo, para a distribuição das pessoas no espaço, para o tipo de moradias e para algumas características da composição familiar. Salientou, contudo, que a ecologia fornece apenas um parâmetro genérico sobre o qual se estrutura a organização social. A partir destes parâmetros a composição familiar, as relações de vizinhança e dos grupos sociais dão as variações no treino da criança. O autor representou gráficamente este seu modelo, que pode ser visto na Fig. 1.1.

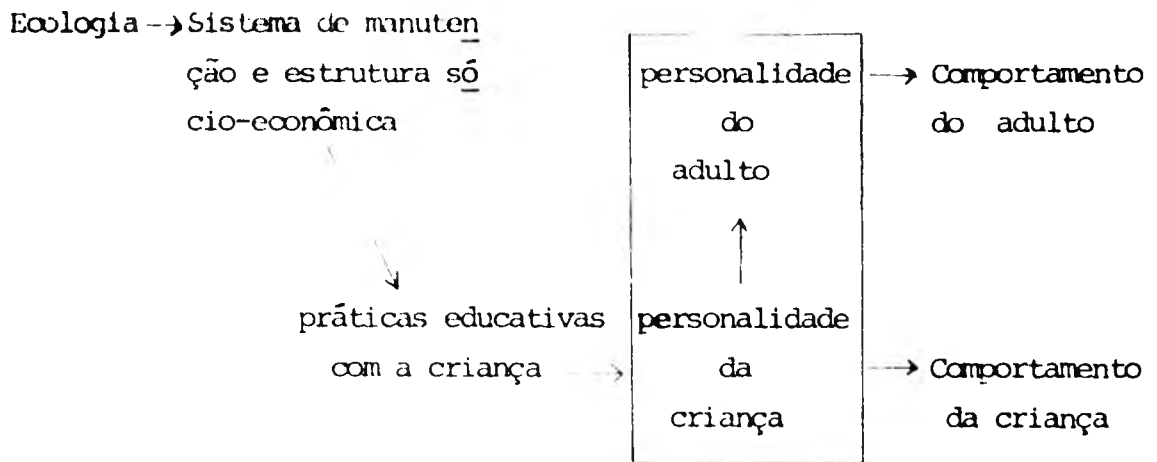


Fig. 1.1 - Modelo teórico proposto por Whiting (1964, p.5)

Vemos que, neste esquema conceitual, que o autor apresentou a ecologia, a economia e a organização social como contribuindo na determinação dos comportamentos das pessoas e em suas práticas educativas para com a criança.

Ao fazer seu estudo, o autor, além de seguir este modelo, dividiu suas observações em dois mo

O autor partiu do pressuposto de que a ecologia da área determina o sistema de manutenção onde desenvolve-se a economia básica, e dá algumas características à estrutura social. Por outro lado, esta economia básica contribui, por exemplo, para a distribuição das pessoas no espaço, para o tipo de moradias e para algumas características da composição familiar. Salientou, contudo, que a ecologia fornece apenas um parâmetro genérico sobre o qual se estrutura a organização social. A partir destes parâmetros a composição familiar, as relações de vizinhança e dos grupos sociais dão as variações no treino da criança. O autor representou graficamente este seu modelo, que pode ser visto na Fig. 1.1.

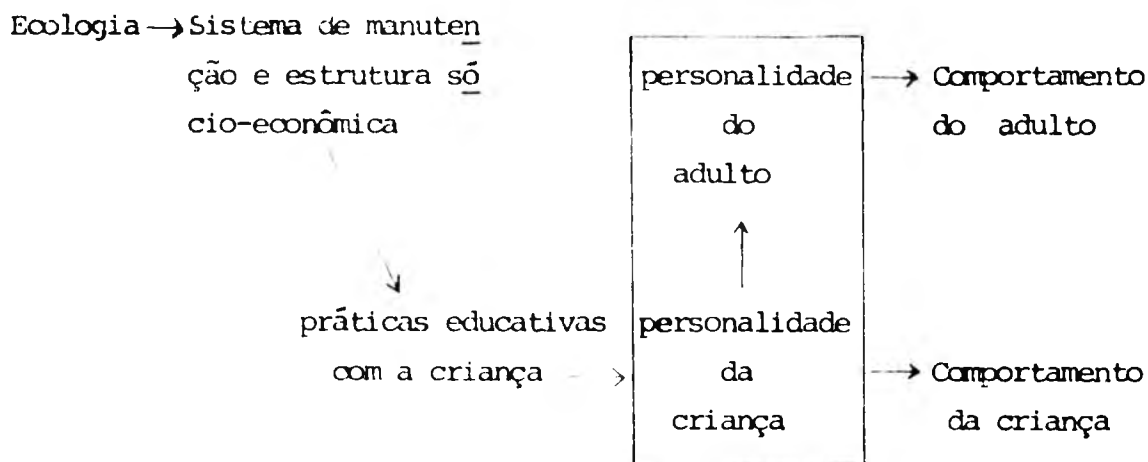


Fig. 1.1 - Modelo teórico proposto por Whiting (1964, p.5)

Vemos que, neste esquema conceitual, que o autor apresentou a ecologia, a economia e a organização social como contribuindo na determinação dos comportamentos das pessoas e em suas práticas educativas para com a criança.

Ao fazer seu estudo, o autor, além de seguir este modelo, dividiu suas observações em dois mo

mentos: no primeiro, preocupava-se basicamente em compreender o sistema de manutenção e a organização social e política da sociedade estudada dentro da qual se desenvolviam as práticas educativas. Num segundo momento, descrevia especificamente estas práticas estudando, sobretudo, a relação entre a mãe e a criança. Entretanto, não construiu um modelo teórico específico que englobasse os diferentes modos de a mãe tratar a criança. Restringiu-se a descrever estas práticas educativas, associando-as às variáveis salientadas no modelo exposto na Fig. 1.1.

Um modelo teórico mais específico, restrito ao modo como as mães se relacionam com a criança, sem levar em consideração as variáveis mais amplas, foi proposto por Schaefer (1959 e 1965b). Este autor tentou estabelecer um conjunto de relações entre conceitos que se referiam ao modo como a mãe se comporta com a criança, partindo do pressuposto de que os padrões das experiências infantis e as práticas de cuidados da criança contribuem para o desenvolvimento da personalidade.

No seu primeiro modelo, o autor usou o "modelo circular" proposto por Guttman (1954) para análises fatoriais, que consiste em dispor os fatores numa ordem circular, que não apresenta começo nem fim. Seguindo este autor, Schaefer definiu o universo do conteúdo a ser estudado antes de ordenar os dados, limitando seu estudo ao comportamento social e emocional da mãe em relação a uma criança individual. Ele excluiu deste contexto outras variáveis que só indiretamente estariam relacionadas ao comportamento materno. Como exemplo destas variáveis, cita o comportamento da mãe para com outras pessoas que não a criança, como cooperação com o examinador, sociabilidade e dependência, bem como outras situações específicas como dificuldades financeiras.

Schaefer baseou seu primeiro modelo em dois estudos que realizou sobre a relação mãe-criança, e em comparações com outras pesquisas empíricas. Os dados destes trabalhos foram similares e puderam ser interpretados em termos de duas dimensões bipolares assim denominadas: autonomia vs controle, e amor vs hostilidade, representadas por diversos fatores que abrangiam estas dimensões principais.

Como alguns espaços do modelo circular estavam menos representados que outros pelos dados colhidos nas pesquisas, o autor projetou os pólos opostos das variáveis já incluídas no modelo, conseguindo, com isto, um modelo hipotético adequadamente representado.

Schaefer salientou que variáveis importantes no desenvolvimento da criança foram omitidas nesta sua análise. Isto porque, segundo acreditava, muitas variáveis do comportamento parental não estariam altamente relacionadas com o universo de conteúdo que ele definiu e estudou, que foi o comportamento emocional e social da mãe frente à criança. Embora outras dimensões poderiam ser estudadas, isto não afetaria, segundo ele, a ordem circular que existe neste universo específico.

Revisando seu trabalho e outros estudos empíricos e teóricos, Schaefer (1965 b) acrescentou mudanças no modelo teórico que tinha proposto anteriormente.

Realizou um estudo usando o "Children's Report of Parental Behavior Inventory" (CRPBI - Schaefer, 1965 b), cujos itens cobriam os fatores propostos por diversos estudos e, entre eles, os fatores assinalados como importantes pelo modelo circular para o comportamento materno (Schaefer, 1959). As análises se propuseram a verificar se os dados colhidos de crianças e de adultos replicariam a estrutura do conceito sobre comportamento parental,

salientada por diversos estudos.

O instrumento foi aplicado para grupos de crianças e de adultos, e a análise fatorial mostrou que a estrutura fatorial extraída destas populações independentes era semelhante quanto ao esquema conceitual sobre o comportamento parental.

Os resultados, somados à revisão da literatura, indicaram alterações no modelo circular para o comportamento materno, proposto por Schaefer (1959). Ao invés de duas dimensões principais, o autor mostrou a existência de três dimensões como exposto graficamente na Fig. 1.2, através de um modelo conceitual esférico. Num dos eixos encontramos Aceitação vs Hostilidade, definido, entre outros aspectos, pela atitude da mãe de avaliação positiva, interesse, expressão de afeição, apoio emocional, tratamento igualitário e no pólo negativo por negligência, desconsideração e rejeição. A segunda principal dimensão, Autonomia Psicológica vs Controle Psicológico, expressa a idéia da atitude de respeito à criança como um ser independente, em oposição à intrusão, direção parental e controle por medo, que descrevem os métodos encobertos de controlar as atividades da criança, não permitindo o desenvolvimento da criança como separada dos pais. A terceira dimensão é definida pela Disciplina Laxa vs Autoritarismo Extremo, e expressa o grau com que os pais estabelecem regras, limitando as atividades da criança, exigindo o cumprimento destas regras.

Um estudo, comparando dados americanos e belgas, foi realizado por Renson, Schaefer e Levy (1968), e buscou validar o modelo conceitual esférico proposto por Schaefer (1965 b). Baseando-se neste estudo, e em outras pesquisas empíricas, os autores tinham como objetivo verificar se as dimensões e estrutura conceitual do comportamento parental eram similares entre as duas sociedades.

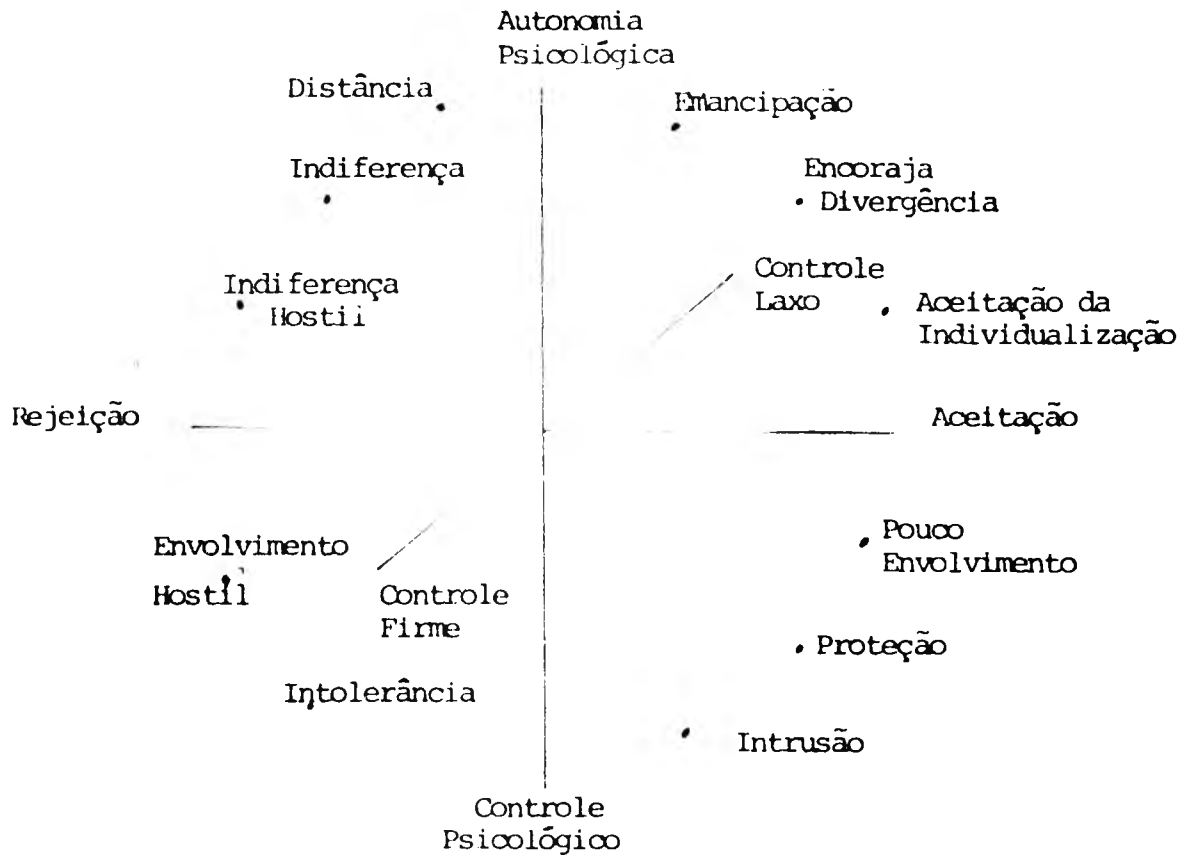


Fig. 1.2 Modelo esférico do comportamento parental frente à criança de Schaefer (1965 b).

Os resultados deste trabalho mostraram as três dimensões principais encontradas pelos estudos anteriores e possibilitaram a construção de um modelo conceitual esférico para explicar o comportamento parental frente à criança, que era semelhante ao proposto por Schaefer (1965 b).

Estes achados, segundo os autores, referendaram a validade de um único esquema conceitual para comportamentos dos pais de ambos os sexos, com dados colhidos através de crianças dos dois sexos. Embora reconheceram que existiam diferenças nos escores, se consideravam o sexo dos pais e da criança, a estrutura fatorial comum sugeriu que a percepção era igualmente organizada para diferentes grupos culturais.

2.2 - Proposta de um Modelo Teórico sobre as Práticas Educativas Maternas

Vemos, pelo exposto acima, que ao estudar - mos as práticas educativas com a criança podemos utilizar tanto um modelo teórico amplo como o proposto por Whiting (1964), ou outro mais específico como o de Schaefer (1965 b). O primeiro, leva em consideração o conjunto de variáveis mais amplas que estariam relacionadas às atitudes parentais, sem contudo se referir aos modos específicos de os pais tratarem a criança. Por outro lado, o segundo modelo se refere especificamente ao modo dos pais tratarem as crianças, sem contudo considerar as variáveis mais amplas que estariam influenciando estas atitudes.

Na verdade, não há um modelo teórico que explique as atitudes maternas frente à criança, e que seja expressão do consenso dos estudiosos na área. Portanto, sem querermos esgotar o assunto, gostaríamos de propor um modelo teórico, baseado na literatura que expusemos, e que nos auxiliará a entender as diversas relações entre as variá-veis associadas à atitude da mãe em relação a criança.

Concordamos com o modelo esférico proposto por Schaefer (1965 b), que acreditamos mostrar as principais dimensões sobre o modo de a mãe lidar com a criança. Contudo, é importante compreendermos as variáveis que contribuem na determinação das atitudes maternas através de relação direta ou pela interação entre elas. Em função desta nossa preocupação, aproximamo-nos, também, do modelo de Whiting (1964) e dos outros autores citados anteriormente, que fizeram referências a diversas variáveis importantes para o entendimento deste problema (por exemplo Osterrieth, 1970).

Apresentamos na Fig. 1.3 a representação gráfica de nossa proposta sobre um modelo teórico explicativo das atitudes e práticas educativas maternas em relação à criança.

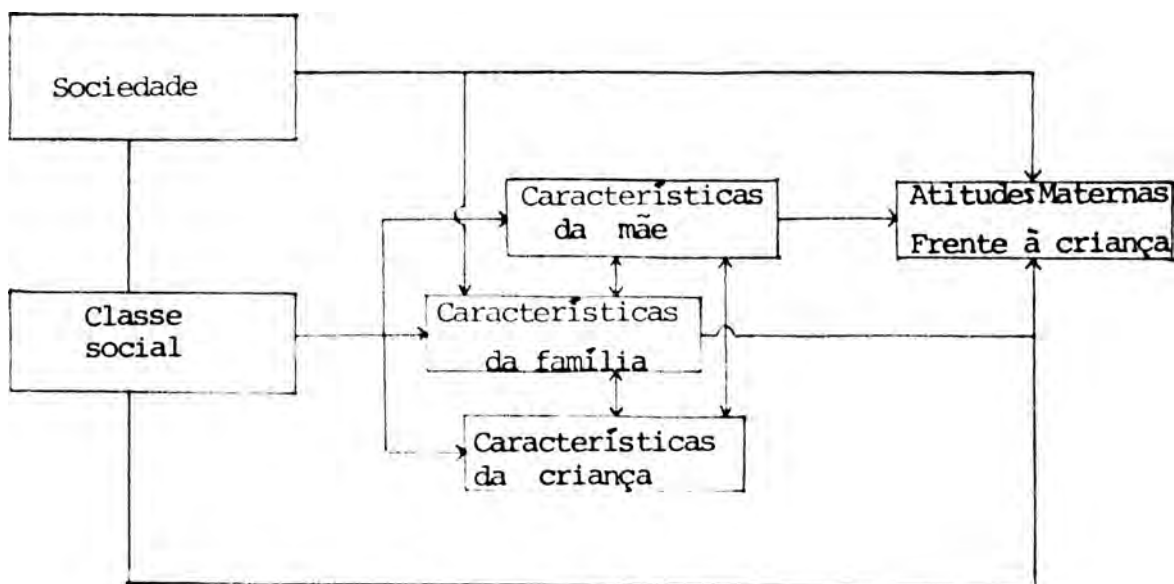


Fig. 1.3 - Modelo Teórico explicativo das atitudes maternas frente a criança.

Com este modelo, queremos assinalar várias relações entre variáveis que acreditamos, contribuem para caracterizar a atitude e comportamentos maternos em relação à criança.

Como vimos anteriormente, as mães de diferentes sociedades diferem quanto ao modo de cuidarem da criança. Na verdade, as maneiras de tornar-se humano são tão variadas quanto as diversas culturas (Berger & Luckmann, 1976). Como assinalam estes autores os homens em conjunto produzem um ambiente humano e "a relação entre homem, o produtor e o mundo social, produto dele, é e permanece sen

do uma relação dialética, isto é o homem e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro" (p. 87).

Mas o indivíduo não nasce um ser social e, sim, com predisposições que o capacitam para ser membro da sociedade. Através do processo de socialização, a criança vai sendo introduzida no mundo social. E, neste processo, geralmente os pais são as figuras que se destacam filtrando para a criança o mundo social não só em função de sua localização na estrutura social, mas também por características pessoais (Berger & Luckermann, 1976). Assim, por exemplo, uma criança pobre não somente absorverá uma perspectiva própria da classe inferior sobre a sociedade, mas também, com alguns matizes característicos dos próprios pais.

Com estas colocações queremos enfatizar que a sociedade como um todo, assim como o tipo de estrutura social que possui, influem diretamente nas famílias e nas atitudes maternas frente à criança. Como diz Ajuriaguerra (1976) "o marco familiar e suas características estão intimamente ligadas as estruturas de uma determinada sociedade" (p.669). A sociedade interfere na família e na relação mãe-criança não só pelos valores, crenças e normas sociais que a mãe adquiriu, mas também porque esta relação se processará dentro de uma determinada comunidade.

Por outro lado, a existência de classes sociais dentro da sociedade contribui com características específicas para as práticas educativas da mãe frente à criança. As atitudes e práticas educativas da mãe refletirão, em última instância, os diferentes valores da classe social onde a mãe se situa (Kohn, 1959 e 1963).

Acreditamos que tanto a família da mãe como a classe social a que pertence, associadas às suas características intrínsecas como indivíduo, dão à mãe uma série de características pessoais. Estas características maternas agi

do uma relação dialética, isto é o homem e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro" (p. 87).

Mas o indivíduo não nasce um ser social e, sim, com predisposições que o capacitam para ser membro da sociedade. Através do processo de socialização, a criança vai sendo introduzida no mundo social. E, neste processo, geralmente os pais são as figuras que se destacam filtrando para a criança o mundo social não só em função de sua localização na estrutura social, mas também por características pessoais (Berger & Luckermann, 1976). Assim, por exemplo, uma criança pobre não somente absorverá uma perspectiva própria da classe inferior sobre a sociedade, mas também, com alguns matizes característicos dos próprios pais.

Com estas colocações queremos enfatizar que a sociedade como um todo, assim como o tipo de estrutura social que possui, influem diretamente nas famílias e nas atitudes maternas frente à criança. Como diz Ajuriaguerra (1976) "o marco familiar e suas características estão intimamente ligadas as estruturas de uma determinada sociedade" (p.669). A sociedade interfere na família e na relação mãe-criança não só pelos valores, crenças e normas sociais que a mãe adquiriu, mas também porque esta relação se processará dentro de uma determinada comunidade.

Por outro lado, a existência de classes sociais dentro da sociedade contribui com características específicas para as práticas educativas da mãe frente à criança. As atitudes e práticas educativas da mãe refletirão, em última instância, os diferentes valores da classe social onde a mãe se situa (Kohn, 1959 e 1963).

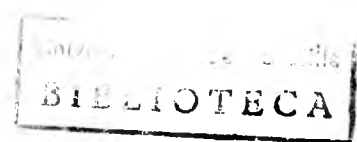
Acreditamos que tanto a família da mãe como a classe social a que pertence, associadas às suas características intrínsecas como indivíduo, dão à mãe uma série de características pessoais. Estas características maternas agi

rão diretamente na relação mãe-criança. A personalidade da mãe, sua escolaridade, profissão, idade, entre outras, são variáveis importantes, que, acreditamos, também interferem na atitude que a mãe terá frente à criança.

Por outro lado, o tipo de relação que a mãe mantém com o marido (Hoffman, 1960), a distribuição dos papéis familiares (Poster, 1979), o tamanho da família (Hurley & Hohn, 1971), a estabilidade da família (McCord, McCord & Thurber, 1963) entre outras características da estrutura da família, interferem na relação mãe-criança. Obviamente, na determinação de vários aspectos da estrutura familiar, contribuem, como assinalamos no modelo, tanto as características da mãe e da criança, como os padrões e normas da classe social e da sociedade onde a família se encontra.

Indicamos também no modelo que a criança não aparece como um ser passivo às ações da mãe, mas que ela é ativa nesta relação (Hoffman, 1975; Marcus, 1975). A criança, com suas características físicas e de personalidade, relaciona-se dialeticamente com sua mãe, influenciando as atitudes que a mãe terá em suas práticas educativas com a criança. Estas características da criança contribuirão, como já dissemos, para o estabelecimento das relações dentro da família, em função, por exemplo, do seu sexo (Margolin & Patterson, 1975), de sua normalidade (Garfield & Helper, 1962), de sua idade (Prothro, 1966).

Assinalamos, também, que algumas características físicas e de personalidade da criança, podem ser reflexo de suas condições de vida, em função de sua pertinência a determinada classe social.



-5MAR82 02953

Enfim, as variáveis que assinalamos parecem se relacionar com a atitude da mãe frente à criança, e isto se torna mais evidente através dos trabalhos empíricos que citamos. Algumas destas variáveis possuem maior peso e explicam grande parte da variação total da atitude da mãe.

Acreditamos que a maioria das variáveis assinaladas apresentam tanto um efeito direto nas atitudes maternas, como também um efeito de interação entre elas, dando algumas características adicionais à atitude da mãe.

É bom lembrarmos que, com este modelo, não pretendemos esgotar as discussões em torno das variáveis relacionadas às atitudes e práticas educativas maternas, nem tampouco explicitar com certeza o modo como estas variáveis interagem entre si. Nosso modelo se constitui, antes de mais nada, num instrumento de trabalho específico para a pesquisa que desenvolvemos e deve-se portanto ter o cuidado de não generalizá-lo indevidamente.

3 - ESTUDOS EMPÍRICOS QUE AVALIARAM VARIÁVEIS RELACIONADAS ÀS ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MATEERNAS

3.1 - Introdução

Vários estudos empíricos têm sido realizados, buscando estabelecer a relação entre diversas variáveis e as atitudes e práticas educativas maternas. Nosso objetivo, agora, é o de fazer uma revisão bibliográfica de algumas pesquisas, que possam mostrar mais claramente as relações que assinalamos no modelo teórico exposto na Fig. 1.3. Acreditamos que isto facilitará nossa visão do conjunto de influências que recebe a mãe nas práticas educativas. Contudo, não teremos condições de fazer uma revisão exaustiva da literatura, sobretudo em relação a todas as variáveis implícitas no modelo e portanto nos restringiremos a três conjuntos. O primeiro diz respeito às características maternas, o segundo às características da criança e o último se refere ao tamanho da família.

Quanto às características maternas abordaremos sobretudo a classe social, avaliada em termos de renda, sua escolaridade, se a mãe tem emprego ou não e a sua idade. Embora a personalidade da mãe seja uma variável significativa (Stern, Caldwell, Hersher, Lipton & Richmond, 1969; Minton, Kagan & Levine, 1971), ela não será revisada neste trabalho, como de modo geral tem sido feito por quase todos os autores. Pois, como estes, estamos mais interessados nas atitudes da mãe enquanto membro de um grupo social não em função de suas características pessoais. Também não analisaremos as influências da família de origem da mãe, embora autores tenham mostrado

relação entre o modo como as pessoas percebem que foram criadas pela sua família e o modo como educam seus próprios filhos (Graves, Walters & Stinnett, 1974).

Quanto às características da criança revisaremos somente as variáveis sexo e idade sem tocarmos na variável "desajustamento" que a criança possa apresentar. Salientamos isto porque embora algumas pesquisas assinalam certas relações entre problemas de comportamento da criança e as atitudes da mãe frente ao filho (Garfield & Helper, 1962; Dielman & Cattell, 1972 e Paulson, Schwemer, Afifi & Bendel, 1977), não abordaremos esta variável nesta revisão bibliográfica.

Analisaremos ainda uma pesquisa sobre número de filhos que a mãe possui, pois acreditamos que esta variável também seja importante na determinação das atitudes e práticas educativas maternas.

3.2. Variáveis Relacionadas à Mãe

As primeiras pesquisas que revisaremos são as relacionadas à classe social e escolaridade da mãe.

Muitos estudiosos objetivaram saber se o fato da mãe pretencer a uma determinada classe implica que ela apresente algumas atitudes específicas frente à criança. Na verdade, dada as deficiências metodológicas e em função de dificuldades de definições operacionais e de escolha da amostra, muitos estudos que enfocaram a variável classe social são bastantes frágeis a críticas.

Baseando-nos em Hess (1970), classe social será entendida em nossa revisão como "indicador de diferenciações hierárquicas significantes dentro da sociedade" (p. 355). Como fez Hess em sua revisão bibliográfica não nos deteremos em tentar distinguir entre os termos usados nas diversas pesquisas para indicar a diferenciação social, a

não ser em alguns estudos onde o autor tenha dado alguma ênfase especial ao usar um termo específico. Isto não quer dizer que as distinções entre os diferentes termos usados como sinônimos de classe social não sejam importantes, como assinalou o autor.

Os termos classe social, nível profissional, status social ou status sócio-econômico, na maioria dos casos poderiam ser considerados sinônimos, pois, referem-se à estratificação sócio-econômica da sociedade.

Alguns dos problemas existentes nas pesquisas sobre classe social e socialização da criança, foram assinalados por Hess (1970, 345-346), a saber:

- 1) falta de uniformidade nas técnicas para incluir os indivíduos numa categoria sócio-econômica;
- 2) uso de categorias amplas como classe média, por exemplo, que não permite distinções entre profissionais liberais e trabalhadores burocráticos ou outros profissionais, cujas condições de trabalho e de vida são diferentes;
- 3) as análises dos dados ressaltam tendências centrais de classe, mais do que variações dentro de cada grupo de status econômico, originando imagens estereotipadas de cada classe social;
- 4) dificuldades de distinções entre classe social e outras variáveis como origem étnica.

Ao revisarmos as pesquisas sobre a relação entre classe social e práticas educativas, percebemos que várias fontes foram utilizadas para classificar os pais em termos de classe social, como por exemplo: renda familiar, profissão do pai e da mãe e condições de moradia entre outros. Visto que em nosso estudo correlacional, que

será relatado no Capítulo III, utilizaremos a renda familiar, como índice de classe social, nós procuramos nesta revisão de pesquisas, nos deter nos trabalhos que também utilizaram a renda como índice de classe social. Assim, embora nem todas as pesquisas que descreveremos a seguir utilizaram a renda familiar como sinônimo de classe social, todas de algum modo levaram em consideração também, este índice, ao classificar os grupos de mães em classes.

Um outro índice também utilizado para diferenciar os indivíduos em termos de classe social é o nível de escolaridade.

A escolaridade da mãe, embora possa ser analisada separadamente, está na verdade muito correlacionada com a sua classe social, em função da estreita relação entre classe social e nível educacional. Os trabalhos de pesquisa poucas vezes se detiveram em análises específicas sobre o efeito da escolaridade nas atitudes maternas. Mesmo porque é bastante difícil fazermos determinadas relações, como por exemplo, estudar um grupo de mães de classe baixa, mas com nível de escolaridade elevado. Ou então é raro termos um grupo de classe alta sem escolaridade. Assim, as comparações entre nível educacional e práticas educativas são dificilmente realizadas sem termos que considerar concomitantemente a classe social da mãe.

Mas para efeito de clareza vamos inicialmente expor os dados de pesquisas que se referem especificamente à relação entre classe social, avaliada sobretudo pela renda, e as atitudes e práticas educativas maternas. Num segundo momento abordaremos os dados de pesquisas que se referem à escolaridade da mãe e sua relação com as atitudes e práticas educativas.

3.2.1. Classe Social da Mãe

Visto que os estudiosos têm usado diferentes métodos de pesquisa investigar a variável classe so

cial, propomos inicialmente separar estas pesquisas de a cordo com o método utilizado. Com este procedimento facilitaremos as comparações e a avaliação do trabalho em termos metodológicos. Três métodos têm sido comumente utiliza dos: observação, questionários e entrevistas.

Antes de expormos as diferentes pesquisas sobre classe social e práticas educativas maternas, gosta ríamos de fazer uma referência especial ao trabalho de Bronfenbrenner (1958; citado por Hess, 1970) que revisou os estudos realizados nos Estados Unidos entre os anos de 1928 e 1957 e se constitui num dos trabalhos mais citados pelos diversos pesquisadores. O autor salientou que os pais de classe média utilizavam com seus filhos um tipo de disciplina orientada pela retirada de amor, desaprovacão, vergonha e culpa, enquanto os pais de classe baixa utilizavam mais punição física. As mães de classe média ti nham relações mais democráticas e de aceitação com suas crianças e as de classe baixa mostravam-se mais preocupa das com os padrões externos de conduta, exigindo da crian ça respeito às normas e obediência à autoridade.

Utilizando dados de observação de 40 mães e crianças de classe baixa brincando numa situa ção experimental e também dados colhidos por outros au tores que pesquisaram em condições semelhantes, mas com mães de classe média e alta, Walters, Connor & Zunich (1964) concluíram que existiam muitas diferenças nos pa drões de interação mãe-criança em função da classe social da mãe. Na situação experimental, as mães de classe média e alta interagiram mais com a criança do que as mães de classe baixa e com maior frequência apresentaram compor tamentos de dirigir, ajudar, estruturar a brincadeira e ensinar. Os dados de observação sugeriram, segundo os au tores que a criança de classe média e alta, em contraste ' com as de classe baixa, "viviam em um mundo de dominação parental" (p. 439).

Num estudo semelhante, Zunich (1971) encontrou também diferenças significativas quando comparou os dados colhidos por observação em laboratório de mães de classe baixa interagindo com a criança, com estudos realizados por outros autores em condições semelhantes, mas com mães de classe média e alta. Concordando com o estudo descrito acima, Zunich também mostrou que, ao contrário das mães de classe baixa, as de classe média e alta apresentaram com muita frequência comportamentos de dirigir, ajudar, estruturar a brincadeira, brincar interagindo e ensinar. Embora o autor salientasse a dificuldade em comparar diferentes estudos, ele acreditou que estas diferenças sugeriam uma relação entre classe social e comportamento materno.

Analisando dados de um estudo longitudinal de observação da relação mãe-criança, que estava sendo realizado durante décadas nos Estados Unidos, Waters & Crandall (1964), buscaram estabelecer a relação entre status social da mãe e as atitudes em relação à criança. Os dados de uma amostra de 107 mães provinham de observações diretas na casa dos sujeitos e se referiam a três períodos ao redor dos anos de 1940, 1950 e 1960. Quatro conjuntos de dados foram reunidos referindo-se aos cuidados maternos e proteção ao bebê, comportamento afetivo da mãe, comportamento coercitivo, e clareza da política de práticas educativas usadas pela mãe. Nos três períodos considerados não foram encontradas correlações significativas entre classe social e os cuidados e proteção do bebê, ou em relação ao comportamento afetivo da mãe. A classe social apareceu mais claramente associada com o comportamento materno de coerção. Em todos os períodos e em especial no de 1960, o nível do status social da mãe estava negativamente associado com comportamentos de coerção nas práticas educativas. Mães de status elevado demonstraram ser menos ditatoriais e menos severas nas punições por de

sobediência. Em todos os três períodos, quanto mais alto o nível sócio-econômico da mãe, menos ela apresentava tendência para impor normas restritivas.

Uma revisão relativamente recente dos trabalhos que se basearam em observação da relação mãe-criança, mostrou que os resultados eram semelhantes quando se referiam ao fato de que as mães de classe média eram atentas, respondiam mais, davam mais explicações e evitavam usar punição (Hess, 1970). Contudo, as diferenças com as mães de classe baixa, segundo o autor, não mostravam que estas últimas eram mais controladoras, mas que as diferenças estavam mais no tipo de controle utilizado por ambos os grupos.

Um segundo método de pesquisa freqüentemente usado para as pesquisas sobre a atitude da mãe frente à criança são os questionários. Alguns colhem os dados ãa partir das crianças e adultos que são solicitados a descreverem o comportamento de sua mãe, enquanto outros questionários são aplicados a própria mãe. Dentre este último tipo sobressai-se o "Parental Attitude Research Instrument" (PARI, Schaefer & Bell, 1958), que se propõe a avaliar as atitudes e comportamentos da mãe em relação a criança.

Revisando os estudos que usaram o PARI, Hess (1970) mostrou que estas pesquisas indicavam que o fator Controle Autoritário estava negativamente relacionado com a profissão do pai e com outras medidas de classe social.

Estudando a atitude materna como função da classe social da mãe e da normalidade do filho, Garfield & Helper (1962) aplicaram o PARI num total de 147 mães. Duas amostras tinham filhos normais, mas um grupo era de classe alta e outro de classe baixa. A terceira amostra

tinha mães de todas as classes, mas com filhos com suspeita de retardo mental. Verificaram que os dois grupos com crianças normais apresentaram muita discrepância na média dos escores em 19 escalas do questionário como função do status sócio-econômico da mãe. As mães do terceiro grupo, por outro lado, apresentaram uma média de escores intermediária às outras duas amostras.

É bom lembrarmos, contudo, que pode ter sido a "anormalidade" das crianças que levou as mães deste último grupo a apresentar escores semelhantes, mesmo sendo de diferentes classes sociais. Os resultados endossaram outros trabalhos revisados pelos autores, que assinalaram que os escores em autoridade controladora eram menores em grupos de mães de altos status - econômico.

Dois outros trabalhos também usaram o PAPI procurando estabelecer a relação entre classe social e atitude materna em relação à criança. Pesquisando 628 mães belgas, Boeck (1976) mostrou que os resultados indicaram que as mães de classe baixa davam menos autonomia e menos amor do que as mães de classe média e alta. Por outro lado, os escores no fator de autoridade controladora apareceram negativamente correlacionados com a classe social da mãe. Quanto menor o status econômico da mãe, maiores foram seus escores no fator autoridade controladora.

Um trabalho metodologicamente semelhante a este, mas com resultados parcialmente diferentes, foi realizado por Ramey & Campbell (1976) que estudaram 28 mães negras americanas de classe baixa com filhos com suspeita de retardo mental e 34 mães randomicamente escolhidas da população. As mães de classe baixa descreveram-se através do PARI como mais autoritárias, menos democráticas e menos hostis e rejeitadoras que as mães do grupo controle. É bom lembrarmos que estes resultados podem ser devido ao

fato de que as mães da amostra de classe baixa tinham crianças com suspeita de retardo mental, fato que o autor não salientou suficientemente.

Graudenz, Kraak & Hauer (1979) desenvolveram uma escala e avaliaram a atitude de mães de crianças' com 5 e 6 anos. Utilizaram como amostra 372 mães americanas de classe baixa, média-baixa e alta. Alto status social apareceu também correlacionado negativamente com controle e punição e positivamente com afirmação, amizade, aceitação e educação sexual.

Enfim, percebemos que as pesquisas que utilizaram questionários para avaliar a atitude materna em relação à criança salientaram frequentemente diferenças, significativas em função da classe social. Embora não haja consenso nos trabalhos apresentados acima, em relação ao fator afeição-rejeição, verificamos certa tendência nestas pesquisas em assinalar que as mães de classes baixa manifestariam menos afeição e dariam menos autonomia às crianças do que as de classe média e alta.

Quanto ao fator punição verificamos maior concordância entre os resultados destes estudos, assinalando que as mães de classe baixa são mais restritivas, controladoras e autoritárias do que as mães de classe média e alta.

Contudo, é bom lembrarmos que os dados colhidos através de questionários são bastantes sensíveis ao nível educacional da mãe, especialmente no que se refere ao fator autoritarismo (Becker & Krug, 1965).

Utilizando-se de entrevistas com 400 mães, e outras com pais e crianças, Kohn (1959) pesquisou o uso de punição pelos pais e mães americanos. Dividiu as famílias em classe média e trabalhadora e mostrou que a prin

principal diferença existente entre estes dois grupos quanto à punição de suas crianças, era em termos das condições na qual utilizavam punição. Nenhum dos dois grupos mostrou que usava a punição como o primeiro recurso quando a criança desobedecia. Mas se a criança persistia na desobediência, então os pais usavam a punição. A condição em que puniam ou continham o comportamento da criança por punição variava nas duas classes. Na classe trabalhadora os pais respondiam mais provavelmente em termos das consequências imediatas das ações da criança, enquanto na classe média os pais respondiam mais frequentemente interpretando as intenções da criança. Na verdade, como assinalou o autor, os pais diferiam em seu comportamento em função dos valores diferentes nas duas classes sociais.

Endossando os achados de seu trabalho anterior Kohn (1963), mostrou que as diferenças de valor que apareceram ligadas às atitudes e comportamentos dos pais frente a criança, relacionavam-se com as condições de vida das duas classes sociais consideradas. Mostrou mais uma vez que os pais de classe baixa agiam preferencialmente pelas consequências das ações da criança, ao invés de considerarem as intenções, motivos e sentimentos que a criança teria ao agir, como faziam os pais de classe média. Com o seu comportamento, segundo o autor, os pais de classe baixa salientavam a importância da criança não transgredir as regras e normas exteriores e salientavam os valores existentes na classe baixa que enfatizam o conformismo às normas. Portanto, os pais, de ambas as classes, veriam a desobediência da criança de modo diferente. Comportamentos inadequados da criança, que poriam os pais de classe baixa em ação não provocariam necessariamente reações nos de classe média e vice-versa.

Baseando-se no método de entrevistas e também em observações, Bayley & Schaefer (1960) encontraram

resultados semelhantes aos assinalados anteriormente, no estudo que revisaram de Sears, Maccoby e Lewin (1957), que tinham verificado que as mães de classe média geralmente eram mais permissivas, menos punitivas e expressavam mais calor do que as mães da classe trabalhadora.

No seu trabalho Bayley & Schaefer mostraram que as mães de classe alta apresentavam tendência para atitudes de calor, aceitação e permissividade, enquanto as de classe baixa apresentavam atitudes de dominação, controle e punição. Analisando separadamente os escores, estas características eram ainda mais evidentes nas mães de meninos do que de meninas.

Num trabalho posterior usando também dados de entrevista e observação Bayley & Schaefer (1964) encontraram resultados semelhantes, mostrando que mães de classe alta eram mais cooperativas, igualitárias e afeiçoadas com a criança, enquanto as de baixo status eram mais irritadas, punitivas e ignoravam mais a criança.

Entrevistando casais com filhos, Hoffmann (1963) buscou estabelecer a relação entre autoritarismo e uso de poder em mães e pais de classe baixa e média americana. Conseguiu dados significativos das mães de classe média, referendando o que a literatura revisada já havia salientado no sentido de que estas mães, nas suas práticas educativas com a criança, apresentavam certa autoconsciência e deliberadamente utilizavam princípios defendidos por educadores. As mães de classe média tendiam a apresentar menos comportamentos relacionados com obediência imediata da criança e mais com objetivos amplos, levando em consideração as capacidades da criança. Concluiu Hoffmann que esta orientação da mãe inibia a manifestação mais direta da expressão de poder, por exemplo, através de punição física e ordens, embora usasse outros métodos de controlar a criança.

Entrevistando 497 mães gregas de classe média, trabalhadora e camponesa, Prothro (1966) verificou as similaridades e diferenças existentes nas práticas educativas da criança nestes três grupos sociais.

Apesar das semelhanças nas três amostras em termos de idade, religião, nacionalidade, estrutura familiar e outras variáveis, elas mostraram diferenças de classe social nas suas práticas educativas para o bebê e a criança mais velha. O autor classificou as respostas maternas em permissividade com o bebê, permissividade com a criança, calor materno, disciplina e expectativa nos papéis parentais. Os resultados mostraram que as mães de classe média descreviam-se como menos permissivas com o bebê e mais permissivas com a criança, do que as mães de classe baixa. Por outro lado, as mães camponesas eram mais permissivas com o bebê do que as mães dos outros dois grupos. As mães de classe média pareciam ser também mais calorosas com a criança que as outras mães e para disciplinar utilizavam mais técnicas psicológicas e amor do que punição física, que acreditavam não ser uma técnica efetiva. Por fim, os pais de classe média auxiliavam mais frequentemente as mães nos cuidados do bebê e da criança e consultavam mais as mães para tomar decisões do que os pais de classe baixa.

Prothro também comparou as mães de classe média gregas com as americanas de classe média e verificou que elas eram semelhantes em sua permissividade, na expressão de calor, no tratamento das crianças, no uso de disciplina orientada por amor e na sua participação nas decisões familiares. Sobressaiu-se apenas uma diferença, segundo o autor, que foi o fato das mães de classe média americana se mostrarem mais permissivas ao bebê do que as de classe média grega.

No Brasil, um trabalho pioneiro na tentativa de verificar as diferenças de práticas educativas da mãe para com a criança como função de diferenças de classe social da mãe, foi realizado por Santos & Garcia (1976).

Estudaram através de entrevista 60 mães com pelo menos um filho maior de 12 meses, e encontraram diferenças significativas entre as atitudes de mãe de nível sócio-econômico alto e baixo.

As mães de elevado status econômico reconheciam mais do que as mães de baixo status, a influência do treino dos hábitos sobre o desenvolvimento da criança e tendiam a iniciá-lo mais tarde, assim como aceitavam mais a sexualidade infantil e suas manifestações. Ambos os grupos enfatizaram a importância do pai nas práticas educativas embora as mães de elevado status econômico salientaram mais o seu papel. Os dois grupos reconheceram a importância da escola, mas as mães de baixo status econômico enfatizavam a escola somente quanto à aprendizagem formal. Uma das hipóteses levantadas inicialmente pelas autoras era de que as mães de baixo status econômico valorizariam mais a autonomia da criança do que as mães de elevado status, já que as crianças do primeiro grupo deveriam mais cedo aprender a se cuidar sozinhas. Não encontraram, contudo, diferenças significativas neste aspecto, o que, segundo as autoras pode estar expressando ou uma tendência nas respostas das mães de elevado status econômico, ou a tendência atual e geral da mãe valorizar a autonomia da criança em função das exigências sociais que mais cedo reivindicam maior auto-suficiência das pessoas.

Enfim, percebemos nestes estudos que todos verificaram algumas diferenças no modo como a mãe cuida da criança em função de sua classe social. Embora não

haja concordância geral quanto às características das variações, isto se deve provavelmente não só às diferenças metodológicas das pesquisas, mas também, em função da amostra utilizada, das diferenças conceituais e de definição de classe social.

Mas apesar dos diferentes achados poderíamos tentar uma síntese, mostrando que a maior tendência nestas pesquisas, independentemente do método utilizado, foi assinalar que as mães de classe baixa tendem a ser mais autoritárias, controladoras e punitivas com a criança do que as mães de classe média e alta. Devemos salientar, também, que alguns autores assinalam sobretudo diferenças em termos de métodos utilizados para controlar a criança, mais do que diferenças quanto a quantidade de punição utilizada por ambas as classes.

Torna-se mais difícil, contudo, generalizarmos os dados colhidos destas pesquisas, quanto ao comportamento materno de afeição e hostilidade. Na verdade, encontramos tantos trabalhos que salientam que as mães de classe média e alta seriam, por exemplo, mais calorosas, afetivas e cooperativas do que as de classe baixa, bem como pesquisas que não salientam diferenças significativas nestes aspectos como função da classe social.

3.2.2. Nível Educacional da Mãe

Os poucos trabalhos que conhecemos e que fazem afirmações sobre a correlação entre nível educacional e práticas educativas maternas objetivaram inicialmente estudar a importância da classe social da mãe, levando em consideração a escolaridade apenas em termos de variável adicional. De qualquer modo, colocamos a seguir alguns dados específicos sobre a relação entre o nível de escolaridade da mãe e as suas práticas educativas, encontrados em umas poucas pesquisas, algumas das quais já nos re

ferimos acima quando abordamos a variável classe social da mãe.

Segundo o trabalho de Schaefer & Bell (1958) as mães de alto nível educacional tinham usualmente mais atitudes de aprovação nas suas práticas educativas. Os da dos endossaram o estudo de Maccoby & Gibbs (1954) que ti nham assinalado que as mães de baixo nível educacional tendiam a ter menos atitudes de aprovação para com a cri ança.

Estudando mães de classe média e alta, Yar row (1961) constatou que se o emprego da mãe era ignorado, o fato dela ter curso superior, ou apenas o segundo grau não se relacionava a diferenças nas práticas educativas. Contudo, se o emprego da mãe fosse considerado juntamente com seu nível educacional e suas práticas de criação da criança, então várias interações eram encontradas.

As mães universitárias ou do segundo grau, sem emprego, diferiam mais nas práticas educativas do que as mães com emprego de ambos os nível de escolaridade. Nas mães que trabalhavam a única diferença que se sobressaia é que as universitárias tinham elevados escores em sensibilidade para as necessidades da criança e as do segundo grau tendiam a encarar o pai como tendo um papel mais se vero frente à criança.

Contudo, as mães universitárias sem emprego apresentavam mais freqüentemente do que as do segundo grau escores em afirmações como: educar para a independên cia, mostrar sensibilidade, ser consistente em princípios e práticas, definir limites, e adequação à maternidade.

Mantendo constante o nível educacional, a autora verificou que as mães de nível de segundo grau e empre gadas, comparadas com as sem emprego, mantinham a criança sob controle,

exigindo-lhe mais responsabilidade. Embora não tenham diferido a nível significativo, as universitárias, com ou sem emprego, apresentaram uma tendência oposta a esta e menos mães propunham uma educação para a independência que exigisse demasiado da criança.

Utilizando o PARI como questionário para obter dados sobre as atitudes de mães de nível sócio-económico diferentes e algumas com filhos com suspeita de retardo mental, Garfield & Helper (1962), verificaram relação entre nível educacional da mãe e seus escores no fator Controle Autoritário do referido instrumento.

Assinalaram que as mães com crianças normais, não diferiam de mães com crianças anormais em suas atitudes frente à criança, quando o nível educacional da mãe fosse mantido constante. Mostraram, com isto, que o nível educacional é um importante fator nas práticas educativas da mãe com a criança, mesmo quando o filho apresentava anormalidade.

Revisando a literatura que utilizou o PARI, Becker & Krug (1965) salientaram que muitos estudos que utilizaram este questionário mostraram forte relação entre o nível educacional da mãe e alguns fatores avaliados pelo instrumento, especialmente o fator Controle Autoritário. Por outro lado, as atitudes de hostilidade e rejeição não se mostraram significativamente correlacionadas com o nível educacional da mãe. Na verdade, como salientaram os autores, as evidências mostravam que tipos específicos de experiência educacional da mãe levariam a que ela apresentasse determinadas respostas no PARI. Por exemplo, citando Zuckerman (1958), assinalaram que as práticas educativas ideais comunicadas para as mães por psicólogos e educadores acentuavam técnicas democráticas e permissivas e atingiam mais provavelmente as mães que frequentaram mais tempo a escola ou que tinham mais acesso às revistas e livros.

Um trabalho feito anteriormente pelos autores (Becker & Krug, 1964) tentou verificar se a correlação entre nível educacional e atitudes restritivas levantadas por um questionário que tinham construído, seria semelhante às atitudes maternas de restrição avaliadas por entrevistas. Os dados mostraram que a correlação entre atitudes rígidas da mãe e seu nível educacional eram significativamente específico de dados obtidos por questionários. O estudo mostrou, portanto, que se deveria ter cuidado em generalizar a correlação entre nível educacional e atitudes de rigidez da mãe, a partir dos dados originados em questionários. Os autores não quiseram, com isto, mostrar que não há relação entre nível educacional e práticas educativas. Apenas assinalaram que os questionários se mostravam muito sensíveis a determinadas respostas das mães em função de sua escolaridade, sobretudo por dois aspectos: de um lado, o fato de que as mães de baixo nível educacional apresentam comumente forte moralismo e princípios religiosos, o que vai afetar suas respostas, e por outro, pelo fato dos pais de elevada escolaridade tenderem a rejeitar as afirmações mais radicais expostas nos questionários.

Revisando também a literatura que usou o PARI, Hess (1970) salientou, do mesmo modo que o trabalho descrito acima, que a atitude materna de controle autoritário mostrava-se, em muitos trabalhos, negativamente correlacionada com o nível educacional da mãe. Alguns dados também mostraram que mesmo dentro de uma classe social, o nível educacional se mostrava negativamente correlacionado com o fator controle. Além disto, verificou que a escolaridade da mãe não se correlacionava com o fator hostilidade-rejeição e em poucos trabalhos encontrou alguma relação entre educação da mãe e expressão de afeição.

O nível educacional da mãe se mostrou um bom preditor da tendência da mãe em ser instrutiva e autoritária de acordo com o trabalho desenvolvido por Minton, Kagan e Levine (1971). Os resultados de sua pesquisa

indicaram uma relação negativa entre nível educacional da mãe e proibições instrutivas. Os autores explicaram que provavelmente a escolaridade da mãe refletia em seus objetivos e na sua teoria sobre práticas educativas. As mães com elevada escolaridade provavelmente acreditavam que a autonomia e responsabilidade seriam traços desejáveis para suas crianças e que elas educariam para a autonomia, dando liberdade ao filho. Além disto, estas mães seriam mais receptivas para a ênfase atual em permissividade, pois temeriam as conseqüências da restrição das ações da criança, que a levaria a ter medo e ser hostil, podendo inclusive vir a apresentar problemas de desajustamento. Por outro lado, as mães de menor escolaridade teriam receio de que a liberdade criaria rebeldia e preguiça na criança frente às atividades escolares. Estas mães pareciam também defender muito a doutrina de que se deve dizer o que a criança pode ou não fazer.

Entrevistando mães brasileiras de nível sócio-econômico superior e inferior com o objetivo de verificar as diferenças nas práticas educativas nos dois grupos sociais, Santos & Garcia (1976) salientaram um possível viés nas respostas das mães de elevado nível educacional. O grupo de mães com maiores informações apresentaram com muita frequência, respostas que seriam as esperadas, o que levou as autoras a pensarem que estas mães poderiam estar procurando "fazer bonito" frente à entrevistadora. Mostraram que as respostas pareciam corresponder mais a julgamentos teóricos do que a comportamento destas mães frente à criança. Contudo, salientaram as autoras que não se poderia desconsiderar o fato de que diferenças reais de atitude materna para com a criança poderiam decorrer de maior número de informações sobre o desenvolvimento infantil que as mães com mais escolaridade geralmente possuem.

Visualizamos, portanto, a partir destas pesquisas, que o nível educacional da mãe é uma variável

cordo com a atitude da mãe em relação ao seu emprego (Hoffman, 1959). O estudo levantou dados sobre mães empregadas, que gostavam ou não de seu trabalho e também sobre donas-de-casa e das crianças de ambos os grupos. As mães empregadas e que gostavam do seu trabalho, apresentavam certa culpa e tendiam a compensar isto, demonstrando, mais afeição à criança, disciplinando-a adequadamente e fazendo-lhe menos exigências. Estas mães relataram mais sentimentos de simpatia, menos sentimentos hostis e exigiam menos disciplina severa do que as donas-de-casa. Por outro lado, mães que não gostavam do seu emprego, apresentavam elevada culpa e mostravam menos afeto positivo, e mais exigências para com a criança. Estas mães sentiam-se menos envolvidas com a criança e esta, por sua vez, apresentava-se mais assertiva e hostil.

As crianças de mães empregadas que gostavam, ou não, do seu trabalho foram descritas pela professora como mais dependentes do que as crianças daquelas sem emprego. E para os meninos, cujas mães não gostavam do seu trabalho esta relação foi ainda mais significativa, apresentando mais dependência.

Uma crítica feita por Stolz a este trabalho de Hoffman foi de que na verdade tanto a mãe que apresentava afeição ao trabalho como afeição à criança estaria apenas expressando uma característica própria de sua personalidade e não especificamente uma ligação entre aquelas duas variáveis entre si.

A revisão de Stolz não chega a ser conclusiva visto o grande número de descobertas diferentes e mesmo opostas, a respeito do efeito que o emprego da mãe produz na criança. Como o próprio autor expressou, pode-se dizer várias coisas sobre a relação entre mãe empregada e a criança e mesmo apoiar as afirmações em algumas pesquisas, mas são necessários maiores estudos para enten

cordo com a atitude da mãe em relação ao seu emprego (Hoffman, 1959). O estudo levantou dados sobre mães empregadas, que gostavam ou não de seu trabalho e também sobre donas-de-casa e das crianças de ambos os grupos. As mães empregadas e que gostavam do seu trabalho, apresentavam certa culpa e tendiam a compensar isto, demonstrando, mais afeição à criança, disciplinando-a adequadamente e fazendo-lhe menos exigências. Estas mães relataram mais sentimentos de simpatia, menos sentimentos hostis e exigiam menos disciplina severa do que as donas-de-casa. Por outro lado, mães que não gostavam do seu emprego, apresentavam elevada culpa e mostravam menos afeto positivo, e mais exigências para com a criança. Estas mães sentiam-se menos envolvidas com a criança e esta, por sua vez, apresentava-se mais assertiva e hostil.

As crianças de mães empregadas que gostavam, ou não, do seu trabalho foram descritas pela professora como mais dependentes do que as crianças daquelas sem emprego. E para os meninos, cujas mães não gostavam do seu trabalho esta relação foi ainda mais significativa, apresentando mais dependência.

Uma crítica feita por Stolz a este trabalho de Hoffman foi de que na verdade tanto a mãe que apresentava afeição ao trabalho como afeição à criança estaria apenas expressando uma característica própria de sua personalidade e não especificamente uma ligação entre aquelas duas variáveis entre si.

A revisão de Stolz não chega a ser conclusiva visto o grande número de descobertas diferentes e mesmo opostas, a respeito do efeito que o emprego da mãe produz na criança. Como o próprio autor expressou, pode-se dizer várias coisas sobre a relação entre mãe empregada e a criança e mesmo apoiar as afirmações em algumas pesquisas, mas são necessários maiores estudos para enten

dermos adequadamente todas as variáveis implicadas nesta relação.

Na verdade, o fato da mãe trabalhar fora de casa ou ser dona-de-casa não é a única variável importante, a ser estudada. Nem tampouco, o fato da mãe gostar ou não do seu emprego, se opõe ao fato da mãe ser dona-de-casa. É necessário também saber se a dona-de-casa gosta ou não de sua situação e então compararmos os quatro grupos (Yarrow, 1961). Esta autora encontrou grandes diferenças nas práticas educativas maternas, quando estudou as mães separadamente em quatro grupos: empregadas satisfeitas e insatisfeitas com seu trabalho e donas-de-casa satisfeitas e insatisfeitas com sua situação. Verificou que se as mães estavam insatisfeitas com sua situação, isto influenciava muito no seu papel de mãe, especialmente quando consideradas as donas-de-casa. Por outro lado, se as mães estavam no seu papel preferencial, empregadas ou não, isto fazia pouca diferença em suas práticas educativas para com a criança. A autora salientou apenas duas diferenças entre as mães empregadas satisfeitas e as donas-de-casa também satisfeitas, a saber : as donas-de-casa apresentaram e levados escores em sensibilidade para as necessidades da criança e em adequação à maternidade.

Entretanto, quando as mães insatisfeitas com sua situação foram comparadas apareceram diferenças nas áreas de controle, satisfação emocional, confiança nas práticas educativas e adequação à maternidade. Donas-de-casa insatisfeitas relataram mais rebeldia em suas crianças, freqüentes disputas por controle entre elas e a criança, menos satisfação emocional e confiança. A soma dos escores em adequação à maternidade mostrou-se também significativamente maior nas mães empregadas e insatisfeitas do que nas donas-de-casa insatisfeitas.

Mães insatisfeitas com seu emprego mais do que as satisfeitas tendiam a não explicitar limites à

criança e referiam-se como sendo o pai o mais severo com a criança. Descreveram-se como estimulando a independência da criança, dando-lhe mais responsabilidade embora encontravam sua criança menos disposta a tomar decisões do que aquelas de mães satisfeitas com seu trabalho.

Finalizando, Yarrow comparou mães sem emprego e insatisfeitas com aquelas sem emprego, mas satisfeitas e constatou que as primeiras não explicitavam claramente limites para a criança, eram menos consistentes entre princípios e práticas, apresentavam mais disputas pelo controle com a criança, menos satisfação emocional, menos confiança nas práticas educativas e menos adequação a maternidade.

A autora estabeleceu também algumas correlações entre emprego da mãe e o nível educacional na caracterização das práticas educativas, como vimos quanto tratamos da variável escolaridade da mãe.

O fato da mãe trabalhar fora de casa, ou não foi correlacionado num estudo longitudinal com dois tipos de estrutura familiar, estável e instável, a fim de se verificarseu possível efeito nas práticas educativas maternas e no comportamento do menino (McCord, McCord & Thurber, 1963). Comparando mães com emprego provenientes de lares estáveis e de lares instáveis, os autores mostraram que as primeiras eram menos punitivas, menos superprotetoras e propiciavam menos frustração para o menino. Por outro lado, comportamentos de dependência do menino eram mais frequentes em lares com a mãe empregada do que quando ela era dona-de-casa. E acentuava-se consideravelmente esta dependência quando o menino era de lares instáveis com a mãe empregada. Nestes lares o emprego da mãe poderia ser visto pelo menino como rejeição e por isto eles tendiam a ser mais dependentes fora de casa. Em lares estáveis o emprego da mãe correlacionava-se com o descréscimo do status do pai, rivalidade entre os cônjuges e aumento de

ansiedade sexual do menino. Em lares instáveis, contudo, o emprego materno apresentava-se correlacionado, com o aumento de dependência e desajustamentos nos meninos e jovens.

Os autores concluíram que o efeito do emprego da mãe no desenvolvimento da criança parece ser bastante dependente do ambiente familiar, e o emprego apresentará diferentes sentidos em lares estáveis e instáveis.

Partindo de uma revisão da literatura, Siegel & Haas (1963) buscaram dar uma resposta à expectativa de que as diferenças entre as crianças de mães trabalhadoras e donas-de-casa estivessem ligadas em parte às diferenças nas práticas educativas da mãe para com o filho. Concluíram que havia poucas evidências fortes que poderiam sustentar esta expectativa. A descoberta mais genérica foi de que as mães empregadas não diferiam das outras quanto às suas atitudes e modos de criar a criança. Contudo, se elas fossem consideradas separadamente em função de outras variáveis como sua atitude para com o trabalho, sua satisfação ou insatisfação, então sim, surgiam algumas diferenças.

Na verdade, as características específicas encontradas por Siegel & Haas, na estrutura familiar como função da mãe ser empregada ou dona-de-casa, não foram muito significativas e poderíamos destacar as seguintes: as famílias de mães trabalhadoras são menores; há mais igualdade na divisão de autoridade e todos os membros da família participam mais da rotina caseira e as atitudes maternas em relação às práticas de socialização são pouco diferentes daquelas adotadas pelas donas-de-casa.

Uma revisão mais recente da literatura foi feita por Hoffman (1974) que encontrou evidência para sustentar quatro hipóteses (p.204): 1) as mães com emprego proporcionam um papel materno diferente com relação às donas-de-casa; 2) o emprego afeta o estado emocional da mãe (dando-lhe satisfação, tensão ou culpa), influenciando a

interação mãe-criança; 3) as exigências situacionais e o estado emocional alterado afetam as práticas educativas para com a criança e 4) as mães empregadas proporcionam menos supervisão adequada da criança.

Como mostrou Hoffman, alguns estudos indicaram que a mãe empregada enfatiza independência e maturidade em sua criança mais que as não empregadas. Contudo, esta relação dependeria da idade da criança, da classe social e nível educacional da mãe. Outras pesquisas mostraram que as crianças de mães trabalhadoras apresentavam mais responsabilidade em casa. A exceção ocorria em relação às mães de crianças muito pequenas com maior nível educacional e que gostavam do seu trabalho.

Quanto ao uso de disciplina surgiram três conjuntos de afirmações à partir dos diferentes trabalhos revisados pelo autor. A primeira hipótese fracamente sustentada é a de que as mães que trabalham deixam mais frequentemente sua criança sem cuidados ou supervisão. Uma segunda hipótese foi a de que em função da maior demanda feita à mãe trabalhadora, esta pode ser mais severa e exigir da criança mais conformidade às normas. E a terceira possibilidade foi a de que as mães seriam razoáveis em disciplina em função da sua consciência e esforços em compensar sua ausência.

Concordamos com Hoffman quando afirma que existe certa dificuldade em se fazer inferências à partir das diversas pesquisas, porque muitos estudos tentaram, em primeiro lugar, estabelecer alguma correlação entre o emprego da mãe e as características do filho, passando, então, a especular algumas relações que poderiam ser encontradas. Em função disto, poucos dados temos em relação às diferenças entre as práticas educativas da mãe trabalhadora e dona-de-casa. Além disto, percebemos que diferenças metodológicas, de conceituação e de escolha da amostra, dificultam as comparações para se tentar estabelecer as semelhanças entre os dois grupos de mães.

A partir dos estudos revisados, podemos dizer que o fato da mãe ter um emprego ou ser dona-de-casa,

interação mãe-criança; 3) as exigências situacionais e o estado emocional alterado afetam as práticas educativas para com a criança e 4) as mães empregadas proporcionam menos supervisão adequada da criança.

Como mostrou Hoffman, alguns estudos indicaram que a mãe empregada enfatiza independência e maturidade em sua criança mais que as não empregadas. Contudo, esta relação dependeria da idade da criança, da classe social e nível educacional da mãe. Outras pesquisas mostraram que as crianças de mães trabalhadoras apresentavam mais responsabilidade em casa. A exceção ocorria em relação às mães de crianças muito pequenas com maior nível educacional e que gostavam do seu trabalho.

Quanto ao uso de disciplina surgiram três conjuntos de afirmações à partir dos diferentes trabalhos revisados pelo autor. A primeira hipótese fracamente sustentada é a de que as mães que trabalham deixam mais frequentemente sua criança sem cuidados ou supervisão. Uma segunda hipótese foi a de que em função da maior demanda feita à mãe trabalhadora, esta pode ser mais severa e exigir da criança mais conformidade às normas. E a terceira possibilidade foi a de que as mães seriam razoáveis em disciplina em função da sua consciência e esforços em compensar sua ausência.

Concordamos com Hoffman quando afirma que existe certa dificuldade em se fazer inferências à partir das diversas pesquisas, porque muitos estudos tentaram, em primeiro lugar, estabelecer alguma correlação entre o emprego da mãe e as características do filho, passando, então, a especular algumas relações que poderiam ser encontradas. Em função disto, poucos dados temos em relação às diferenças entre as práticas educativas da mãe trabalhadora e dona-de-casa. Além disto, percebemos que diferenças metodológicas, de conceituação e de escolha da amostra, dificultam as comparações para se tentar estabelecer as semelhanças entre os dois grupos de mães.

A partir dos estudos revisados, podemos dizer que o fato da mãe ter um emprego ou ser dona-de-casa,

por si só não levará a grandes diferenças nas atitudes e práticas educativas que terá com sua criança. Contudo, o emprego da mãe terá uma correlação significativa com as práticas educativas maternas, se for analisado conjuntamente com outras variáveis, como a atitude materna frente ao emprego, satisfação ou insatisfação com sua situação atual, características de instabilidade ou estabilidade da estrutura familiar.

3.2.4 Idade da Mãe

Já vimos até aqui três variáveis associadas à mãe e que se mostraram importantes na caracterização de suas práticas educativas para com a criança, a saber : classe social, nível educacional e sua situação de empregada ou dona-de-casa. A quarta variável que nos propusemos revisar é quanto à relação entre idade da mãe e as práticas educativas que adota frente à criança.

Apesar das pesquisas trazerem dados sobre a faixa etária das mães, pouco conhecemos sobre análises específicas que tenham sido feitas com o intuito de estabelecer a relação entre idade da mãe e suas atitudes frente à criança. Apesar disto, continuamos acreditando que é possível encontrar certas diferenças nas atitudes e práticas educativas em função da idade da mãe.

Utilizando uma amostra de jovens para validar sua escala sobre atitudes parentais nas práticas educativas, Pumroy (1966 - Maryland Parent Attitude Survey) assinalou, a partir dos dados obtidos, que a idade dos sujeitos apareceu correlacionada com os fatores de disciplina e rejeição.

Os sujeitos com mais idade, de ambos os sexos, apresentaram um índice menor de escores em disciplina e maior em rejeição do que os sujeitos mais jovens.

Comparando os resultados obtidos por Pumroy (1966) com os dados obtidos por uma pesquisa realizada com mães, usando a mesma escala, Slough, Kogan & Tyler (1978) assinalaram que apareceram diferenças significativas em duas das quatro dimensões estudadas, ou seja: disciplina, indulgência, proteção e rejeição.

Os estudantes pesquisados por Pumroy tiveram maiores escores na escala de disciplina e menores na escala de rejeição do que as mães do grupo pesquisado por Slough et al. Segundo estes autores os resultados sugeriram que havia diferenças entre atitudes de mães e não mães e que não era apropriado usar os dados colhidos por Pumroy para compará-los com resultados de grupos de mães. Assinalaram também os autores que, possivelmente, a principal diferença entre os dois grupos foi em função da idade dos sujeitos.

Lamentavelmente, não temos neste momento outros dados empíricos, além destes, que nos mostram algumas relações entre idade da mãe e sua atitude frente à criança.

3.3. - Variáveis Relacionadas à Criança

3.3.1. Sexo dos Filhos

Diversas pesquisas têm sido realizadas buscando entender as possíveis variações nas atitudes e comportamentos parentais como função do sexo da criança. De modo geral, os estudos não se restringiram unicamente a mães, mas também ao pai, em constantes comparações. E apesar de termos especial interesse no que se refere à mãe, também mencionaremos o pai, já que as pesquisas comumente abordaram ambos.

Existe muita divergência na literatura que aborda a relação entre sexo da criança e atitudes parentais. Encontram-se desde pesquisas que mostram muitas vari

ações no modo como os pais lidam com a criança em função do sexo do filho, até trabalhos que não salientam diferenças significativas em muitos aspectos.

Como vimos, quando nos referimos ao nível sócio-econômico, Bayley & Schaefer (1960), mostraram que mães de classe média e alta apresentavam mais atitudes de calor, aceitação e permissividade, enquanto as de classe baixa, mais tendência e atitudes de dominação, punição e controle. Segundo estes autores, estas diferenças eram mais evidentes quando consideravam os escores de mães de crianças do sexo masculino comparadas com as mães de crianças do sexo feminino. Além disto algumas diferenças específicas apareceram quando foram consideradas as atitudes de autonomia e controle, junto com a classe social. Os dados indicaram que os bebês masculinos de alto status social e os bebês femininos de mães de baixo status social pareciam receber mais autonomia e liberdade da mãe.

Bayler & Schaefer assinalaram, ainda, que os seus dados endossaram os resultados obtidos em um estudo revisado de Sear, Maccoby e Lewin (1957) que tinham mostrado que as mães expressavam mais calor para a menina e permitiam mais agressões nos meninos. Estes, por outro lado, recebiam mais punição física com o objetivo de controlar seu comportamento do que a menina.

Estudos com base na descrição do comportamento parental, por parte da criança, também indicaram dados semelhantes. Utilizando-se deste método Droppleman & Schaefer (1963) verificaram que tanto a mãe como o pai foram descritos pela menina como dando maior amor, afeição e cuidados do que pelo menino. Os meninos relataram significativamente mais hostilidade e tratamento negativo de ambos os pais. Ainda neste estudo, os autores verificaram que os meninos descreviam que recebiam mais controle direto e indireto do que a menina, de ambos os pais e especialmente do pai. Apareceu uma pequena tendência nos pais do mesmo sexo para serem descritos como usando mais controle direto, possessividade e proteção.

Usando também o método de descrição do comportamento parental, feita por 635 crianças, através de questionário Armentrout & Burger (1972) verificaram que as meninas mostraram maior aceitação parental que os meninos, embora a diferença não fosse significativa em algumas idades. Por outro lado, a mãe foi descrita pelas crianças como expressando mais aceitação do que o pai. Os meninos mais do que as meninas descreveram ambos os pais como mais controladores psicologicamente e especialmente a mãe, segundo os meninos, utilizariam este tipo de controle.

Os autores se referiram controle psicológico como "um método psicológico e encoberto de controlar as atividades e comportamentos da criança, não permitindo que ela se desenvolva como um indivíduo independente dos pais" (p.44).

No estudo de Rothbart & Maccoby (1966) as mães mostraram-se mais permissivas à agressão dos meninos dirigidas a elas e aceitavam mais frequentemente procurar apoio em seu filho do que na menina. Estudando 130 pais e mães, sobretudo de classe média e alta, salientaram, ainda, que o pai tendia a buscar mais apoio na menina e aceitava mais a expressão da agressão a si quando proveniente da mesma. Quanto aos comportamentos de dependência os pais tendiam também a reagir mais favoravelmente às ações da criança do sexo oposto. Por outro lado, quanto à punição, tendiam a ser mais punitivos com o filho do mesmo sexo. Duas hipóteses foram levantadas para explicar estas diferenças; de um lado, a tradicional explicação psicanalítica, sobre o Complexo de Édipo, assinalando sentimentos de rivalidade entre o genitor e a criança do mesmo sexo. Outra hipótese foi de que o pai de mesmo sexo do filho, não permitiria a expressão de impulsos e comportamentos que ele não aceita em si mesmo e, dada a semelhança de sexo, estaria, por isto, mais envolvido emocionalmente frente a estes comportamentos. Quando criança o pai ou mãe podem ter sido punidos por ações semelhantes e agiriam negativamente frente a atual manifestação do comportamento em seu filho

ou filha.

Estudando o relacionamento mãe-criança de classe baixa através de observação em laboratório, Zurich (1971) encontrou alguns resultados opostos aos descritos acima, assinalando que as mães de meninas evidenciavam mais contato e interação estruturada do que as mães de me ninos. Por outro lado, as mães de meninos mostraram mais comportamentos restritivos do que as mães de meninas.

Resultados semelhantes a estes foram tam bém encontrados por Minton et al (1971), através de entre vistas com mães, os quais mostraram que elas eram mais repressivas e intrusivas com o menino do que com a menina.

Os dados colhidos por Margolin & Patterson (1975) mostraram também alguns aspectos semelhantes aos encontrados no trabalho de Zurich (1971), pois os resultados a poiaram parcialmente a afirmação de que o progenitor do mesmo sexo é mais responsivo para a criança, visto que o pai apresentou mais respostas positivas para o menino. Con tudo, os resultados deste trabalho quanto ao fator puni ção, não concordaram com os de Zurich (1971), e com os de Minton et al (1971), pois não apareceram diferenças significativas nas respostas dadas ao menino ou menina, por ambos os pais.

Na verdade, as diferenças existentes no com portamento materno em função do sexo da criança tem algum apoio, inclusive em trabalhos feitos com observação da mãe com o bebê. Neste sentido, Lewis (1972), mostrou que há di ferenças significativas nas respostas maternas para com o bebê em função do seu sexo.

Assinalou que mães de bebês masculinos apre sentavam mais respostas de aproximação do que mães de me ninas, sobretudo nos primeiros meses, ocorrendo o inver

so na medida em que o bebê crescia. Assim, as respostas de aproximação da mãe com o bebê masculino decresceria até o final do primeiro ano de vida e o bebê feminino iria gradativamente recebendo mais respostas aproximativas. Esta diferenciação, segundo o autor, é em função das mães de meninos estarem mais motivadas a estimular a autonomia do menino. A autora, por fim, assinalou a instabilidade do comportamento materno em função do sexo da criança com o passar do tempo.

Uma pesquisa com resultados diferentes ao descrito acima, e que também se baseou em observação da interação entre os pais e o bebê, foi feita por Lederman (1979). Os comportamentos parentais observados foram: estimular, tomar iniciativa, dirigir, expressar calor, corrigir e aceitar. Considerando estes comportamentos, o autor não encontrou diferenças nas atitudes parentais como função do sexo do genitor nem como expressão do sexo do bebê. Apareceram diferenças na diretividade parental, mas o autor as explicou como relacionadas com o tipo de tarefa que estava sendo feita, sendo que ambos os pais dirigiam mais em tarefas difíceis. Por isto, o autor salientou a importância das pesquisas examinarem o contexto em que o comportamento está ocorrendo, bem como a precisão das medidas antes de generalizá-las.

Apesar de encontrarmos alguns estudos com achados contraditórios e mesmo um que não tenha encontrado diferença no relacionamento mãe-bebê em função do sexo da criança, percebemos que a maior parte das pesquisas assinalaram diferenças nas práticas educativas maternas em função do sexo do filho.

Em função de diferenças metodológicas entre estes estudos, torna-se difícil tentarmos comparar os resultados buscando traçar as tendências mais amplas que

eles descrevem quanto à atitude materna.

Sem abarcarmos todos as pesquisas, mas nos detendo nas principais, poderíamos dizer que as mães parecem expressar mais calor, aceitação e contato para com a menina do que para com o menino. Por outro lado, a mãe parece manifestar mais controle, punição e mesmo hostilidade frente ao menino.

3.3.2. Idade dos Filhos

Um outro dado que, de modo geral, tem sido sempre salientado nas pesquisas que estudaram a atitude e práticas educativas maternase a idade dos filhos. Contudo, poucas são as pesquisas que utilizaram-se das diferenças de idade da criança para verificar se isto estaria afetando o modo como a mãe se comportava frente a elas. Comumente esta variável foi mantida sob controle e poucas vezes foi manipulada visando avaliar seu efeito causal ou de interação com outras variáveis, como por exemplo, com o sexo da criança, na determinação das atitudes e comportamentos maternos em relação as práticas educativas.

Já vimos quando estudamos a variável classe social que Bayley & Schaefer (1960) mostraram que as mães de elevado status social eram mais calorosas e compreensivas enquanto as de baixo status eram mais controladoras, irritáveis e punitivas. O dado novo que acrescentamos aqui é que segundo os autores estas características maternas eram constantes tanto na amostra de mães cujos filhos tinham idade inferior a três anos como na amostra cujos filhos tinham entre nove e quatorze anos.

Estudando a interação entre mães e crianças Walters et al (1964) chamaram também a atenção sobre a importância de se levar em consideração a idade das crianças que observaram para se interpretar os dados colhi

dos. As mães de classe baixa apresentaram mais contato e comportamentos estruturados, em relação as meninas e apresentaram mais comportamentos restritivos em relação aos meninos. Os autores salientaram que estes comportamentos que eram comumente encontrados em amostras de mães com crianças nas primeiras séries, apareceram também em certa extensão na sua amostra de mães com criança em idade variando de 3,5 a 5 anos.

Investigando o relato de crianças com idade de entre 3 e 14 anos sobre o comportamento parental Schaefer (1965), sugeriu também que algumas diferenças nas atitudes dos pais poderiam ser interpretadas como sendo expressão da idade da criança entre outras variáveis.

Na verdade, não há necessariamente relação, por exemplo, entre a atitude da mãe com o bebê e sua atitude frente à criança mais velha. Prothro (1966) mostrou que mães gregas de classe média em oposição às mães gregas de classe baixa descreviam-se como menos permissivas com o bebê, mas mais permissivas com a criança pequena. Comparou seu trabalho com outro estudo que tinha realizado anteriormente com mães camponesas árabes, onde também constatou diferenças de atitude materna em função da idade da criança. Estas mães eram mais permissivas com o bebê, mas menos calorosas e menos permissivas com a criança de cinco anos, do que as mães árabes de classe média urbana.

Investigando o relato de 635 crianças de 4a. e 8a. séries, Armentrout & Burger (1972) mostraram que na medida em que a criança fica mais velha ela descreve seus pais como usando menos controle psicológico (ver pg. 55). Por outro lado, a medida que decresce este controle psicológico da 4a. para a 8a. série, aumentaria por parte dos pais as exigências para o cumprimento de limites e regras. Quanto ao fator aceitação, os autores assinalaram que não foi possível uma interpretação consistente. Contudo, através dos gráficos que expuseram, pode-se notar que a descrição da aceitação parental cresce até atingir o pon

to máximo para o menino na 5a. série e para a menina na 6a. série decrescendo a seguir para ambos.

Desconhecemos, neste momento, outros trabalhos empíricos que tenham feito análise sobre a relação entre idade da criança e atitude materna. Mas, pelo exposto acima, percebemos que é possível estabelecermos certas relações entre estas duas variáveis, como por exemplo, a de que as mães alterariam sua permissividade e formas de controle para com a criança na medida em que esta cresce.

3.4. Variável Relacionada à Família

3.4.1. Número de Filhos

A última variável que estudaremos e que a creditamos estar relacionada com as atitudes e comportamento materno em relação à criança é o número de filhos que a mãe possui. Como conhecemos um único trabalho que relacionou estas duas variáveis, ele será a seguir especialmente considerado.

Num estudo longitudinal Hurley & Hohn(1971) se propuseram a verificar as mudanças de atitude frente à criança num intervalo médio de seis anos. Os sujeitos foram inicialmente solicitados a responderem uma escala, enquanto estudantes universitários e responderem novamente a mesma escala, quando a maioria já estava casada e com filhos.

Duas hipóteses foram levantadas pelos autores. A primeira era que os indivíduos que ficaram pais durante este tempo mostrariam mais rejeição manifesta e diminuição da superproteção, que os não pais. A segunda hipótese foi de que indivíduos que tivessem muitos filhos durante este tempo mostrariam mais aumento de rejeição e redução de superproteção do que aqueles sem filho ou que tivessem um único filho.

Os resultados mostraram que os pais com três ou mais crianças tenderam a acentuar mais a manifestação de rejeição do que os outros. Houve, enfim, um crescimento substancial de rejeição manifesta nos pais com maior número de filhos do que nos outros. E as mães com duas ou mais crianças apresentaram um incremento maior do que os pais em respostas de rejeição.

Por outro lado, ocorreu uma redução de superproteção em função do maior número de filhos. Contudo, a mudança no fator superproteção foi vista pelos autores como tendo implicações positivas. Os baixos escores em superproteção das mães com mais crianças indicaram que elas estariam sendo mais permissivas e usando menos controle nas práticas educativas. Esta redução foi relacionada ao fato das mães com maior experiência diminuírem sua preocupação quanto às necessidades da criança ser protegida.

Lamentavelmente são só estes os dados que temos sobre a relação entre o número de filhos e a atitude da mãe frente à criança.

Como salientamos inicialmente, esta revisão bibliográfica tinha o objetivo de analisar as variáveis mostradas no modelo teórico exposto na Fig. 1.3. Através das várias pesquisas conseguimos salientar diversas relações entre as variáveis e a importância de cada uma delas nas atitudes e práticas educativas maternas.

Embora não tivéssemos a intenção de revisar todas as pesquisas realizadas na área, acreditamos que conseguimos apresentar as mais significativas. Os dados destas pesquisas serão úteis para analisarmos os resultados do nosso estudo correlacional entre as variáveis que acabamos de revisar e as atitudes e práticas educativas maternas.

C A P Í T U L O I I

ELABORAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO DE MEDIDA SOBRE
ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS

1 - MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DAS ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS
MATERNAS.

1.1 - Introdução

Os estudos sobre atitudes maternas em relação a criança apresentam duas grandes dificuldades: a primeira diz respeito à ausência de uma definição exata dos fatores que cobrem o conceito sobre comportamento parental (Schaefer 1962); e a segunda é que a metodologia apresenta deficiência, não conseguindo mostrar evidências firmes e consistentes (Yarrow, 1963; Schaefer, 1962). Segundo Schaefer (1962), os dados resultantes das diversas pesquisas não permitem ainda uma integração aceitável pelos seguintes motivos: 1) - existem diferentes esquemas conceituais nos quais as pesquisas se basearam; 2) - diversos métodos foram usados; 3) - os dados procedem de várias origens e 4) - os pesquisadores enfocaram diferentes aspectos ao estudarem a relação mãe-criança.

Contudo, estas dificuldades de mensuração da atitude materna, são, em certa medida, compreensíveis visto que, na verdade o comportamento materno frente a criança não ocorre de modo simples, mas depende de uma série de variáveis, como características de personalidade da mãe, da criança e a situação em que ocorre (Yarrow, 1963). Como afirma este autor, o comportamento materno varia em intensidade e frequência como função destas variáveis e de outras, como grau de desenvolvimento e estado emocional da criança.

Os estudos de Schaefer (1962) e Yarrow (1963) mostraram que alguns dos métodos de pesquisa mais usados para estudar atitude e comportamento materno frente à criança eram os seguintes: questionários de atitude ; observações em ambiente natural ou estruturado, entrevista clínica ou estruturada e métodos projetivos.

Schaefer e Yarrow concordaram que as comparações entre os dados colhidos por diferentes métodos têm apresentado tanto diferenças como semelhanças significativas nas tentativas de predição dos comportamentos parentais.

Considerando os diferentes métodos, ambos os autores assinalaram que as observações feitas sobre condições reais poderiam dar maior validade aos resultados, embora sejam menos usadas que os outros métodos em função dos custos e das dificuldades de observação na própria família. Contudo, como assinalou Yarrow a observação não necessariamente resolve todas as dificuldades metodológicas, visto que este método também apresenta problemas que devem ser cuidadosamente trabalhados.

Uma dificuldade assinalada pelos dois autores no uso de inventários, entrevistas e mesmo com observações, é a tendência da mãe a se comportar ou dar uma resposta que socialmente se esperaria que ela desse. Por exemplo, as mães de classe alta por terem certa consciência das atitudes aprovadas pelos estudiosos tenderiam a dar respostas mais próximas ao que socialmente se espera, mas que necessariamente não teriam a ver com seu comportamento real.

Outro problema relacionado às variações nas análises sobre as atitudes materna é devido a origem dos dados. Algumas pesquisas se basearam nas respostas da mãe,

outras nas respostas das crianças ou, ainda, nas observações de um profissional. Frente a estas diferentes origens dos dados é necessário que se façam estudos para entendermos o grau de concordância e discordância entre as várias fontes de informações (Schaefer, 1962).

Schaefer e Yarrow salientaram ainda outro aspecto que dificulta as análises das pesquisas existentes, que é o fato de que elas variam em seus objetivos, colhendo, por vezes, dados de comportamento específicos sobre cuidado materno, enquanto outras preocupam-se com aspectos mais amplos do comportamento social e emocional da mãe.

Enfim, tanto os diferentes métodos como a origem e tipos de dados colhidos, contribuem para que seja difícil fazermos a integração dos conhecimentos sobre a relação mãe-criança. Continuam sendo necessários estudos que estabeleçam a relação entre os vários métodos e que levem também em consideração a origem e tipo de dados colhidos.

Visto que em nossa pesquisa sobre atitude materna em relação à criança, usaremos um questionário de medida de atitude é interessante neste momento nos termos um pouco mais neste método.

1.2 - Questionários sobre Atitudes e Práticas Educativas Maternas

Históricamente, os questionários de medida de atitude materna têm sido tanto criticados como defendidos, e continuam sendo largamente utilizados. Diversos instrumentos foram construídos, às vezes reformulados, ou mesmo deixados de lado, em função das críticas que recebiam por não permitirem inferências razoavelmente fiéis sobre as atitudes e comportamentos maternos.

Alguns destes questionários buscam entender as atitudes e comportamentos maternos, baseando - se nas respostas de crianças, ou então de jovens e adultos referindo-se ao modo como foram tratados pela mãe quando pequenos, enquanto outros instrumentos colhem os dados diretamente das mães.

Para termos uma idéia do primeiro tipo de questionário, podemos citar o "Parent Child Relations Questionnaire" de Roe & Siegelman (1963), construído para medir características do comportamento parental através das respostas de crianças ou adultos, referindo-se ao modo como foram cuidados pelos respectivos pais, quando crianças. Os 130 itens que constituíram sua escala cobriam 10 fatores, que referiam-se a comportamentos específicos dos pais, e não às suas atitudes. Desenvolveram duas formas de seu inventário, uma referente a mãe e outra ao pai, com pequenas diferenças entre ambas. A análise dos dados colhidos através da descrição do comportamento parental feita por jovens e adultos que responderam o questionário, mostraram três principais dimensões semelhantes para o pai e a mãe: Amor-Rejeição (Loving-Rejection) ; Informalidade-Exigência (Casual-Demanding); e Manifestação de Atenção (Overt Attention).

Um questionário parecido com este, mas de maior repercussão, é o "Children's Reports of Parental Behavior" (CRPB) de Schaefer (1965 a), usado no original ou com algumas reformulações por Schaefer (1965b), Renson, Schaefer & Levy (1968), Burger & Armentrout (1971), Armentrout & Burger (1972), entre outros autores.

O CRPB é constituído por um conjunto de 26 fatores com 190 itens, descrevendo o comportamento específico e observável dos pais para com a criança. Os sujeitos devem responder o questionário referindo-se ao pai ou a mãe, dependendo dos objetivos da pesquisa.

Colhendo dados de crianças em diferentes idades e com amostras independentes os autores citados acima, encontraram com o CRPB, basicamente três dimensões do comportamento parental, a saber: aceitação vs rejeição; autonomia psicológica vs controle psicológico e controle firme vs controle laxo.

No Brasil um estudo pioneiro visando a validação do CRPB foi feito por Lázaro (1976). Outras pesquisas colhendo dados através de questionários aplicados em crianças e baseados parcialmente no CRPB, foram realizados por Pasquali, Alves de Araújo & Costa (1977); Pasquali (1979) e Pasquali & Alves de Araújo (1979, 1981).

Quanto aos questionários utilizados diretamente com os pais, podemos citar o "Parental Attitude Research Instrument" (PARI) de Schaefer & Bell (1958), largamente utilizado em pesquisas e que serviu de base ao nosso trabalho.

Construído inicialmente para avaliar a atitude materna em relação à criança, o PARI foi aplicado em uma amostra de mães, de cujos dados resultaram um questionário com 115 itens cobrindo 23 escalas sobre comportamento materno. Neste mesmo ano, Schaefer desenvolveu uma forma adaptada do PARI, para avaliar a atitude do pai (citado por Becker & Krug, 1965).

A opinião das pessoas ao responderem o PARI é obtida pelas respostas aos itens, podendo ser expressa de quatro modos: concordando totalmente; concordando parcialmente; discordando parcialmente e discordando totalmente.

Colocamos a seguir os fatores da versão materna do PARI: incentivo à verbalização; incentivo à dependência; distanciamento da mãe; restrição às vontades; punição; medo de machucar o bebê, conflitos matrimoniais; rigidez; irritabilidade; exclusão de influênci-

as externas; divinização; supressão da agressão; rejeição do papel de dona de casa; igualitarismo; aprovação de atividades; comunicação; desconsideração do marido; supressão da sexualidade; dominação da mãe; intrusão; companheirismo e igualdade; incentivo ao desenvolvimento; dependência da mãe.

Em estudos com mães o PARI foi utilizado em diversas pesquisas, como exemplo: a relação entre classe social e atitude materna (Garfield & Halper, 1962; Zurich, 1971; Boeck, 1976; Ramey & Campbell, 1976); em estudos comparativas da atitude materna em diferentes grupos de uma sociedade ou em estudos inter-culturais (Kriger & Kroes, 1972; Timothy, 1974; Arnolt, 1976); em estudos sobre atitude da mãe e ajustamento da criança (Dielman & Cattell, 1972; Paulson et al, 1977; Ollendick, Laberteaux & Horne, 1978) e em estudos de outros aspectos específicos do relacionamento mãe-criança (Lippert, 1976; Berg, 1976; Quinn, 1977; Jaeger, 1978).

Um dos melhores trabalhos de análise sobre a validade das inferências que podemos fazer a partir do uso do PARI, foi realizado por Becker & Krug (1965). Mostraram que através das evidências disponíveis se podia concluir que o PARI não predizia muito bem as atitudes e comportamentos maternos. Relataram também, estudos comparativos que demonstraram a pouca concordância entre os escores obtidos no PARI e os dados obtidos de outras fontes, como entrevistas e observações. Assinalaram que as respostas ao questionário eram passíveis de influência em função do nível educacional do respondente, bem como pelo modo como os itens foram construídos o que tendia a induzir os sujeitos a vieses nas suas respostas. Considerando estas influências, tornava-se difícil demonstrar, por exemplo, a correlação entre classe social, nível educacional ou inteligência e uma atitude ou comportamento específico da mãe.

Becker & Krug mostraram que dificuldades inerentes à estrutura deste instrumento diminuíam a validade dos trabalhos que utilizaram o PARI. A forma como os itens foram construídos, influencia as pessoas a darem determinadas respostas. Por outro lado as tentativas de revisão deste instrumento não pareceram ser produtivas, segundo os autores, visto que é difícil reduzir estas influências sem alterar o formato básico dos itens. Estudos assinalaram que a construção de itens em pessoa como no PARI, aumenta a ambiguidade e os vieses nas respostas dos sujeitos. Frente a itens deste tipo, os pais tendem a dar suas respostas baseando-se mais em normas culturais, em opinião de profissionais, ou ainda em crenças sobre o que é melhor para os outros, do que colocando-se como sujeito frente à criança. De acordo com os autores, parecem mais adequados os itens construídos em primeira pessoa, o que possibilita um maior envolvimento dos sujeitos em suas respostas.

Em função destes problemas que Becker & Krug mostraram serem bastante sérios, eles sugeriram que se buscasse novos meios de estudar as atitudes maternas ao invés de se trabalhar com o PARI no original ou revisado.

Tendo como objetivo avaliar as atitudes e práticas educativas maternas medidas pelo PARI, Brody (1965) comparou seus dados com os obtidos através de observação do comportamento materno em uma situação de brincadeira estruturada entre mãe e criança.

Buscou verificar se as diferenças expressas na atitude materna teriam relação com o comportamento da mãe frente à criança. Concluiu que era possível prever alguns aspectos do comportamento materno nas práticas educativas, embora não havia uma forte relação entre as atitudes levantadas pelo PARI e o com-

portamento da mãe. Sugeriu, por isso, que para entender -
mos melhor esta relação, seria necessário também levar-
mos em consideração a personalidade e outros fatores mo-
tivacionais da mãe, bem como diferenças na criança, co-
mo sua inteligência, e característica de personalidade,
aspectos estes que não são levantados pelo PARI.

Num trabalho semelhante, Zurich (1971) comparou os resultados de observação em laboratório de 40 mães de classe baixa com os seus escores obtidos no PARI. Diversas hipóteses tinham sido feitas, associando escalas do PARI com determinados comportamentos maternos frente à criança. Contudo, os resultados mostraram que o PARI, possibilitou apenas evidências muito limitadas sobre a relação mãe-criança.

Entre as tentativas para melhorar a validade fatorial do PARI, encontramos o estudo de Schludermann & Schludermann (1970), que aplicou o questionário em uma amostra de moças com escolaridade correspondente ao nosso segundo grau, para verificar a replicabilidade dos três fatores maiores, assinalados pelos autores que estudaram este instrumento que foram: controle autoritário; hostilidade-rejeição e atitudes democráticas. Por outro lado buscou verificar se a inversão na direção dos itens da forma materna alteraria a validade fatorial do PARI. Seu interesse nesta inversão dos itens foi de tentar reduzir a tendência a ocorrerem determinadas respostas em função da estrutura dos itens.

Encontrou nesta pesquisa os mesmos fatores assinalados pelos estudos precedentes, bem como constatou que a inversão na direção dos itens não afetava a validade fatorial do questionário, mas contribuía para reduzir os vieses nas respostas dos sujeitos.

Estes mesmos autores, em estudo posterior (1974), utilizando também uma amostra de moças com nível de segundo grau tentaram novamente, estudar e reduzir os viéses da forma materna do PARI. Três tipos de viéses foram levantados pelos autores na literatura relativa ao PARI: tendência a aquiescência, tendência à oposição e tendência a respostas extremadas. Salientaram que, possivelmente, os trabalhos que utilizaram o PARI foram seriamente comprometidos por estes viéses originados pela formulação dos itens numa mesma direção.

Combinando escalas da versão original do PARI com escalas de uma versão modificada por Zuckermann et al (1958), Schluderman & Schludermann mostraram que era possível reduzir a aquiescência e a tendência a oposição nas respostas dos sujeitos, embora ainda restaria significativa presença de respostas extremadas.

Percebemos nesta rápida revisão sobre métodos de mensuração das atitudes maternas frente a criança que não existe um único método utilizado pela maioria dos autores. Embora haja uma tendência, nas novas pesquisas, para se estudar a relação mãe-criança através de observação direta, continuam aparecendo propostas de questionários para utilização com pais (Puroy 1966; Dielman, Cattell, Lepper & Rhoades 1971 e Graudenz, et al 1979), bem como outras pesquisas que utilizam o PARI, na forma original ou com reformulações, apesar das críticas que já foram feitas à sua utilização.

Em função destas críticas sobre o PARI, nos propomos a construir um novo instrumento para avaliar a atitude materna frente à criança, ao invés de traduzirmos, adaptarmos e validarmos o questionário para a população brasileira. Orientados por novas técnicas de construção de itens e de questionários de atitude, acreditamos que conseguiremos construir um instrumento que, através das respostas dos sujeitos, permita-nos fazer inferências mais corretas sobre o comportamento da mãe frente à criança.

2 - CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO

2. 1 - Fontes

O modo como a mãe se relaciona com o filho depende em grande parte de como ela percebe a criança e das predisposições que tem em relação às crianças em geral. Estas percepções, associadas às predisposições, influenciam as práticas educativas que a mãe adota rá frente aos filhos.

Em função da dificuldade de avaliarmos diretamente as percepções e predisposições que a mãe tem em relação à criança (o que poderíamos chamar de atitude da mãe), somos forçados a buscar na descrição de seus comportamentos as características mais significativas e frequentes, para daí inferirmos sobre sua atitude, que é o objeto de nosso interesse.

Uma série de pesquisas empíricas e teóricas buscaram encontrar as principais dimensões do conceito de atitude e comportamento maternos nas práticas educativas com a criança. Utilizando-se de dados obtidos pelo "Parental Attitude Research Instrument" (PARI, Schaefer & Bell, 1958) Zuckermann, Ribback e Monashdin (1958) Schluderman & Schluderman (1970, 1974) encontraram três dimensões semelhantes: Controle Autoritário, Hostilidade-Rejeição, e Atitudes Democráticas. Boeck (1976), também usando o PARI, encontrou inicialmente as mesmas dimensões assinaladas acima, mas quando alterou o procedimento da análisefatorial, assinalou apenas duas dimensões principais, Autonomia vs Controle e Amor vs Hostilidade.

Baseando-se em dados colhidos através do "Children's Reports of Parental Behavior Inventory" (Schaefer, 1965a), Schaefer (1965 b), Renson et al (1968) e Armentrout & Burger (1972), assinalaram três dimensões semelhantes: Aceitação vs Rejeição, Autonomia Psicológi -

ca vs Controle Psicológico e Controle Firme vs Controle Laxo.

Através do uso de outros questionários e mesmo entrevistas, podemos salientar ainda os seguintes trabalhos e as respectivas dimensões que encontraram sobre o conceito de atitude e comportamento maternos nas práticas educativas: Schaefer (1959), Autonomia vs Controle e Amor vs Hostilidade; Roe & Siegelman (1963), Amor-Rejeição, Informalidade-Exigência e Manifestação de Atenção; Becker & Krug (1964), Calor e Permissividade; Pumroy (1966), Disciplina, Indulgência, Proteção e Rejeição; Peterson & Migliorino (1967), Afeição e Controle e Dielman et al (1971), Permissividade e Ausência de Afeição, entre outras dimensões.

No Brasil, os trabalhos de Pasquali et al (1977), Pasquali (1979) e Pasquali & Alves de Araújo (1979,1981) realizados com questionários aplicados em crianças e adolescentes, mostraram fundamentalmente duas dimensões; Amor e Controle.

Constatamos nestes trabalhos divergências quanto às dimensões que compõem o conceito das atitudes e comportamento maternos nas práticas educativas. Contudo, parece que se sobressai destas diferenças, um consenso em pelo menos duas dimensões básicas, que às vezes, são expressas por termos diferentes, mas que, em última instância, estão se referindo às dimensões Amor-Hostilidade e Autonomia -Controle.

2. 2 - Dimensões

Partindo das dimensões assinaladas na revisão da literatura, construímos um questionário cujos itens abrangem as duas principais dimensões salientadas pe

las pesquisas: Amor-Hostiliadade e Controle-Autonomia .

Estas dimensões são definidas pelas seguintes características:

Amor - refere-se às características maternas de expressar afeição para a criança através de vários comportamentos como o de ser carinhosa, receptiva, terna e protetora. A mãe é bastante íntima da criança, sendo compreensiva com suas necessidades e ajudando-a nas dificuldades, propiciando-lhe um ambiente acolhedor, onde ela se sinta aceita e amada. Esta dedicação da mãe, contudo, não significa a opressão da criança enquanto ser, nem tampouco, que a mãe deve esquecer de si e viver pela criança.

Hostilidade - refere-se às predisposições negativas da mãe em relação à criança e que são opostas às definidas na dimensão anterior. A mãe tende a não manifestar afeto para a criança, encarando-a como um peso, um encargo em sua vida. Ela atrapalha e chateia a mãe pelas suas necessidades, exigências e indisciplina. Não há uma disposição favorável em ajudar a criança em suas dificuldades, nem em criar um ambiente receptivo e acolhedor, onde a criança se sinta protegida e amada .

Controle - é definido pelo nível de exigências da mãe em estabelecer normas de comportamento para a criança. A noção de controle abarca tanto o controle lasso como o controle rigoroso. Neste segundo tipo a mãe tende a se impor com muita autoridade, mantendo a ordem, disciplinando e exigindo da criança determi-

nados comportamentos, pelo uso ou não de punição. No con trole-lasso, por outro lado, a mãe tende a exi- gir pouca disciplina da criança, assim co mo não se coloca **frente** ao filho como uma auto ridade.

Autonomia - se refere à tendência da mãe em apresentar pa- ra a criança as normas e padrões de discipli - na de modo inteligível, claro e adequado, dando condições para que ela internalize as regras. Por outro lado, a mãe busca encorajá-la a se desenvol- ver em direção à auto-confiança e auto-suficiên- cia.

2.3 - Operacionalização

Com base nos trabalhos de Schaefer & Bell (1958) com o "Parental Attitude Research Instrument" (PA- RI), Roe e Siegelman (1963) com seu "Parent-Child Rela - tions Questionnaire", Schaefer (1965a) com seu "Children's reports of Parental Behavior Inventory (CRPBI) e com Diel- man et al (1971), iniciamos a construção dos itens de nossa escala. Fomos também auxiliados por psicólogos que trabalham nesta área, bem como pela nossa experiência pro fissional.

Construímos 159 itens que cobriam uma sé- rie de comportamentos e atitudes da mãe frente à crian - ça, todos ligados às duas dimensões já citadas: amor-hos- tilidade e controle-autonomia. Os itens destas dimen - sões levaram em conta, algumas vezes, o sexo da criança , outras, a idade, e por fim a criança de modo genérico, in

dependente de ser menino ou menina, pequena ou mais velha. Esta divisão ocorreu em função de nosso interesse em verificar se os itens das dimensões estudadas apareciam agrupados de modo semelhante, quando considerássemos o sexo e a idade da criança. Esta curiosidade decorria do fato de a literatura salientar diferenças no modo como a mãe se relaciona com o menino e a menina, bem como em função da idade da criança. Em nossa sociedade, acreditamos que estas diferenças na atitude da mãe, podem mesmo ser constatadas a partir da observação da dinâmica interna das famílias.

Os itens foram construídos seguindo os critérios sugeridos por Pasquali (1980) de clareza, pertinência, precisão, variedade, modalidade e tipicidade.

Buscamos reduzir a direcionalidade nas respostas aos itens, construindo aproximadamente 60% com uma formulação positiva e 40% com uma formulação negativa.

Com este procedimento evitamos induzir os sujeitos a darem respostas com tendenciosidade em função de uma única direção na formulação dos itens.

2.4 - Análise Semântica

Com o objetivo de certificarmos-nos de que os itens conseguiam transmitir para os respondentes a idéia que realmente pretendiam expressar, realizamos a análise semântica dos 159 itens agrupados aleatoriamente.

Dezoito pessoas de nível sócio-econômico e escolaridade baixa, média e alta nos auxiliaram nesta etapa. Lemos para estas pessoas todos os itens do questionário e elas foram orientadas a repetirem com suas

próprias palavras a idéia que conseguiam captar do item. Este trabalho foi feito individualmente ou em grupo de até três participantes. Através deste procedimento verificamos que muitos itens não conseguiam transmitir fielmente o conteúdo da dimensão que eles deveriam cobrir. Em outras palavras, a idéia que as pessoas conseguiam assinalar do item, não era a mesma que nós esperávamos que ele expressasse. Quando ocorriam estas divergências na compreensão de um item, dizíamos aos sujeitos qual a idéia que estávamos tentando expressar, e solicitávamos sua ajuda, para construirmos ou reformularmos o item, de modo a torná-lo mais inteligível.

A partir do "feed-back" destas pessoas sobre o conteúdo dos itens, refizemos aproximadamente 15% deles, sendo que três foram eliminados por não darem margem a reformulação ou por expressarem o mesmo conteúdo de outros itens. Terminada a análise semântica, restaram 156 itens que compuseram nosso Questionário Piloto.

2.5 - Questionário Piloto

O Questionário Piloto* foi composto por um folheto contendo:

- folha de instrução;
- relação dos 156 itens e
- folha de dados biográficos.

As instruções contidas na primeira folha explicavam como o questionário deveria ser respondido, o que facilitou sua aplicação individual e em grupo. Fizemos referências ao objetivo do questionário, ao conteúdo dos itens, ao procedimento para respondê-lo e fornecemos dois

* Cópia do Questionário Piloto encontra-se no Apêndice A.

exemplos de itens com suas respectivas respostas com o intuito de garantir um melhor entendimento da tarefa. Orientamos também os sujeitos no sentido de darem a primeira resposta que lhes ocorresse, ao ler o item; que não procurassem olhar as respostas já dadas; que não precisariam se identificar, e que fizessem o trabalho individualmente.

Na segunda parte do questionário, dispusemos os 156 itens em ordem aleatória, numerados de 1 a 156. Ao lado de cada item estava colocada a escala de números 1, 2, 3, 4 e 5. Utilizando esta escala de avaliação, o sujeito poderia expressar sua opinião sobre o conteúdo do item. Poderia Discordar Totalmente do item, assinalando o valor 1; Discordar Parcialmente, assinalando o valor 2; manifestar Dúvida, assinalando o valor 3, Concordar Parcialmente, assinalando o valor 4; ou Concordar Totalmente, assinalando o valor 5.

Por fim, na terceira parte do questionário, constituída pela Folha de Dados Biográficos, os sujeitos eram solicitados a responderem uma série de dados, que nos interessavam como possíveis variáveis para estudos posteriores. As seguintes informações foram solicitadas: idade, ocupação, estado onde morou anteriormente, sexo, nível de instrução, curso (quando de nível superior), renda familiar, religião, praticante ou não, estado civil, número de filhos, sexo dos filhos, idade dos filhos; e local de residência no Distrito Federal.

Transcrevemos a seguir os itens que compuseram o Questionário Piloto, antes de serem dispostos em ordem aleatória. Os itens são apresentados dentro das duas dimensões que buscavam cobrir, levando também em consideração aspectos da criança, de modo geral, e outros específicos, em função do sexo e idade da criança.

DIMENSÕES E ITENS CORRESPONDENTES

(Independentes do Sexo e Idade da Criança)

Controle-Autonomia

- A mãe deve perdoar a criança por sua má conduta
- A criança deve ver a mãe como uma autoridade
- Quando a criança reclama a mãe deve ceder
- A criança não tem direito de exigir coisas da mãe
- A criança não deve sair a vencedora nas disputas com a mãe
- A melhor mãe é a que exige muita disciplina da criança
- A mãe deve dar explicações para a criança quando vai castigá-la
- A mãe deve dizer para a criança o que ela pode fazer
- A mãe não precisa ser exigente com a criança
- A criança precisa ser corrigida pela mãe
- Toda vez que a criança repete a mesma falta a mãe deve castigá-la
- A mãe não deve deixar passar sem castigos os maus comportamentos da criança
- A mãe precisa saber o que a criança faz fora de casa
- A mãe não deve "dar bola" quando a criança se porta mal
- A mãe deve deixar passar algum tempo antes de castigar as faltas da criança
- A mãe deve ensinar a criança a se cuidar sozinha
- A criança deve ser orientada pela mãe a ter responsabilidade
- A mãe não deve deixar a criança fazer coisas que incomodam os adultos

- A mãe deve permitir que a criança tenha um cantinho só dela em casa
- A criança não deve "levantar a voz" com a mãe
- A mãe não deve dar liberdade para a criança
- A mãe não precisa se preocupar com o que a criança faz quando está sozinha
- A mãe precisa compreender as necessidades da criança
- A mãe é quem decide o que a criança faz
- A mãe não deve se deixar influenciar pela criança
- A mãe não deve fazer as vontades da criança
- A criança é mal agradecida quando desobedece à mãe
- Para a boa educação da criança a mãe não deve castigá-la
- A mãe é quem tem razão, e nunca a criança
- A mãe deve vigiar a hora do brinquedo e do dever da criança
- Em qualquer idade a mãe é quem escolhe os amigos da criança
- A mãe deve castigar a criança na hora em que se comporta mal e não depois
- A mãe deve ter poder sobre a criança
- A mãe é quem manda e a criança deve obedecer
- Tudo o que a criança faz deve ser aprovado pela mãe
- A mãe deve castigar a criança até que aprenda a obedecer.
- A mãe deve aceitar que a criança também pode errar

CONTROLE AUTONOMIA (Considerando o Sexo da Criança)

- A mãe deve dar liberdade para a menina
- A mãe não deve dar muita liberdade ao menino
- A mãe e não o pai é quem deve castigar a menina
- Para a mãe o menino não precisa ter bons modos
- A mãe deve deixar a menina fazer coisas sozinhas
- A mãe é quem escolhe as amigas da menina
- A mãe não deve disciplinar severamente a menina
- O pai e não a mãe é quem deve castigar o menino
- O menino não deve se sentir livre diante da mãe
- A mãe não deve deixar que a menina brinque com o menino
- A mãe não deve deixar o menino fazer coisas sozinho
- Com o menino a mãe deve ser severa
- A mãe deve ser mais exigente com a menina do que com o menino
- A mãe precisa ensinar bons modos para a menina
- A menina nunca deve ter segredos frente a mãe
- A mãe vive concordando com o que o menino faz
- A menina deve consultar a mãe antes de fazer alguma coisa
- O menino tem o direito de não concordar com a mãe
- A menina deve ficar mais ligada a mãe do que o menino
- A mãe deve deixar para o pai disciplinar o menino
- A mãe deve controlar mais a menina do que o menino

CONTROLE - AUTONOMIA (Considerando a Idade da Criança)

- A mãe deve explicar para a criança mais velha como ela deve se comportar
- A mãe não deve exigir que a criança pequena obedeça
- A mãe deve exigir que as crianças mais velhas tenham responsabilidade
- Castigar não é o melhor modo de educar crianças pequenas
- A criança pequena precisa ser fiscalizada pela mãe
- A mãe deve exigir educação das crianças mais velhas
- A mãe deve permitir que a criança mais velha faça o que quiser
- Crianças mais velhas devem ser controladas pela mãe
- A mãe sente-se feliz ao ver crianças mais velhas fazendo coisas sem ajuda.
- Crianças com mais idade devem saber se cuidar sem ajuda da mãe.

AMOR - HOSTILIDADE (Independente de Sexo e Idade da Criança)

- O mais importante para a mãe é fazer a criança feliz
- Para a mãe a criança perde seu encanto quando cresce
- A felicidade da criança é mais importante do que a felicidade da mãe
- A mãe deve olhar as coisas boas que a criança faz
- Seria bom para a mãe se a criança crescesse logo
- A criança perturba a relação entre o pai e a mãe
- A mãe deve ajudar a criança a resolver seus problemas

- A criança é a felicidade da mãe
- A mãe precisa atender os pedidos que a criança faz
- A criança traz felicidade para o relacionamento entre o pai e a mãe
- É difícil para a mãe criar uma criança
- É ruim quando a mãe precisa dar atenção para a criança
- A mãe deve apontar os defeitos que a criança tem
- Criança que recebe o amor da mãe torna-se teimosa
- A mãe gosta de conversar com sua criança
- A mãe deve falar de seus problemas para a criança
- As idéias da criança são bobas comparadas com as da mãe
- Criança que recebe carinho acaba mandando na mãe
- A criança atrapalha a vida da mãe
- A mãe não deve debochar dos erros da criança
- O comportamento da criança perturba a mãe
- A mãe que dá muito carinho não consegue disciplinar a criança
- A mãe deve se preocupar mais com ela mesma do que com a criança
- A criança incomoda a mãe quando fica pedindo coisas
- A criança é o mais importante na vida da mãe
- A mãe sente-se bem passeando com a criança
- A mãe não deve ficar conversando com a criança
- É agradável para a mãe ver a criança crescer
- A mãe não deve dar satisfação do que faz para a criança
- A criança deve se sentir amada pela mãe
- A mãe precisa dar carinho para a criança quando ela está triste

- A mãe não deve esquecer da sua vida e só pensar na criança
- A criança não deve ser mimada pela mãe
- A mãe deve dizer para a criança quanto é trabalhoso criá-la
- A mãe não deve se sacrificar pela criança
- A mãe sofre para criar uma criança
- A mãe não gosta de fazer coisas com a criança
- A mãe deve consolar a criança quando ela está com medo
- Criança fica manhosa quando recebe carinho da mãe
- A mãe deve olhar as coisas ruins da criança
- A mãe deve viver para a criança

AMOR - HOSTILIDADE (Considerando o Sexo da Criança)

- A mãe deve elogiar o que o menino faz
- O menino faz coisas que magoam a mãe
- A menina é incapaz de fazer coisas sem a ajuda da mãe
- A mãe deve explicar o que o menino quer saber
- A mãe deve ser muito compreensiva com a menina
- É mais agradável para a mãe criar um menino do que uma menina
- É agradável para a mãe trabalhar com o menino
- A mãe sente-se bem trabalhando com a menina
- O menino chateia a vida da mãe
- A mãe sente-se bem brincando com o menino
- O menino sempre é mal agradecido apesar de tudo o que a mãe lhe faz

- É difícil para a mãe educar uma menina
- É fácil para a mãe educar um menino
- A menina precisa receber carinho da mãe
- A mãe não deve ser carinhosa com o menino
- A menina deve receber da mãe todas as explicações que soli
citar
- A mãe não deve atender os pedidos da menina
- A mãe deve proteger o menino
- É mais difícil para a mãe educar um menino do que uma me
nina
- A mãe estraga o menino quando lhe dá carinho
- O menino não precisa da ajuda da mãe
- A mãe prefere conversar com a menina do que com o menino
- A menina atrapalha a vida da mãe
- O menino faz as vontades da mãe

AMOR - HOSTILIDADE (Considerando a Idade da Criança)

- A mãe deve satisfazer a vontade das crianças mais velhas
- A mãe deve dar carinho para a criança pequena
- A criança pequena não ajuda a mãe em nada
- A criança pequena não é capaz de fazer coisas sem ajuda da mãe
- É agradável para a mãe fazer coisas com crianças pequenas
- Crianças mais velhas não devem receber carinho da mãe
- Seria bom para a mãe se a criança permanecesse pequena
- A mãe precisa dar atenção para a criança pequena

- Criança mais velha necessita do carinho da mãe tanto quanto a pequena
- Quanto mais velha a criança "mais dor de cabeça" dá à sua mãe
- Crianças mais velhas necessitam da atenção da mãe
- A mãe deve deixar a criança mais velha sofrer para aprender que a vida é difícil
- Criança pequena vive fazendo coisas erradas perto da mãe
- A criança pequena é um peso na vida da mãe
- É gostoso para a mãe cuidar de uma criança pequena
- A mãe deve exigir sacrifícios das crianças mais velhas
- É chato para a mãe quando crianças mais velhas vivem pedindo coisas
- Crianças mais velhas não incomodam a mãe
- A mãe deve deixar a criança pequena fazer o que quiser
- É agradável para a mãe trabalhar com criança mais velha
- A mãe deve fazer as vontades da criança pequena
- É cansativo para a mãe cuidar de uma criança pequena

3 - VALIDAÇÃO DA ESCALA

3.1 - Amostra

Como a validação da escala seria feita por análise fatorial, (validade de construto) nossa amostra constou de 1500 pessoas de ambos os sexos com idade entre 14 e 70 anos, com uma média de 25 anos e uma moda de 19 anos. Todas as pessoas eram residentes em Brasília e Cidades Satélites do Distrito Federal. Buscamos incluir na amostra pessoas de ambos os sexos, casados e solteiros, com filhos e sem filhos. Procuramos, ainda, que em nossa amostra estivessem representados grupos da população com nível - sócio - econômico e escolaridade diferentes. Os dados da amostra são apresentados na Tabela 2.1.

3.2 - Método de Aplicação

Nosso questionário foi aplicado individualmente ou em grupos de até 50 pessoas, quando em sala de aula. Não ocorreram maiores dificuldades na aplicação individual, graças às instruções contidas no folheto, e este procedimento foi utilizado com 15% dos 1500 questionários aplicados.

Para aplicações em grupo, elaboramos uma folha adicional de instruções*, que deveria ser lida pelo aplicador, antes da distribuição do material. Seguindo a orientação proposta na folha, o aplicador deveria explicar verbalmente (e inclusive usar o quadro negro, quando possível) o procedimento que os sujeitos deveriam se

* Cópia desta folha de instruções para o aplicador encontra-se no Apêndice B.

T A B E L A 2. 1

Dados demográficos da Amostra (N = 1500)

<u>VARIÁVEL</u>	<u>NÍVEL</u>	<u>FREQUENCIA</u>	<u>%</u>
<u>IDADE</u>	14 - 15	26	1, 7
	16 - 20	499	33, 3
	21 - 25	437	29, 2
	26 - 30	189	12, 6
	31 - 35	107	7, 1
	36 - 40	72	4, 8
	41 - 50	71	4, 8
	51 - 70	32	2, 1
	s/resposta	67	4, 5
<u>OCUPAÇÃO</u>	Estudante	599	39, 9
	Dona de Casa	94	6, 3
	Professor	117	7, 8
	Militar	22	1, 5
	Funcionário Público	181	12, 1
	Técnico de Nível Médio	183	12, 2
	Técnico de Nível Superior	53	3, 5
	Operário Nao-Qualific.	40	2, 7
	Operário Semi-Qualific.	85	5, 7
	Operário Qualificado	8	0, 5
	Outros e s/resposta	118	7, 5
<u>SEXO</u>	Masculino	479	31, 9
	Feminino	941	62, 7
	s/resposta	80	5, 3

(Continua)

Continuação (TABELA 2.1)

VARIÁVEL	NÍVEL	FREQUÊNCIA	%
<u>ESCOLARIDADE</u>	<u>1º Grau</u>		
	Incompleto	96	6, 4
	Completo	32	2, 1
	<u>2º Grau</u>		
	Incompleto	484	32, 3
	Completo	81	5, 4
	<u>Superior</u>		
	Incompleto	640	42, 7
	Completo	145	9, 7
s/resposta	22	1, 5	
<u>RENDA FAMILIAR</u>	até 25 mil	377	25, 1
	26 a 55 mil	337	22, 4
	56 a 85 mil	209	13, 9
	mais de 86 mil	409	27, 3
	s/resposta	168	11, 2
<u>ESTADO CÍVIL</u>	Solteiro	963	64, 2
	Casado	438	29, 2
	Desquitado	32	2, 1
	Divorciado	4	0, 3
	Viúvo	12	0, 8
	Outro	10	0, 7
	s/resposta	41	2, 7
<u>Nº DE FILHOS</u>	Nenhum	1000	66, 7
	1 criança	138	9, 2
	2 crianças	130	8, 7
	3 crianças	112	7, 5
	4 ou mais crianças	79	5, 3
	s/resposta	41	2, 7
<u>SEXO DOS FILHOS</u>	Só meninos	119	7, 9
	Só meninas	112	7, 5
	Ambos os sexos	227	15, 1
	S/filhos	1000	66, 7
s/resposta	42	2, 8	
<u>RESIDÊNCIAS</u>	Plano Piloto	846	56, 4
	Sobradinho	155	10, 3
	Gama	160	10, 7
	Guará	184	12, 3
	Taguatinga	125	8, 3
	Outras	28	1, 9
	s/respostas	2	0, 1

guir para responder o questionário. Basicamente ele se referia às mesmas instruções, que os sujeitos iriam tomar conhecimento, quando recebessem o questionário, através da folha de instruções.

Após a distribuição dos questionários, o aplicador solicitava que as pessoas o acompanhassem na leitura em voz alta, que ele realizaria da folha de instruções. Se restasse alguma dúvida, após a leitura, o aplicador tentava desfazê-la.

Com este procedimento buscamos padronizar a aplicação do instrumento, evitando, com isto, a interferência de variáveis secundárias relacionadas às condições de aplicação. Acreditamos que isto foi necessário, sobretudo, porque nem sempre podíamos estar presentes às aplicações e, diversas vezes, outras pessoas nos auxiliaram nesta tarefa.

3.3 - Análises Estatísticas

Várias análises estatísticas foram realizadas com os dados obtidos dos 1500 sujeitos que responderam nosso questionário, seguindo o método que escolhemos para sua validação. Inicialmente submetemos os itens a três análises fatoriais.

Calculamos também a média fatorial, o desvio padrão do fator, a correlação item fator, a porcentagem da variância explicada por cada fator e pelo instrumento todo e, por fim, o índice de precisão do instrumento.

A seleção dos itens durante as três análises fatoriais, e sobretudo, para se compor o instrumento final, baseou-se nos critérios utilizados por Pasquali et al. (1977) e que são os seguintes:

a) - Pureza das Cargas Fatoriais: um item possui pureza e deve ser mantido quando ele aparece em apenas um fator. Itens que apresentam carga fatorial significativa e de mesmo sinal, em mais de um fator, deve ser eliminado. Pode-se, contudo, manter os itens com carga fatorial significativa e que apareçam em dois fatores, mas com sinais opostos. Salientamos que este critério foi usado pelo autor, pelo fato de ter utilizado na extração dos fatores uma rotação ortogonal (90°). Como nós usaremos uma rotação oblíqua, a aplicabilidade deste critério foi reduzida.

b) - Carga Fatorial Importante em um Fator: deve-se escolher os itens que apresentam no mínimo uma carga fatorial de + 0,40 no fator. Com esta escolha garantimos que pelo menos 16% ($0,40^2 = 0,16$) da variância do item está relacionada a este fator.

c) - Carga Fatorial em um Fator Importante: são importantes os fatores que expliquem pelo menos 2,5% da variância total do instrumento. Para atingir este valor, deve-se utilizar um "eigenvalue" de 1.0 na extração dos fatores mais significativos. (Neste Trabalho aumentaremos o nível de exigência elevando o "eigenvalue" para 1, 5).

d) - Carga Fatorial Importante de pelo Menos Três Itens: para se manter um fator é também importante que ele tenha no mínimo três itens com cargas significativas. Sem isto, ficaríamos sem muita certeza do conteúdo que o fator estaria cobrindo.

e) - Interpretação Psicológica dos Fatores: deve-se eliminar os fatores cujos itens não tenham comunalidade, e que não permitam uma análise semântica significativa, dificultando a interpretação psicológica, mesmo que apresentem uma variância significativa.

* "eigenvalue" = $\sqrt{\lambda}$
 $\lambda = \sum a_{ij}^2$ onde a_{ij} = carga fatorial do item
i no fator j

f) - Homogeneidade do item: desvio padrão muito grande em um item em comparação com sua média ($DP \geq M$); devem ser eliminados por expressarem muita dispersão nas reações dos sujeitos.

3.4 - Análises Fatoriais

Os dados do nosso instrumento foram submetidos a três análises fatoriais, com o objetivo de selecionar itens significativos e os principais fatores que pudessem ser extraídos deste questionário, e que seriam os mais importantes na explicação da atitude materna nas práticas educativas.

O método utilizado nas análises fatoriais foi o dos componentes principais para a extração dos fatores com a correlação mais alta do item na linha diagonal. Usamos um "eigenvalue" igual a 1,5 como critério para extrair o número de fatores.

A rotação foi oblíqua com um delta igual a zero (Harman, 1967, para maiores informações).

3.5 - Primeira Análise Fatorial (156 itens)

Para realizarmos a primeira análise fatorial de todos os itens, tivemos de juntá-los em quatro sub-conjuntos, para que pudessemos utilizar o programa S.S.P.S. *, que comporta uma matriz máxima de 100 x 100. Na formação destes sub-conjuntos fizemos com que cada item, pelo menos uma vez, se encontrasse com cada um dos 156 itens. Esta preocupação se deve ao fato de que, para verificarmos se dois itens covariam entre si, é necessário que sejam colocados juntos em uma mesma análise.

* Todas as análises estatísticas foram feitas no Centro de Processamento de Dados da UnB, usando o pacote S.S.P.S. (Statistical Package for Social Sciences) .

O objetivo desta primeira análise fatorial, foi o de eliminar itens pouco significativos (carga fatorial menor que $\pm 0,40$) ao mesmo tempo que identificar os fatores mais importantes.

Desta primeira fatorização resultaram nove fatores, reunindo 100 itens com carga fatorial significativa. Destes, 98 tiveram carga fatorial igual ou maior do que $\pm 0,40$ e dois itens, embora com carga fatorial de $\pm 0,39$, também foram mantidos para a segunda análise fatorial. Todos os outros 56 itens do questionário inicial foram eliminados por terem carga fatorial abaixo deste critério.

3.6 - Segunda Análise Fatorial (100 itens)

Com 100 itens que se mostraram mais relevantes e consistentes na primeira análise fatorial, foi possível fazermos uma única matriz 100 x 100. O objetivo desta segunda análise fatorial, foi o de continuar selecionando os itens mais significativos, eliminar outros e buscar identificar fatores importantes.

Decorrente desta análise resultaram 82 itens, que se aglutinaram em torno de 10 fatores. Vemos, portanto, que houve uma redução de itens com carga fatorial significativa, ao mesmo tempo que ocorreu um aumento de fatores que estes itens passaram a compor. Na primeira análise fatorial, tínhamos nove fatores e, nesta segunda, apareceu um décimo fator. Para eliminação dos itens, continuamos usando o critério de igual ou maior que $\pm 0,40$, para ser um item significativo. Dos 82 itens selecionados, 78 seguiram este critério e apenas 4, embora apresentando carga fatorial igual a $\pm 0,39$, também foram mantidos para a última análise fatorial.

3.7 - Terceira Análise Fatorial (82 itens)

Em função do nosso objetivo de buscarmos uma maior consistência e relevância de itens, e porque ainda tínhamos um número relativamente grande de itens, fizemos, ainda, uma análise fatorial com os 82 itens restantes da análise anterior.

Desta última análise resultaram 73 itens com carga fatorial significativa que se reuniram em torno de sete fatores.* Ocorreu, portanto, não só uma redução de itens, mas também de fatores. Foram eliminados nove itens e três dos 10 fatores anteriores não apareceram novamente.

Todos os 73 itens apresentaram carga fatorial igual ou maior que $\pm 0,40$, com exceção de cinco itens, com carga fatorial de $\pm 0,39$, que também foram mantidos para compor nosso questionário final.

Embora tenha ocorrido uma redução no número de itens, e mesmo de fatores, isto não atingiu significativamente a porcentagem da variância total explicada pelo questionário, como veremos adiante.

3.8 - Resultados das Análises Fatoriais

Após as três análises fatoriais, os 73 itens que restaram indicaram a presença de sete fatores com um "eigenvalue" de ao menos 1,5. Como nenhum fator explicou menos do que 2,0 % da variância total do conceito de atitude da mãe em relação à criança, todos foram mantidos. O fator que menos explicou da variância total foi

* As cargas fatoriais dos itens desta análise fatorial podem ser vistas no Apêndice C.

o VII com 2,1%. E o que mais explicou desta variância foi o I com 13,0%. A variância total explicada pelos sete fatores reunidos foi de 36,2%.

O questionário final contém, portanto, sete fatores com 73 itens, dos quais 11 se repetem em mais de um fator. Os itens repetidos foram mantidos, pois usamos uma rotação oblíqua. Com isto nos isentamos de eliminar itens repetidos, com carga fatorial de mesmo sinal, como ocorreria se tivéssemos usado rotação ortogonal. Na verdade, considerando o tipo de rotação utilizada e o total de itens do questionário, podemos afirmar que a porcentagem de itens repetidos é pequena. Além disto, vários destes itens tiveram uma carga fatorial bastante significativa nos fatores em que se repetiam e todos apresentaram um conteúdo importante. Inclusive quatro destes itens tiveram carga fatorial com sinal oposto.

Antes de realizarmos a última análise fatorial, tínhamos 10 fatores que explicavam 38,2% da variância total do nosso instrumento. A eliminação de vários itens e de três fatores, reduziu a porcentagem de explicação da variância total para 36,2%. Considerando que ocorreu uma redução importante de itens e que, na realidade, isto não atingiu significativamente a variância total explicada, preferimos manter os resultados desta última análise fatorial, em detrimento da anterior. Assim ficamos com os sete últimos fatores ao invés dos 10 fatores que apareceram na segunda análise. Com isto, ganhamos em termos de redução de itens, bem como na composição dos fatores que se tornaram mais consistentes e por outro lado, perdemos muito pouco em termos de porcentagem da variância total explicada pelo nosso instrumento.

3. 9 - Interpretação dos Fatores

Nas tabelas seguintes descreveremos o con junto de itens de cada um dos sete fatores do questioná - rio final. Indicaremos a posição aleatória do item no questionário, seu conteúdo, sua carga fatorial, sua média, seu desvio padrão a correlação entre o item e o fator. As sinalaremos, também, a média fatorial e o desvio padrão fatorial.

Todos estes dados estatísticos são signi - ficativos, na medida em que nos auxiliam a interpretar a importância de um dado item em relação ao fator, assim co mo a do fator como um todo. Por exemplo, através da car - ga fatorial do item e da correlação item/fator, visuali - zamos qual o peso de um item na determinação do conteú do do fator. De modo geral, quanto maior a carga fatori al do item , maior a correlação que ele tem com o fator . Disto podemos concluir que os itens com a maior carga fa torial deverão ser especialmente considerados na determina - ção do conteúdo que o fator está abrangendo. Por terem maior correlação com o fator, estes itens expressam a principal direção do fator considerado.

A média fatorial é calculada a partir das médias dos itens no fator. Consideramos-a como baixa, quan - do seu valor é significativamente inferior ao ponto médio da escala, que em nosso questionário é 3. O significado de uma média fatorial baixa é o de que as pessoas que res ponderam ao questionário, tenderam a aceitar como indese - jável o conteúdo expresso pelo fator. A média fatorial al ta, indica que o conteúdo do fator foi bem aceito pelos respondentes e se constitui numa característica desejá - vel.

Ao final das análises fatoriais, nossos dados empíricos, mostraram a existência de sete fatores, cujo conteúdo cobre as duas dimensões iniciais mas que não foram reagrupadas pela atuação das duas variáveis, idade e sexo da criança. Isto nos sugere que a atitude básica da mãe de dar amor e controlar a criança, não é fundamentalmente alterada pelas características destas variáveis. Por isto não apareceu nenhum fator específico que desse ênfase ao sexo e idade da criança como importante no conceito da atitude da mãe em relação a criança. Em todos os fatores, contudo, apareceram, como veremos, itens que se referem a estas variáveis mas que são englobados pelo conteúdo mais amplo do fator.

Na verdade, duas razões podem explicar a inexistência destes fatores específicos, que levassem em consideração o sexo e a idade da criança. De um lado, o nosso instrumento pode não ter sido suficientemente sensível para detectar as diferenças na estrutura semântica do conceito que as pessoas possuem em relação a atitude da mãe frente à menina ou menino, e crianças pequenas ou mais velhas. Por outro lado, isto pode ter ocorrido porque na estrutura semântica deste conceito, estas duas variáveis não tem grande importância. O que existiria de fato é uma predisposição da mãe a apresentar determinados comportamentos, sem que ela recebesse significativa influência do sexo e idade da criança.

Embora haja estudos empíricos e teóricos sobre os efeitos do sexo e idade da criança nas atitudes da mãe, as pesquisas que conhecemos e que usaram instrumentos fatoriais para estudar estas atitudes, não apresentaram, como no nosso questionário, fatores específicos determinados por estas variáveis. Acreditamos, portanto que se fazem necessárias novas pesquisas antes de termos conclusões mais definitivas sobre este tema.

a) FATOR I

Na Tabela 2.2 apresentamos os dados estatísticos dos itens do Fator I. Este Fator é unipolar e explica 13,0% da variância total do conceito de atitude da mãe em relação à criança. Por outro lado considerando a porcentagem total da variância explicada por este instrumento, que é 36,2%, temos que este fator contribui com 40% deste total.

TABELA 2.2

Carga fatorial, média, desvio padrão e correlação item/fator dos itens do Fator I.

ITEM Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	r ITEM FATOR
63	- Criança fica manhosa quando recebe carinho da mãe. (7)*	0,57	2,22	1,46	0,59
2	- Criança que recebe carinho acaba mandando na mãe.	0,57	1,46	1,01	0,52
68	- O pai e não a mãe é quem deve castigar o menino.	0,54	1,77	1,95	0,49
23	- A mãe deve ser mais exigente com a menina do que com o menino.	0,53	1,94	1,33	0,52
54	- A mãe que dá muito carinho não consegue disciplinar a criança.	0,52	1,83	1,24	0,47
55	- A mãe deve controlar mais a menina do que o menino. (7)	0,52	2,16	1,45	0,56
35	- A mãe estraga o menino quando lhe dá carinho.	0,51	1,60	1,42	0,45
49	- A mãe deve deixar para o pai disciplinar o menino.	0,51	1,88	1,25	0,48
15	- A mãe prefere conversar com a menina do que com o menino.	0,50	1,88	1,21	0,49
5	- A menina deve ficar mais ligada à mãe do que o menino.	0,49	2,32	1,50	0,52
58	- A mãe não deve deixar que a menina brinque com o menino.	0,48	1,79	1,30	0,47
64	- A menina atrapalha a vida da mãe (3)	0,46	1,44	0,96	0,43
53	- A mãe é quem tem razão e nunca a criança.	0,46	1,73	1,20	0,50
70	- O menino não precisa de ajuda da mãe.	0,45	1,30	0,85	0,35

(Continua)

* Indicamos ao lado dos itens repetidos o número do outro fator em que ele também aparece.

(Continuação da Tabela 2.2)

Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	F ITEM FATOR
71	- Criança que recebe o amor da mãe torna-se teimosa.	0,43	1,67	1,14	0,39
24	- As idéias da criança são <u>bo</u> bas comparadas com as da mãe.	0,43	1,89	1,27	0,42
10	- O menino não deve se sentir livre diante da mãe.	0,43	2,07	1,40	0,42
57	- A criança pequena é um peso na vida da mãe (3).	0,41	1,60	1,17	0,40
66	- A mãe deve deixar o menino <u>fa</u> zer coisas sozinho.	0,40	1,93	1,29	0,41
3	- A mãe e não o pai é quem deve castigar a menina.	0,39	1,76	1,23	0,37
26	- Quanto mais velha a criança "mais dor de cabeça" dá a sua mãe.	0,39	2,83	1,50	0,41
<p>Média Fatorial = 1,86 Desvio Padrão Fatorial = 0,33</p>					

Baseando-nos na análise semântica dos itens com maior carga fatorial e no conjunto de itens, visualizamos a frequência e importância da idéia de que a mãe prejudica as práticas educativas com a criança, se lhe der muito carinho, sobretudo se for um menino. Os primeiros itens com maior carga fatorial deixam bem clara esta direção do fator, ao se referir que criança que recebe muito carinho fica manhosa, manda na mãe, ou não consegue ser disciplinada. Paralelo a este conteúdo aparece outro, a respeito da necessidade de a mãe ser exigente e disciplinadora. Vários itens, com carga fatorial bastante significativa, enfatizam a importância de um controle intenso da mãe sobre a criança, independente de ser menino ou menina, embora seja mais forte com esta última. Há ainda a ressalva de que a mãe também recorre à figura do pai para castigar e disciplinar o menino, enquanto ela sozinha fica responsável por estes aspectos quando se refere à menina. Um terceiro conteúdo, que se sobressai pela quantidade e carga fatorial dos itens é o de que a criança, de modo geral, atrapalha a vida de mãe, especialmente a menina, sendo um encargo na sua vida, independente de ser uma criança pequena ou mais velha. A criança tem idéias bobas e é a mãe quem tem sempre razão ao se relacionar com ela.

Estes diferentes aspectos que se sobressaem desta análise, nos parecem, na verdade, bastante ligados entre si e apresentam um conteúdo freqüentemente assinalado pela literatura que estuda atitudes parentais. Estaria expressando a atitude de disciplinar a criança através de muito controle, evitando dar carinho e manifestando inclusive hostilidade.

Pode-se, portanto, dizer que este fator estaria revelando o conceito de Controle Hostil na atitude materna em relação à criança.

Como podemos notar, pela média fatorial baixa ($M_f = 1,86$), estas características da atitude da mãe são

totalmente indesejáveis nas práticas maternas
[t(1484) = 133,08; p = 0,000]*. Esta interpretação se baseia
no fato de a média fatorial ser significativamente menor do
que o ponto médio da nossa escala que é 3.

*O cálculo do "t" foi feito em relação ao ponto neutro (3)
da escala pela fórmula: $t = \frac{3 - Mf}{\frac{DPf}{\sqrt{N-1}}}$, onde N= 1485

b) FATOR II

A Tabela 2.3 mostra os dados estatísticos dos itens do Fator II. Este fator é unipolar e explica 9,3% da variância total do conceito de atitude materna em relação à criança. Considerando a porcentagem de 36,2 de explicação da variância total deste instrumento, este fator contribuiu com 28% para este total.

TABELA 2.3

Carga fatorial, média, desvio padrão e correlação item/fator, dos itens do Fator II.

Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	r ITEM FATOR
8	- A criança deve se sentir ama da pela mãe.	0,80	4,74	0,96	0,67
44	- A mãe precisa dar carinho pa ra a criança quando ela esta triste.	0,70	4,55	1,06	0,59
52	- É agradável para a mãe ver a criança crescer.	0,68	4,60	1,02	0,59
37	- A mãe deve ensinar a criança a se cuidar sozinha.	0,65	4,34	1,16	0,59
50	- É gostoso para a mãe cuidar de uma criança pequena.	0,64	4,33	1,22	0,57
34	- A criança deve ser orientada pela mãe a ter responsabili dade.	0,50	4,60	1,07	0,55
25	- A mãe precisa compreender as necessidades da criança. (6)	0,50	4,61	1,03	0,56
16	- A mãe deve aceitar que a cri ança também pode errar.	0,48	4,60	1,01	0,49
59	- A mãe sente-se bem passeando com a criança. (5)	0,47	4,55	1,04	0,46
41	- A mãe sente-se feliz ao ver crianças mais velhas fazendo coisas sem ajuda. (6)	0,45	4,48	1,12	0,52
40	- A mãe não deve esquecer da sua vida e só pensar na cri ança.	0,43	3,85	1,51	0,41
48	- O menino tem o direito de não concordar com a mãe. (6)	0,41	3,59	1,63	0,36
Média fatorial = 4,40					
Desvio padrão fatorial = 0,34					

Partindo das cargas fatoriais e do conjunto de itens do Fator II, nossa análise semântica mostra um aspecto que se sobressai aos demais, que é a atitude materna de expressar amor para a criança. Através de diferentes idéias, os itens salientam a importância do carinho da mãe na vida da criança, manifestado pelos cuidados, pelo gostar de passear com ela e de vê-la crescer. Aparece, também, um grupo de itens cujo conteúdo expressa compreensão que a mãe deve ter frente aos erros da criança, em relação à discordância do menino e a importância do fato de a mãe compreender as necessidades da criança.

Ao lado destes conteúdos surge outro, mostrando que a mãe deve levar a criança a se tornar gradativamente mais independente de seus cuidados, deve orientá-la a ter responsabilidade, ensinando-a a se cuidar sozinha e mesmo sentindo-se feliz, por exemplo, quando a criança mais velha, faz coisas sozinha. A mãe demonstra uma atitude de respeito em relação ao crescimento da criança e frente à capacidade de ela ser mais autônoma.

A frequência e importância fatorial de itens se referindo à necessidade da mãe dar carinho e de se dedicar à criança, poderia nos levar a concluir que este fator enfatiza um conteúdo de superproteção da mãe através do excesso de atenção para com a criança. Mas, na verdade, dois outros conteúdos equilibram esta tendência que aparece no fator. De um lado, o conjunto de itens que demonstram o desejo da mãe de ver a criança mais independente e, de outro, a idéia de que a mãe não deve esquecer de sua vida e só pensar na criança.

Estamos, portanto, frente a um fator que poderia ser caracterizado como relevando a atitude materna de Amor Altruísta com relação à criança.

Pela média fatorial ($M_f = 4,40$), percebe-se que esta é uma característica muito desejável, na atitude

da mãe em relação à criança [$t(1484) = 165,61$; $p = 0,000$]
visto que está acima do ponto médio de nossa escala.

da mãe em relação à criança [$t(1484) = 165,61$; $p = 0,000$]
visto que está acima do ponto médio de nossa escala.

c) FATOR III

A Tabela 2.4 apresenta os dados estatísticos dos itens do Fator III. Este fator é unipolar e explica 3,7% da variância total do conceito de atitude da mãe frente à criança. Sua contribuição, nos 36,2% da variância total explicada por este instrumento, é de 9,2%.

TABELA 2.4

Carga fatorial, média, desvio padrão e relação item/fator, para os itens do Fator III.

Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	r ITEM FATOR
28	- É cansativo para a mãe cuidar de uma criança pequena.	0,52	2,62	1,55	0,45
11	- É difícil para a mãe educar uma menina.	0,47	2,50	1,54	0,40
17	- A criança incomoda a mãe quando fica pedindo coisas.	0,46	2,90	1,34	0,36
42	- A mãe sofre para criar uma criança.	0,46	3,06	1,59	0,45
45	- É chato para a mãe quando criança mais velha vive pedindo coisas.	0,45	2,67	1,37	0,36
32	- É difícil para a mãe criar uma criança.	0,41	3,07	1,49	0,34
64	- A menina atrapalha a vida da mãe. (1)	0,41	1,44	0,95	0,38
57	- A criança pequena é um peso na vida da mãe. (1)	0,40	1,60	1,17	0,39
	Média fatorial = 2,48				
	Desvio padrão fatorial = 0,63				

Através da análise semântica dos itens de maior carga fatorial, percebe-se que a direção deste Fator III é no sentido de salientar a dificuldade que a mãe sente em criar e educar uma criança. Os itens apresentam este conteúdo, referindo-se ao sofrimento da mãe em criar uma criança, no quanto é cansativo cuidar de uma criança pequena, assim como ao expressar a idéia de que esta representa um peso na vida da mãe. A criança incomoda e chateia a mãe, quando lhe pede coisas e a menina, especialmente, atrapalha a vida da mãe.

Enfim, estamos frente a um conjunto de itens, que estão bastante direcionados para salientar este principal conteúdo expresso pelo fator, que é a atitude da mãe em encarar a criança como um Empecilho para a mãe.

Como a média fatorial ($M_f = 2,48$) está abaixo do ponto neutro da escala, podemos afirmar que as características salientadas por este fator são indesejáveis na atitude da mãe em relação à criança [$t(1484) = 31,80; p = 0,000$].

d) FATOR IV

Na Tabela 2.5 encontramos os dados estatísticos referentes aos itens do fator IV. O fator explica 3,2% da variância total do conceito da atitude da mãe em relação à criança, sendo unipolar. Contribui com 7,9% dos 36,2% da variância total explicada pelo nosso instrumento.

TABELA 2.5

Carga fatorial, média, desvio padrão e correlação item/fator, para os itens do Fator IV.

Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	r ITEM FATOR
65	- A mãe deve ajudar a criança a resolver seus problemas.	0,58	4,48	1,06	0,51
1	- A mãe deve ser muito compreensiva com a menina.	0,55	4,22	1,20	0,47
30	- A criança é a felicidade da mãe.	0,54	4,26	1,20	0,45
72	- A mãe deve dar explicações para a criança quando vai castigá-la.	0,53	4,46	1,13	0,47
18	- A mãe deve olhar as coisas boas que a criança faz.	0,51	4,59	1,09	0,45
9	- A mãe deve exigir que as crianças mais velhas tenham responsabilidade.	0,47	3,99	1,25	0,38
60	- A mãe deve dizer para a criança o que ela pode fazer.	0,47	4,00	1,29	0,40
Média fatorial = 4,29					
Desvio padrão fatorial = 0,24					

Pela análise semântica dos itens do Fator IV, e levando em consideração suas cargas fatoriais, percebemos que uma das direções deste fator é a preocupação da mãe em entender e auxiliar a criança. Este conteúdo é visto através dos itens, que falam na necessidade da mãe em ajudar a criança nas suas dificuldades, na importância da mãe ser compreensiva, ao mesmo tempo que deve olhar as coisas boas que a criança faz.

A ênfase que estes itens dão ao fator revela a idéia de que é importante a mãe estar próxima da criança, não só pela própria criança, para auxiliá-la, mas também pela mãe, na medida em que a criança é a sua felicidade, como é expresso em outro item.

Um aspecto que também aparece é a necessidade de a mãe disciplinar, respeitando a criança. Ela deve exigir responsabilidade da criança mais velha, assim como deve orientar as crianças, sobre o que elas podem fazer e dar-lhes explicações quando vai castigá-las.

Enfim, embora sobressaíam duas direções neste fator, elas nos parecem associadas e revelam uma atitude da mãe em relação à criança, que seria a de Ajudar e Orientar.

Analisando a média fatorial ($M_f = 4,29$), podemos dizer que as características apresentadas por este fator são muito desejáveis na atitude da mãe em relação à criança $t(1484) = 207,06; p = 0,000$.

e) FATOR V

Na Tabela 26 , mostramos os dados estatísticos dos itens do Fator V. Este fator é unipolar, e explica 2,6% da variância total do conceito da a titude da mãe em relação à criança. Dos 36,2% da variância total explicada pelo questionário, este fator con tribui com 5,8%.

TABELA 2.6

Carga fatorial, média, desvio padrão e correlação item/fator, dos itens do Fator V.

Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	r ITEM FATOR
51	- A menina deve consultar a mãe antes de fazer alguma coisa.	0,56	3,89	1,17	0,54
12	- A mãe precisa ensinar bons <u>mo</u> <u>dos</u> para a menina.	0,51	4,49	1,07	0,47
33	- A criança não deve " levantar a voz com a mãe".	0,50	3,89	1,46	0,48
46	- A mãe precisa saber o que a criança faz fora de casa.	0,48	4,15	1,14	0,47
20	- A mãe não deve deixar a <u>crian</u> <u>ça</u> fazer coisas que incomodam os adultos.	0,46	3,53	1,40	0,45
6	- A criança é o mais importante na vida da mãe.	0,44	3,92	1,28	0,41
27	- A mãe não deve deixar <u>passar</u> <u>sem</u> castigo os <u>maus</u> <u>comporta</u> <u>mentos</u> da criança.	0,43	3,12	1,42	0,37
38	- A mãe é quem decide o que a criança faz. (7)	0,42	2,28	1,40	0,42
69	- A mãe é quem manda e a <u>crian</u> <u>ça</u> deve obedecer. (7)	0,42	3,03	1,61	0,45
59	- A mãe sente-se bem <u>passeando</u> <u>com</u> a criança. (2)	0,41	4,55	1,04	0,31
56	- A menina nunca deve ter <u>segre</u> <u>dos</u> frente a mãe.	0,39	3,82	1,41	0,38
13	- A mãe não deve se deixar <u>in</u> <u>fluenciar</u> pela criança.	0,39	3,46	1,37	0,35
Média fatorial = 3,68					
Desvio padrão fatorial = 0,64					

Através da análise semântica dos itens e das cargas fatoriais do Fator V, percebemos que o aspecto do controle, sobressai-se de quase todos os itens. Desde afirmações que se referem à necessidade de a menina sempre consultar a mãe, não guardar segredo frente à ela, aprender bons modos, até outros mais genéricos sobre a criança, que nunca deve levantar a voz com a mãe, não deve incomodar os adultos, não deve ser deixada sem castigo quando se comporta mal, todos estes itens salientam a tendência da mãe de controlar a criança. Este controle adquire novo aspecto, em função de outros itens que salientam a possessividade da mãe e a conseqüente dependência da criança. A necessidade de a mãe saber o que a criança faz fora de casa, de não se deixar influenciar pela criança, de decidir sozinha o que a criança deve fazer, de mandar e a criança ter de obedecer, expressam a nosso ver, um "controle psicológico" sobre a criança (Ver p. 55). Mas, por outro lado alguns itens mostram que este controle não está diretamente associado à hostilidade da mãe, mas sim, a uma predisposição favorável em relação à criança e, em última instância, a um comportamento de superproteção. Visualizamos isto através de afirmações de que a criança é o mais importante na vida da mãe e de que é bom passear com a criança.

Este fator, portanto, revela uma característica da atitude materna em relação à criança, que poderíamos chamar de Controle Intrusivo.

Analisando a média fatorial ($M_f = 3,68$), podemos afirmar que as características apresentadas por este fator são vistas como desejáveis na atitude da mãe frente à criança $t(1484) = 40,93; p = 0,000$.

f) FATOR VI

A Tabela 2.7 apresenta dados estatísticos referentes aos itens do Fator VI. O fator é bipolar, e explica ... 2,3% da variância total do conceito da atitude da mãe em relação à criança. Esta porcentagem participa com 5% dos 36,2% da variância total explicada pelo questionário.

TABELA 2.7

Carga fatorial, média, desvio padrão e correlação item/fator, dos itens do Fator VI.

Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	r ITEM FATOR
61	- A mãe deve permitir que a criança tenha um cantinho só dela em casa.	0,52	3,17	1,43	0,47
7	- A mãe deve deixar a menina fazer coisas sozinha.	0,48	3,91	1,20	0,42
39	- É agradável para a mãe trabalhar com o menino.	0,47	3,57	1,35	0,40
48	- O menino tem o direito de não concordar com a mãe. (2)	0,46	3,59	1,63	0,43
73	- A mãe sente-se bem trabalhando com a menina.	0,44	3,84	1,22	0,38
41	- A mãe sente-se feliz ao ver crianças mais velhas fazendo coisas sem ajuda. (2)	0,42	4,48	1,12	0,43
25	- A mãe precisa compreender as necessidades da criança. (2)	0,40	4,61	1,03	0,41
43	- É agradável para a mãe trabalhar com crianças mais velhas.	0,39	3,73	1,36	0,40
22	- A mãe é quem toma as decisões e nunca a criança.	0,41	2,74	1,52	0,32
<p>Média fatorial = 3,88 Desvio padrão fatorial = 0,45</p>					

Baseando-nos na análise semântica dos itens do Fator VI, notamos que aparece com frequência a idéia de práticas educativas voltadas para a independência da criança. Os itens revelam este conteúdo, salientando a necessidade de a mãe deixar a criança ter um cantinho dela em casa, de respeitar a discordância do menino, de deixar a menina fazer coisas sozinha e de procurar entender as necessidades da criança. Ao mesmo tempo, outros itens se referem à satisfação da mãe em trabalhar com a menina e menino, e de ver as crianças mais velhas realizando coisas sozinhas, ou de trabalhar junto com elas. Enfim, parece que estes itens, salientam o respeito pela criança como a um outro igual, e que é agradável fazer coisas junto com ela. A mãe aceita que não é só ela quem toma as decisões mas que a criança também participa como aparece expresso no item com carga fatorial de sinal oposto aos demais.

Estamos, portanto, frente a um conjunto de itens, que nos parecem revelar a atitude da mãe em relação à criança de Encorajar a Autonomia.

Através da média fatorial ($M_f = 3,88$), percebemos que esta é uma característica desejável na atitude das mães [$t(1484) = 15,33; p = 0,000$].

g) FATOR VII

Na Tabela 2.8, mostramos os dados estatísticos dos itens do Fator VII. Este fator é unipolar e explica 2,1% da variância total do conceito de atitude da mãe em relação à criança. Dos 36,2% da variância total explicada pelo questionário, este fator contribui com 4,1%.

TABELA 2.8

Carga fatorial, média, desvio padrão e correlação item/fator, para os itens do Fator VII.

Nº	ITENS	CARGA	MÉDIA	DP	r ITEM FATOR
69	- A mãe é quem manda e a criança deve obedecer. (5)	0,66	3,03	1,61	0,66
62	- A mãe deve ter poder sobre a criança.	0,57	3,21	1,60	0,55
4	- O menino faz as vontades da mãe.	0,53	2,66	1,33	0,48
67	- A mãe deve viver para a criança.	0,50	2,97	1,50	0,43
55	- A mãe deve controlar mais a menina do que o menino. (1)	0,50	2,16	1,45	0,51
14	- Tudo o que a criança faz deve ser aprovado pela mãe.	0,50	2,28	1,39	0,44
53	- A mãe é quem tem razão e nunca a criança. (1)	0,49	1,73	1,20	0,51
38	- A mãe é quem decide o que a criança faz. (5)	0,48	2,28	1,40	0,50
47	- A mãe deve vigiar a hora do brinquedo e do dever da criança.	0,47	3,94	1,36	0,38
31	- A mãe vive concordando com o que o menino faz.	0,47	1,93	1,15	0,41
36	- A criança é mal-agradecida quando desobedece a mãe.	0,45	2,47	1,47	0,47
19	- A mãe deve castigar a criança até que aprenda a obedecer.	0,44	2,47	1,49	0,49

(Continua)

Partindo da análise semântica dos itens, salienta-se neste Fator VII a idéia de controle. Centraliza-se na mãe o poder de mandar, aprovar, decidir, vigiar, enfim, enfatiza-se muito através dos itens, que a mãe deve ter muita autoridade sobre a criança. Ou ainda, por outras idéias, como a de que a mãe deve castigar a criança até que obedeça ou que ela deve controlar mais a menina do que o menino, reforça-se a nosso ver esta atitude de controlar a criança.

Numa outra direção, encontramos itens que expressam a idéia de que a criança fica manhosa, quando recebe carinho, ou de que ela é mal agradecida, quando desobedece. Aqui neste último conteúdo, inclusive, verificamos um modo encoberto de a mãe controlar a criança, incutindo-lhe culpa. A predisposição desfavorável em relação a manifestar carinho, que estes itens expressam é, contudo, um pouco equilibrada, por outros, com carga fatorial significativa, cujo conteúdo salienta que a mãe deve viver para a criança ou que deve fazer as vontades da criança pequena. Queremos as sinalar, com estas colocações, que o tipo de controle a que este fator se refere, não exclui a manifestação de afeição, como parece ser a característica de controle, referida no Fator I.

Associando estes conteúdos, podemos afirmar que estamos frente a características da atitude materna em relação à criança de Controle Autoritário.

Examinando a média fatorial ($M_f = 2,52$), visualizamos que as características deste fator são indesejáveis para a atitude da mãe em relação à criança
t (1484) = 30,82; $p = 0,000$.

3.10 - Características das Atitudes Maternas

Na Tabela 2.9 , 2.10 e na Figura 2.1, encontram-se, sumariamente, as principais informações, que extraímos das análises precedentes. Observando estes dados, verificamos que se sobressai um conjunto de características, com valor positivo, que são desejáveis na atitude materna em relação à criança e outro conjunto, cujas características têm valor negativo e são indesejáveis. No primeiro conjunto de fatores com as características favoráveis encontramos os fatores II, IV, V e VI. No segundo conjunto, com características desfavoráveis, aparecem os fatores I, III e VII. Esta primeira análise, separando os fatores em dois grupos, baseia-se unicamente nas médias fatoriais e na sua posição esalar, como mostramos na Figura 2.1.

Partiremos, agora, para uma análise semântica global e integrativa dos sete fatores e buscaremos visualizar as semelhanças e diferenças semânticas entre eles, e quais os principais núcleos psicológicos que podem ser extraídos para explicar a atitude materna. Trata-se na verdade, de uma nova análise fatorial, desta vez, subjetiva, e não mais estatística, com o fim último de nos auxiliar na busca de uma resposta para a questão que nos mobilizou durante este trabalho; qual a estrutura semântica do conceito que as pessoas tem sobre a atitude materna em relação à criança?

Observando a Tabela 2.10, percebemos que alguns fatores mantêm alta correlação entre si e na verdade podem ser agrupados em três conjuntos, em função do nível de significância de suas correlações. Um dos grupos é formado pelos fatores que expressam características desejáveis numa mãe, que são os II, IV e VI. Outro agrupamento reúne os fatores I, III e VII, cujas características são indesejáveis para a mãe.

TABELA 2,9

Sumário dos dados referentes aos sete fatores.

FATOR	CARÁTER	% da TOTAL	% de CONTRIB.	Nº de ITENS	MÉDIA	DP	INTERPRETAÇÃO
I	Unipolar	13,0	40,0	21	1,86	0,34	Controle Hostil
II	Unipolar	9,30	28,0	12	4,40	0,34	Amor Altruísta
III	Unipolar	3,70	9,2	8	2,48	0,63	Empecilho para a mãe
IV	Unipolar	3,20	7,9	7	4,29	0,24	Ajudar e Orientar
V	Unipolar	2,60	5,8	12	3,68	0,64	Controle Intrusivo
VI	Bipolar	2,30	5,0	9	3,88	0,45	Encorajar a Autonomia
VII	Unipolar	2,10	4,1	15	2,52	0,60	Controle Autoritário
TOTAL	-	36,2	100,0	84	-	-	-

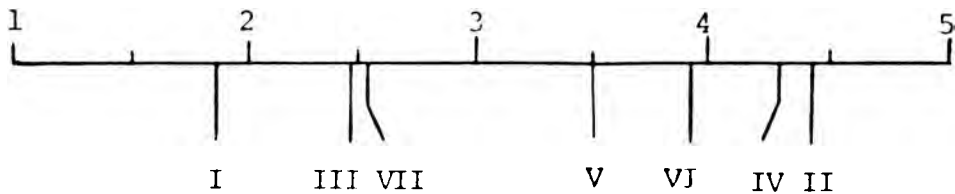


FIGURA 2.1

Posição escalar dos Fatores na escala que foi usada de cinco pontos.

TABELA 2.10

Correlações encontradas entre os sete fatores do questionário.

	F I	F II	F III	F IV	F V	F VI	F VII
F I							
F II	0,17						
F III	0,28**	0,11					
F IV	0,03	0,22*	0,04				
F V	0,11	0,21	0,14	0,21			
F VI	0,33**	0,30**	0,06	0,01	0,04		
F VII	0,35**	0,16	0,17	0,16	0,31**	0,07	

* : $p < 0,05$ ($r = 0,22$)

** : $p < 0,01$ ($r = 0,28$)

E, por fim, um terceiro grupo é composto pelos fatores V e VII, formado por algumas características desejáveis e outras indesejáveis.

Estes conjuntos de idéias, apresentam um significado psicológico semelhante dentro dos respectivos grupos e podem ser analisados como expressão de três núcleos psicológicos relativamente cristalizados e precisos. Este agrupamento de fatores cobre, na verdade, as dimensões inicialmente usadas para construir nosso questionário que eram: amor-hostilidade e controle-autonomia. Podemos, inclusive, falar em dois núcleos principais ou duas dimensões de segunda ordem, que aparecem neste estudo e que a literatura não cessa de salientar, a saber, o amor e o controle, como sendo inerentes ao conceito da atitude materna em relação à criança (Schaefer, 1959, 1965b, Peterson & Migliorino; 1967 Boek, 1976; Pasquali et al, 1977; Pasquali, 1979 e Pasquali & Alves de Araújo, 1979 e 1981).

O primeiro grupo de fatores contém características desejáveis na atitude da mãe e engloba os fatores que expressam a idéia de Amor Altruísta (II), Ajudar e Orientar (IV) e Encorajar a Autonomia (VI).

A presença de afeição na atitude da mãe em relação à criança é a característica mais desejável, que as pessoas esperam, que uma mãe tenha. Em nosso estudo, este conteúdo foi avaliado pelo Fator II, que obteve a maior média fatorial. A idéia que aparece neste fator é a de que a mãe deve amar a criança, dar-lhe carinho, de que é gostoso cuidar da criança e vê-la crescer. Mas é bom salientar que a manifestação deste carinho, parece não ter como objetivo manter a criança submissa e dependente da mãe. Nem, por outro lado, levaria a abnegação e renúncia da mãe em função da criança. Este amor da mãe não leva à superproteção, mas respeita a criança e seu processo de independência. Estas idéias complementares são expressas pelo desejo de a mãe ori

entar e ensinar a criança a cuidar de si, e de que ela não deve viver pela criança.

Este fator II que chamamos de Amor Altruísta é semelhante ao conteúdo expresso pelo Fator amor, salienta do por vários autores revisados no início deste capítulo (p.71 e 72) e, às vezes, também denominado Afeição, Aceitação e Ca lor.

Próximo deste conteúdo, os outros dois fato res (IV e VI) direcionam-se no sentido de enfatizar a neces sidade de a criança se tornar cada vez mais independente da mãe. O conteúdo que aparece é o de que a mãe deve educar e orientar a criança, proporcionando-lhe um espaço para se tor nar um ser autônomo. A mãe deve estar ao lado da criança não sô para lhe dar atenção, mas também para ajudá-la a discer nir o que pode ou não fazer, para exigir-lhe certa responsa bilidade, facilitando o desenvolvimento da capacidade de rea lização própria da criança. Para tando, contribuem também as características da mãe de respeitar a criança e de gos tar de fazer coisas junto com ela. Enfim, a mãe concebe a criança como uma pessoa semelhante a si, que deve ser res peitada no seu potencial e limitações, contribuindo, com is to, para a autonomia da criança.

Vemos, portanto, que este grupo de fatores, composto pelos fatores II, IV e VI, aproxima dois conjuntos de idéias. De um lado, a necessidade da mãe de manifestar a feição à criança. De outro, a idéia de que a mãe deve res peitar a criança e contribuir, através das práticas educati vas, para que ela se torne mais independente de seus cuida dos e atenção.

Estes fatores Ajudar e Orientar e Encorajar a Autonomia são semelhantes aos conteúdos abrangidos pelo Fator Autonomia de Schaefer (1959) e Boeck (1976); ao fator Autonomia Psicológica de Schaefer (1965a e 1965b), Renson et al (1968) e Armentrout & Burger (1972); e ao Fa

entar e ensinar a criança a cuidar de si, e de que ela não deve viver pela criança.

Este fator II que chamamos de Amor Altruísta é semelhante ao conteúdo expresso pelo Fator amor, salientado por vários autores revisados no início deste capítulo (p.71 e 72) e, às vezes, também denominado Afeição, Aceitação e Calor.

Próximo deste conteúdo, os outros dois fatores (IV e VI) direcionam-se no sentido de enfatizar a necessidade de a criança se tornar cada vez mais independente da mãe. O conteúdo que aparece é o de que a mãe deve educar e orientar a criança, proporcionando-lhe um espaço para se tornar um ser autônomo. A mãe deve estar ao lado da criança não só para lhe dar atenção, mas também para ajudá-la a discernir o que pode ou não fazer, para exigir-lhe certa responsabilidade, facilitando o desenvolvimento da capacidade de realização própria da criança. Para tanto, contribuem também as características da mãe de respeitar a criança e de gostar de fazer coisas junto com ela. Enfim, a mãe concebe a criança como uma pessoa semelhante a si, que deve ser respeitada no seu potencial e limitações, contribuindo, com isto, para a autonomia da criança.

Vemos, portanto, que este grupo de fatores, composto pelos fatores II, IV e VI, aproxima dois conjuntos de idéias. De um lado, a necessidade da mãe de manifestar afeição à criança. De outro, a idéia de que a mãe deve respeitar a criança e contribuir, através das práticas educativas, para que ela se torne mais independente de seus cuidados e atenção.

Estes fatores Ajudar e Orientar e Encorajar a Autonomia são semelhantes aos conteúdos abrangidos pelo Fator Autonomia de Schaefer (1959) e Boeck (1976); ao fator Autonomia Psicológica de Schaefer (1965a e 1965b), Renson et al (1968) e Armentrout & Burger (1972); e ao Fa

tor Permissividade assinalado por Becker & Krug (1964) e Dielman et al (1971).

O segundo conjunto de fatores reúne as características indesejáveis na atitude materna em relação à criança, expressas pelos fatores I, III e VII. O conteúdo central, que aparece neste grupo, é a idéia do controle rígido associado à hostilidade. É interessante assinalar que o Fator I tem a menor média fatorial do nosso instrumento seguido pelos outros dois fatores.

Analisando a semântica do Fator I e VII vemos que ambos salientam a idéia de que a mãe deve, de algum modo, disciplinar a criança. A atitude controladora da mãe pode estar associada a um rígido controle, inclusive com hostilidade, como enfatiza o primeiro fator. A mãe deve exigir, controlar, castigar, ao mesmo tempo que deve evitar manifestar carinho, pois isto torna a criança indisciplinada. Punir a criança é algo aceitável e parece estar mais ligado à hostilidade da mãe do que as reais necessidades de disciplinar a criança. Isto é visível através de alguns itens do Fator I que mostram a criança como um peso, atrapalhando a vida da mãe e sobretudo pela alta correlação deste fator com o fator III que enfatiza a idéia da criança como um encargo para a mãe. O conceito de que a criança é um empecilho em sua vida é consistentemente expresso neste fator, pela concepção de que é difícil, cansativo, incômodo e padecedor para a mãe ter de criar, cuidar ou educar uma criança.

Através do Fator VII, enfatiza-se também que a mãe deve se apresentar frente à criança como uma autoridade controladora incontestável. Ela é quem manda, determina, aprova, castiga e detém todo o poder de decisão frente a criança. O conteúdo deste fator, enfim, vai parcialmente na mesma direção do expresso pelos dois fatores acima analisados, que apresentam a idéia de controle com hostilidade. Falamos em parcialmente, porque na verdade esta não é a única dire

ção do Fator VII e é por isto que também apresenta uma correlação muito significativa com o Fator V, formando um conjunto de idéias que veremos a seguir. Na verdade, isto parece que se deve ao fato de que o tipo de controle sugerido pelo Fator VII não exclui a manifestação de afeição como ocorre nos Fatores I e III. O conteúdo central do Fator VII é de que a mãe deve ter muito controle sobre a criança, mas isto não decorre de uma predisposição hostil frente à criança como nestes outros dois fatores.

É interessante notar, ainda, que o Fator I tem uma correlação negativa, muito alta, com o Fator VI apresentando conteúdo semântico oposto. Esta correlação negativa nos ajuda a entender mais o significado e diferenças entre estes fatores e entre os grupos a que pertencem. O primeiro fator, como já vimos, refere-se a um controle hostil e se agrupa com outros fatores que também expressam a idéia de controle e de que a criança é um empecilho para a mãe. O Fator VI, ao contrário, refere-se à necessidade de a mãe encorajar a autonomia da criança e está associado ao grupo de fatores que falam da importância de a mãe manifestar afeto e educar a criança, visando sua independência.

O Fator I, Controle Hostil e VII, Controle Autoritário expressam um conteúdo semelhante ao Fator Controle Autoritário de Zuckerman et al (1958) e Schluderman & Schluderman (1970 e 1974); ao Fator Controle de Schaefer (1959), Peter son & Migliorini (1967), Boeck (1976), Pasquali et al (1977) Pasquali (1979) e Pasquali & Alves de Araújo (1979, 1981).

Por outro lado, o Fator III que se refere a criança como um empecilho para a mãe é semelhante ao Fator Hostilidade-Rejeição de Zuckerman et al (1958) e Schluderman & Schluderman (1970 e 1974); ao Fator Rejeição de Schaefer (1965a, 1965b) Roe & Sielgman (1963), Pumroy (1966), Renson et al (1968) e Armentrout & Burger (1972); e ao Fator Hostilidade de Schaefer (1959) e Boeck (1976).

O terceiro grupo com uma correlação muito significativa é composto pelos fatores V e VII. Na verdade, este grupo reúne aspectos tanto do primeiro como do segundo conjunto de fatores que analisamos acima. O Fator V apresenta características desejáveis na atitude da mãe, enquanto o Fator VII, características indesejáveis. O principal conteúdo deste grupo parece ser o de que a mãe deve controlar a criança sem deixar de manifestar afeição, usando, inclusive sua dedicação para reforçar sua autoridade.

No Fator V encontramos um conteúdo associado à idéia da mãe superprotetora e possessiva que, em suas práticas educativas, não contribui adequadamente para incentivar a autonomia da criança. A orientação da mãe no sentido de levar a criança a se cuidar sozinha, a respeitar as regras e a ter responsabilidade não seria suficiente. Em função disto, a mãe precisa com muita frequência lembrar a criança o que ela pode e deve fazer. Por outro lado, a mãe parece não respeitar muito a criança, não por falta de carinho, atenção mas em função de um excesso de proteção. O conteúdo deste Fator V é semelhante ao Fator Controle Psicológico de Schaefer (1965a e 1965b), Renson et al (1968) e Armentrout & Burger (1972).

Encontramos um conteúdo semelhante no Fator VII, que expressa o autoritarismo da mãe, a atitude de mandar, determinar, exigir, enfim, de controlar a criança. Mas, como já dissemos anteriormente, este controle não implica que a mãe seja hostil com a criança, encarando-a como um peso e encargo na sua vida. Alguns itens deste fator enfatizam a dedicação da mãe, afirmando que ela deve viver para a criança e fazer as vontades da criança pequena. Na verdade, esta atenção à criança pode mesmo ser usada para reforçar o poder da mãe, ao inculcar culpa na criança pelas transgressões que fizer. Um item mostra esta idéia ao dizer que a criança é mal agradecida quando desobedece à mãe.

Portanto, em ambos os fatores, encontramos um conteúdo que apresenta significado semelhante, endossan-

do a necessidade de controlar a criança sem deixar de dar afeto e de outro lado, deixando transparecer a idéia de que a criança é considerada posse da mãe.

Assim, os três conjuntos de fatores podem ser expressos, resumidamente, como segue:

I (Fatores II, IV e VI): Amor Altruísta e Educação para a Ma
turidade

II (Fatores I, III e VII): Controle com Hostilidade e Rejeii
ção

III (Fatores V e VII): Controle com Superproteção.

4 - O Questionário das Atitudes Maternas (QAM)

4.1. Questionário Final

O questionário final - Questionário de Atitudes Maternas - ficou constituído por 73 itens, após as análises fatoriais sucessivas dos 156 itens iniciais. Estes itens compõem sete fatores, sendo que 11 destes itens aparecem repetidos em alguns fatores. Na Tabela 2.11, apresentamos a composição final do questionário, com os itens em ordem aleatória, em relação aos fatores. Ao lado de cada ítem está colocado o número do fator a que ele pertence.

TABELA 2.11

Itens e fatores que integram o Ques
tionário de atitude Materna.

Nº	ITENS	FATOR
1	- A mãe deve ser muito compreensiva com a menina.....	4
2	- Criança que recebe carinho acaba man dando na mãe.....	1
3	- A mãe e não o pai é quem deve casti gar a menina.....	1
4	- O menino faz as vontades da mãe.....	7
5	- A menina deve ficar mais ligada à mãe do que o menino.....	1
6	- A criança é o mais importante na vida da mãe.....	5
7	- A mãe deve deixar a menina fazer coi sas sozinha.....	6
8	- A criança deve se sentir amada pela mãe.....	2
9	- A mãe deve exigir que as crianças mais velhas tenham responsabilidade..	4
10	- O menino não deve se sentir livredian te da mãe.....	1
11	- É difícil para a mãe educar uma meni na.....	3
12	- A mãe precisa ensinar bons modos para a menina.....	5
13	- A mãe não deve se deixar influenciar pela criança.....	5
14	- Tudo o que a criança faz deve ser aprovado pela mãe.....	7
15	- A mãe prefere conversar com a menina do que com o menino.....	1
16	- A mãe deve aceitar que a criança tam bém pode errar.....	2

(Continuação da TABELA 2.11)

Nº	ITENS	FATOR
17	- A criança incomoda a mãe quando fica pedindo coisas.....	3
18	- A mãe deve olhar as coisas boas que a criança faz.....	4
19	- A mãe deve castigar a criança até que aprenda a obedecer.....	7
20	- A mãe não deve deixar a criança fazer coisas que incomodam os adultos.....	5
21	- A mãe deve fazer as vontades da criança pequena.....	7
22	- A mãe é quem toma as decisões e nunca a criança.....	6
23	- A mãe deve ser mais exigente com a menina do que com o menino.....	1
24	- As idéias da criança são bobas comparadas com as da mãe.....	1
25	- A mãe precisa compreender as necessidades da criança.....	2/6
26	- Quanto mais velha a criança "mais dor de cabeça" dá a sua mãe.....	1
27	- A mãe não deve deixar passar sem castigo os maus comportamento da criança	5
28	- É cansativo para a mãe cuidar de uma criança pequena.....	3
29	- Em qualquer idade a mãe é quem escolhe os amigos da criança.....	7
30	- A criança é a felicidade da mãe.....	4
31	- A mãe vive concordando com o que o menino faz.....	7
32	- É difícil para a mãe criar uma criança.....	3
33	- A criança não deve "levantar a voz" para a mãe.....	5
34	- A criança deve ser orientada pela mãe a ter responsabilidade.....	2

(Continuação da TABELA 2.11)

Nº	ITENS	FATOR
35	- A mãe estraga o menino quando lhe dá carinho.....	1
36	- A criança é mal-agradecida quando <u>de</u> sobedece a mãe.....	7
37	- A mãe deve ensinar a criança a se <u>cu</u> dar sozinha.....	2
38	- A mãe é quem decide o que a criança faz.....	5/7
39	- É agradável para a mãe trabalhar com o menino.....	6
40	- A mãe não deve esquecer de sua vida e só pensar na criança.....	2
41	- A mãe sente-se feliz ao ver crianças mais velhas fazendo coisas sem ajuda	2/6
42	- A mãe sofre para criar uma criança...	3
43	- É agradável para a mãe trabalhar com crianças mais velha.....	6
44	- A mãe precisa dar carinho para a <u>cri</u> ança quando ela esta triste.....	2
45	- É chato para a mãe quando crianças mais velhas vivem pedindo coisas.....	3
46	- A mãe precisa saber o que a criança faz fora de casa.....	5
47	- A mãe deve vigiar a hora do <u>brinque</u> do e do dever da criança.....	7
48	- O menino tem o direito de não <u>concor</u> dar com a mãe.....	2/6
49	- A mãe deve deixar para o pai <u>discipli</u> nar o menino.....	1
50	- É gostoso para a mãe cuidar de uma criança pequena.....	2
51	- A menina deve consultar a mãe antes de fazer alguma coisa.....	5
52	- É agradável para a mãe ver a criança crescer.....	2

(Continuação da TABELA 2.11)

Nº	ITENS	FATOR
53	- A mãe é que tem razão e nunca a <u>cri</u> an ^ç a.....	1/7
54	- A mãe que dá muito carinho não conse <u>q</u> ue disciplinar a criança.....	1
55	- A mãe deve controlar mais a menina do que o menino.....	1/7
56	- A menina nunca deve ter segredos fren <u>t</u> e a mãe.....	5
57	- A criança pequena é um peso na vida da mãe.....	1/3
58	- A mãe não deve deixar que a menina brinque com o menino.....	1
59	- A mãe sente-se bem passeando com a <u>cri</u> an ^ç a	2/5
60	- A mãe deve dizer para a criança o que ela pode fazer.....	4
61	- A mãe deve permitir que a criança <u>te</u> nha um cantinho só dela em casa.....	6
62	- A mãe deve ter poder sobre a criança	7
63	- A criança fica manhosa quando recebe carinho da mãe.....	1/7
64	- A menina atrapalha a vida da mãe.....	1/3
65	- A mãe deve ajudar a criança a <u>resol</u> ver seus problemas.....	4
66	- A mãe não deve deixar o menino fazer coisas sozinho.....	1
67	- A mãe deve viver para a criança.....	7
68	- O pai e não a mãe é quem deve <u>casti</u> gar o menino.....	1
69	- A mãe é quem manda e a criança a deve obedecer.....	5/7
70	- O menino não precisa de ajuda da mãe	1
71	- Criança que recebe o amor da mãe <u>tor</u> na-se teimosa.....	1

(Continuação da TABELA 2.11)

Nº	ITENS	FATOR
72	- A mãe deve dar explicações para a <u>cri</u> ança quando for castigá-la.....	4
73	- A mãe sente-se bem trabalhando com a menina.....	6

4.2 - Validade de Construto do QAM

Para garantirmos a validade de construto deste instrumento, seguimos uma série de passos, descritos anteriormente (p.71 a 76) que lembramos rapidamente a seguir. Buscamos na revisão da literatura empírica e teórica, levantar quais as dimensões que cobrem o campo semântico do conceito da atitude materna em relação à criança. Com isto, tentamos garantir que o questionário iria abranger todos os aspectos do construto que pretendia. Selecionamos as duas dimensões que os autores salientaram como mais significativas. Buscamos com isto reduzir um pouco a amplitude que o instrumento cobriria, sobre as atitudes da mãe, para ganharmos em termos de uma maior consistência. Através de um processo sistemático, seguindo critérios já expostos, elaboramos os itens que cobririam o nosso atributo que é a atitude materna. Os itens foram a seguir submetidos à análise semântica, visando avaliar sua inteligibilidade.

Continuando o processo de validação de construto, realizamos três análises fatoriais. Através disto, estabelecemos os fatores do nosso questionário pelo método de rotação dos componentes principais. Estes fatores se mostraram fortes e significativos haja visto a carga fatorial dos itens acima de $\pm 0,40$, com exceção de cinco com carga fatorial de $\pm 0,39$.

Por outro lado, os fatores também se mostraram puros pois apenas 11 itens estão repetidos (Ver Tabela 2.11), o que é um número pouco significativo considerando a rotação oblíqua que foi utilizada. Os itens repetidos expressariam impureza fatorial sobretudo se tivéssemos utilizado rotação ortogonal na extração dos fatores. Mas como utilizamos rotação oblíqua, esta porcentagem de itens repetidos não representa impureza fatorial e portanto não precisam ser excluídos do instrumento.

Verificamos inclusive que seis destes itens com sinal de mesmo sentido fazem parte de fatores como o II e VI, V e VII, I e VII e I e III, que possuem grande correlação entre si ($p < 0,01$), e estão se referindo a conteúdos semelhantes. Além disto todos estes itens possuem um conteúdo importante que pode ser incluído em ambos os fatores correlacionados.

Outro passo que foi dado para verificarmos a validade de nosso instrumento foi buscar a invariância dos nossos fatores com outros fatores mostrados na literatura. Isto é: procuramos saber em que medida os fatores que apareceram neste questionário eram comuns em outras pesquisas.

Já assinalamos na parte 3.10 deste capítulo a invariância de cada um dos nossos sete fatores com fatores semelhantes encontrados em pesquisas realizadas em diferentes culturas, que utilizaram diversos instrumentos e que também estudaram as atitudes da mãe nas práticas educativas.

Não foi possível verificar a invariância de fatores com estudos idênticos feitos no Brasil, sobre a avaliação da atitude materna. De qualquer modo verificamos nos estudos de Pasquali et al (1977), Pasquali (1979) e Pasquali & Alves de Araújo (1979, 1981), sobre a relação mãe-filho, vista pelas crianças e jovens, grande semelhança entre as dimensões encontradas por estes autores e as nossas, sobretudo se considerarmos as duas dimensões de segunda ordem, que aparecem nestes estudos que é a manifestação de amor e exigência de controle.

Percebemos, portanto, significativa invariância de fatores, entre conceitos idênticos, através de vários estudos que usaram itens e questionários diferentes. Isto nos diz, em última instância, que conseguimos abarcar com o QAM dimensões importantes e nas quais nos baseamos ao construir o questionário inicial. Com isto, parece que referendamos o fato de que na estrutura semântica do conceito que

as pessoas têm da atitude materna em relação à criança, en contra-se sem dúvida a idéia de amor e controle.

4.3 - Precisão

Para avaliarmos a fidedignidade deste questi onário, usamos o α de Cronbach*.

Este dado nos diz em que medida este instru mento será consistente em outras aplicações, a ponto de o correrem resultados semelhantes aos que obtivemos, caso te nhamos uma amostra parecida com a utilizada por nós. Em ou tras palavras, se alguém respondesse o questionário hoje e obtivesse um determinado escore nos fatores, esperaríamos que ao respondê-lo novamente dentro de algum tempo, o sujei to obtivesse um escore semelhante ao anterior. Para termos um nível significativo de possibilidade disso vir a ocorrer, precisamos de um instrumento que apresente um índice de fi dedignidade razoavelmente alto.

Os índices de precisão alcançados pelos fato res do QAM são mostrados na Tabela 2.12. Podemos dizer que a precisão dos fatores é bastante elevada, considerando-se, ademais, que nossa validação se baseou numa amostra bastan te heterogênea constituída de 1.500 pessoas. Apenas alguns índices são mais fracos devido ao número reduzido de itens que integram estes fatores (III, IV e VI).

4.4 - Utilização do Questionário

O QAM é um instrumento multifatorial repre sentado por sete fatores, que nos fornece um perfil da per cepção de como a mãe ou outras pessoas percebem as atitudes maternas em relação às práticas educativas.

* Através do programa "Reliability" do SSPS.

TABELA 2.12

Índices de precisão dos sete fatores do QAM.

FATOR	Nº de ITEM	PRECISÃO
I	21	0,87
II	12	0,86
III	8	0,70
IV	7	0,74
V	12	0,79
VI	9	0,74
VII	15	0,84

Como pode-se perceber, nosso questionário não nos fornece um dado unitário, mas sim vários pontos de referência, no que diz respeito às atitudes e comportamento da mãe.

Os sujeitos que responderem o questionário, terão sete escores, que correspondem a cada um dos fatores. Através disto, teremos o que poderíamos chamar de perfil de avaliação do sujeito.

Na verdade, para facilitar o uso deste tipo de questionário deveríamos dispor de normas de padronização que levassem em consideração, por exemplo, o sexo e idade e que permitissem a confecção de crivos. Lamentavelmente, não podemos neste momento fornecer estes dados para facilitar o uso do QAM. Estamos atualmente empenhados na elaboração destes procedimentos, que facilitarão o uso deste instrumento e serão oportunamente divulgados. Por enquanto, sugerimos apenas que o questionário seja usado para pesquisas e estudos de grupo sobre a relação mãe-criança. Apesar desta limitação, estamos certos que o QAM vem contribuir para a produção de conhecimentos em psicologia, na medida em que diminui a carência de instrumentos nacionais sobre medida de atitude da mãe em relação à criança. O uso para situação individual e mesmo clínica deverá aguardar o aprimoramento dos procedimentos para levantamento do perfil dos sujeitos, bem como de outras possíveis aplicações do questionário.

C A P Í T U L O I I I

ANÁLISE CORRELACIONAL ENTRE AS ATITUDES E PRÁTICAS EDUCATIVAS E AS VARIÁVEIS REVISADAS NO CAPITULO I

1 - METODOLOGIA

1.1 - O Problema

Encontramos na literatura estrangeira muitos estudos sobre as atitudes e práticas educativas maternas. Percebe-se que tem havido grande interesse nesta área do conhecimento, sobretudo porque existe consenso no sentido de que as práticas educativas usadas com a criança influenciam no desenvolvimento das características de personalidade do adulto.

No Brasil, contudo, conhecemos poucos trabalhos publicados na área. Dentre eles podemos citar Rosen (1962), que estudou a relação entre práticas educativas e motivação para a realização em meninos; Pasquali et al (1977), Pasquali (1979) e Pasquali & Araújo (1979,1981) que estudaram a opinião e concepção das crianças sobre o pai e a mãe; Alves de Araújo (1978) que estudou a percepção dos pais por parte de jovens viciados e não viciados; Lázaro (1976) que pesquisou a percepção dos pais por parte de delinquentes e não delinquentes; e Santos & Garcia (1976) que verificaram a relação entre nível sócio-econômico e práticas educativas maternas. Constatamos que, apesar da importância do problema das práticas educativas maternas no desenvolvimento da criança, não tem ocorrido em nosso país um incremento significativo de pesquisas sobre o assunto.

Nosso objetivo neste capítulo é o de verificar a relação existente entre certas variáveis de uma amostra de mulheres casadas, a saber: idade, escolaridade, emprego, renda familiar, número de filhos, sexo e idade das crianças e as práticas educativas maternas. Com este estudo, visamos verificar a importância de cada uma destas variáveis e a sua contribuição para as atitudes e práticas educativas maternas.

Ao invés de estudarmos mais profimente uma ou outra variável independente, dada a quase inexistência de pesquisas nesta área no Brasil, acreditamos que é mais interessante, neste momento, salientar a relação que cada uma das variáveis descritas acima possuem com as atitudes e práticas educativas maternas, bem como a interação entre elas e sua influência nestas atitudes e práticas. Esperamos, com isto, abrir caminho para novas pesquisas que venham a estudar especificamente as variáveis que se mostrarão mais significativamente relacionadas com as atitudes e práticas educativas maternas em nosso meio.

É nosso interesse, portanto, com este trabalho, darmos uma contribuição para o entendimento das variáveis que influenciam as atitudes e práticas educativas de uma amostra de mulheres casadas da população brasiliense. Acreditamos que este estudo vem preencher parcialmente um espaço existente nas pesquisas nacionais em Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Social, sobre o relacionamento mãe-criança.

Este tipo de conhecimento se faz necessário à nossa sociedade, pois, através dele, poderemos iniciar o desenvolvimento de trabalhos preventivos e de orientação a famílias e especialmente à mãe no sentido de minimizar o efeito de possíveis distorções nas práticas educativas usadas com a criança. Compreendendo a influência das variáveis assinaladas acima nos diferentes modos da mãe lidar com seu filho e quais as relações destas práticas com o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança, poderemos gradativamente produzir e difundir conhecimentos que virão facilitar o desenvolvimento da criança nestes três aspectos.

1.2 - Delineamento

Como estamos interessados em saber a relação entre práticas educativas maternas, avaliadas pe-

los sete fatores do Questionário de Atitudes Maternas (QAM), e um número elevado de variáveis preditivas, torna-se difícil o uso de um delineamento de tipo experimental ou quase experimental. Assim sendo, nos basearemos num delineamento correlacional que nos mostrará a relação entre as atitudes e práticas educativas, e as variáveis anteriormente assinaladas.

Teremos, com isto, uma visão genérica do campo das relações existentes entre todas estas variáveis.

1.3 - Amostra

Nossa amostra constou de 339 mulheres casadas, residentes no Distrito Federal, de nível sócio-econômico e escolaridade diferente, com idade variando entre 18 e 70 anos, a maioria das quais com um ou mais filhos. Na Tabela 3.1, descrevemos com maiores detalhes as características de nossa amostra.

1.4 - Instrumento e Procedimento

Para a medida da variável dependente, a saber, atitudes e práticas educativas maternas, nos basearemos nos sete fatores do QAM, cuja elaboração foi descrita no Cap. II do presente trabalho.

Os sujeitos de nossa amostra foram solicitados a participar desta pesquisa respondendo ao Questionário Piloto (ver pg. 76), que deu origem ao QAM. O questionário foi respondido individualmente ou grupo*.

Após o processo de validação do QAM, as respostas das mulheres casadas, que fariam parte da nossa amostra, foram computadas novamente a fim de agrupar

* Maiores informações sobre os procedimentos de aplicação do questionário podem ser obtidos na pg. 86.

- 146 -
TABELA 3.1

Características demográficas da amostras de mulheres casadas (N = 339).

VARIÁVEL	NÍVEL	FREQUÊNCIA	%
IDADE	18-20	14	4,2
	21-25	73	22,0
	26-30	75	22,0
	31-40	109	32,0
	41-50	43	12,9
	51-70	20	6,0
	s/resposta	05	1,5
EMPREGO	Dona-de-Casa	85	25,1
	Trabalha fora de casa	183	54,0
	S/resposta	71	20,9
ESCOLARIDADE	1º Grau	36	10,6
	2º Grau	116	34,2
	Superior	184	54,3
	S/resposta	5	0,9
RENDA	Até 40 mil	103	30,4
	41 a 85 mil	91	26,8
	Acima de 86 mil	134	39,5
	S/resposta	11	3,2
NÚMERO DE FILHOS	Nenhum	48	14,2
	1 Filho	66	19,2
	2 Filhos	89	26,3
	3 Filhos	79	23,3
	4 ou mais filhos	55	16,2
	S/resposta	2	0,6
SEXO DOS FILHOS	Só menino	72	21,2
	Só menina	57	16,8
	Ambos	155	45,7
	Nenhum filho	48	14,2
	S/resposta	7	2,0
IDADE DOS FILHOS	Menos de 1 ano	14	4,1
	1 a 3 anos	47	13,9
	4 a 6 anos	47	13,9
	7 a 12 anos	61	18,0
	13 a 18 anos	57	16,8
	Acima de 19 anos	65	19,2
	Nenhum filho	48	14,2

apenas as suas respostas aos itens que compõem cada um dos sete fatores do QAM.

1.5 - Análises Estatísticas

Para a análise dos dados foi usada a correlação simples de Pearson e a Análise de Regressão Múltipla.*

Através das correlações simples conheceremos quais as variáveis preditivas que apresentam correlação significativa com os sete fatores do QAM. Com a Análise de Regressão Múltipla, verificaremos a importância relativa que cada variável independente possui na determinação da variância explicada pelos fatores do QAM.

* Os trabalhos estatísticos foram realizados no Centro de Processamento de dados da UnB, utilizando-se o Statistical Package for Social Science (SPSS)

2 - RESULTADOS

2.1 - Descrição e Interpretação dos dados

Mostramos na Tabela 3.2 as correlações binárias entre os sete fatores do Questionário de Atitudes Maternas (QAM), a saber: Fator I (Controle Hostil); Fator II (Amor Altruísta); Fator III (Empedimento para a Mãe); Fator IV (Ajudar e Orientar); Fator V (Controle Intrusivo); Fator VI (Encorajar Autonomia), Fator VII (Controle Autoritário) e as variáveis idade das mulheres, seu emprego e escolaridade, a renda familiar, o número de filhos, o sexo dos filhos e idade das crianças.

Observamos que não ocorreu correlação significativa entre os sete fatores do QAM e o sexo dos filhos. Por outro lado, a idade dos sujeitos apareceu com uma correlação positiva ($p = 0,008$) apenas com o Fator IV. A idade da criança também aparece positivamente correlacionada ($p = 0,03$), unicamente com este Fator IV. É importante assinalar que ambas as variáveis, idade das mulheres e da criança, estão muito correlacionadas entre si ($P = 0,001$).

As demais variáveis preditivas apresentaram uma correlação simples significativa com um ou mais fatores do QAM. Especificamente:

- a) trabalho das mulheres casadas está muito relacionado com os fatores I, III, IV, V e VII;
- b) a escolaridade das mulheres casadas está fortemente relacionada com todos os fatores;
- c) renda familiar também apresenta uma correlação forte com todos os fatores;
- d) número de filhos relaciona-se com os fatores III, IV, V e VII.

A direção das correlações nos diz que tanto a escolaridade como a renda familiar estão posi

TABELA 3.2

CORRELAÇÃO BINÁRIAS ENTRE AS VARIÁVEIS

	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	IDADE SUJEITOS	TRABA- LHO	ESCOLA RIDADE	RENDA FAMILIAR	FILHO	SEX	SEFI
IDADE DOS SUJEITOS	0,04	-0,01	0,07	*** 0,15	0,06	0,04	0,05							
TRABALHO	*** -0,25	-0,01	*** -0,19	*** -0,19	*** -0,25	0,08	*** -0,18	** -0,11						
ESCOLARI- DADE	*** -0,45	*** 0,24	*** -0,17	*** -0,23	*** -0,38	*** 0,32	*** -0,42	*** -0,20	*** 0,34					
RENDA FAMILIAR	*** -0,39	*** 0,22	** -0,15	*** -0,16	*** -0,32	*** 0,32	*** -0,41	*** 0,18	0,10	*** 0,43				
FILHOS	0,07	-0,05	** 0,14	** 0,14	*** 0,18	-0,08	*** 0,17	*** 0,62	*** -0,17	*** -0,26	0,05			
SEX	-0,00	-0,07	0,03	0,06	0,09	0,05	0,06	0,25	-0,17	-0,14	0,07	*** 0,54		
SEFI	-0,02	-0,09	0,04	0,02	0,10	0,02	0,07	*** 0,24	*** -0,18	-0,10	0,07	*** 0,56	*** 0,92	
AGE	0,05	-0,07	-0,02	** 0,13	0,09	-0,02	0,07	*** 0,81	-0,06	*** -0,23	** 0,15	*** 0,64	*** 0,43	*** 0,40

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ *** $p < 0,001$

- TRABALHO = (1) Dona-de-Casa
(2) Trabalha Fora de Casa

FILHOS = Número de Filhos

SEX = Sexo dos Filhos

- ESCOLARIDADE = (1) 1º Grau
(2) 2º Grau
(3) 3º Grau

(1) = só menino
(2) = só menina

- RENDA FAMILIAR = (1) Até 40 mil
(2) De 41 a 85 mil
(3) Mais de 86 mil

SEFI = Sexo dos Filhos
(1) = só menina ou menino
(2) = ambos os sexos

AGE = Idade dos Filhos

tivamente correlacionadas com os fatores II e VI ($p=0,001$). Isto nos mostra que quanto maior a escolaridade e a renda familiar, maior foram os escores em Amor Altruísta e Encorajar a Autonomia da criança, respectivamente.

Por outro lado, as duas variáveis apareceram negativamente correlacionadas com os fatores I, III, IV, V e VII. Percebemos, com isto, que o aumento da escolaridade e da renda familiar implica na redução dos escores nos fatores Controle Hostil, Empecilho para Mãe, Ajudar e Orientar, Controle Intrusivo e Controle Autoritário.

A variável trabalho esta negativamente correlacionada com os fatores I, III, IV, V e VII ($p = 0,001$). É bom lembrar que na conversão usada na codificação dos dados o número 1 significa a mulher que é dona-de-casa e o número 2 a mulher que trabalha fora de casa.

Temos assim que as mulheres donas-de-casa apresentam escores mais elevados em Controle Hostil, Empecilho para a Mãe, Ajudar e Orientar, Controle Intrusivo e Controle Autoritário, do que as mulheres que trabalham fora de casa.

A variável número de filhos mostra-se fortemente correlacionada ($p = 0,001$) com os fatores V e VII e também, com os fatores III e IV ($p = 0,01$). Isto nos diz que aumentando o número de filhos aumentaram também os escores em Controle Intrusivo, Controle Autoritário, Empecilho para a Mãe e Ajudar e Orientar.

É importante assinalarmos que estas correlações simples assinaladas acima, não nos fornecem uma informação precisa da importância de cada variável. Isto porque pode ocorrer que uma variável esteja muito correlacionada com um determinado fator, não por uma relação direta com este fator, mas por estar relacionada com outra variável, esta sim associada ao referido fator. Em função desta ligação muito estreita entre as duas variáveis ambas poderão aparecer com uma correlação simples significativa com o fator, embora na verdade somente uma é que está realmen-

te correlacionada ao referido fator.

Em função disto, as correlações simples não nos fornecem um dado muito claro sobre a relação entre uma variável e os fatores. Torna-se, portanto, necessário um tratamento estatístico que dê maior segurança, nos fornecendo dados separados sobre a contribuição de cada variável para a explicação da variância do fator. Este tratamento estatístico foi efetivado através da Análise de Regressão Múltipla, cujos resultados estão expostos na Tabela 3.3.

Inicialmente excluímos da análise de regressão a variável sexo dos filhos, que não tinha apresentado nenhuma relação com os fatores do QAM. Realizamos três análises de regressão, para aproveitarmos ao máximo as respostas dos sujeitos, visto que os questionários com variáveis incompletas são automaticamente desconsiderados pelo computador na análise de regressão.

Por exemplo, as mulheres de nossa amostra que não são donas-de-casa, ou que não trabalham fora de casa (sendo por exemplo estudante), não são consideradas em uma análise de regressão onde solicitamos a inclusão da variável trabalho. Ou então as mulheres que não têm filhos, obviamente, não preencheram a variável idade da criança, e são, por isto, eliminadas quando incluímos esta variável na análise de regressão. Em função disto, nós solicitamos inicialmente uma análise de regressão onde não incluímos o trabalho dos sujeitos e a idade da criança, visto que estas duas variáveis não apresentam relação com os fatores II e VI. Com isto, aproveitamos 229 sujeitos que tinham preenchido corretamente o questionário no que diz respeito às variáveis incluídas para análise. Num segundo momento, solicitamos uma análise de regressão onde acrescentamos a variável trabalho e por isto reduzimos nossa amostra para 176 sujeitos. Os dados desta análise foram utilizados para os fatores I, III, V e VII, com os quais a variável trabalho apresenta relação. Por fim, para o Fator IV utilizamos uma análise de regressão que incluía tanto a variável trabalho como a idade da criança o que reduziu nossa amostra

TABELA 3.3

Sumário de dados sobre as variáveis e a equação de regressão

	FATORES	COEFICIENTE DE REGRESSÃO MULTÍPLA			VARIÁVEIS NA EQUAÇÃO	ANÁLISE DA VARIÂNCIA		EQUAÇÃO DE REGRESSÃO
		R	R ²	MUDANÇA R ²		GL	F	
I	CONTROLE	0,43	0,18	0,18	ESCOLARIDADE	1 e 176	39,05**	F1= -0,43 ESC
		0,47	0,21	0,04	ESC., RENDA	2 e 175	24,48**	F1= -0,35 ESC - 0,21 REN
	HOSTIL	0,47	0,22	0,01	ESC., REN, TRAB.	3 e 174	16,78**	F1= -0,32ESC -0,21REN -0,08TRAB
II	AMOR	0,17	0,02	0,02	ESCOLARIDADE	1 e 229	6,59*	F1= 0,17 ESC
	ALTRUISTA	0,18	0,03	0,00	ESC. RENDA	2 e 228	3,83*	F2= 0,14 + ESC + 0,07 REN
III	EMPECILHO	0,23	0,06	0,06	TRABALHO	1 e 176	10,26**	F3= -0,23 TRAB
	PARA	0,27	0,07	0,02	TRAB. ESCOLARIDADE	2 e 175	6,99**	F3= -0,19 TRAB - 0,15 ESC
	A	0,29	0,08	0,01	TRAB.ESC.NÚMERO FILHOS	3 e 174	5,37**	F3=-0,17TRAB-0,13ESC+0,11NFIL
	MÃE	0,31	0,10	0,01	TRAB,ESC,NFR,RENDA	4 e 173	4,70**	F3=-0,17TRAB-0,07ESC+0,14NFIL-0,13REN
IV	AJUDAR	0,22	0,05	0,05	ESCOLARIDADE	1 e 158	7,67**	F4= -0,22 ESC
	E	0,25	0,06	0,02	ESC., TRABALHO	2 e 157	5,25**	F4= -0,17 ESC -0,14 TRAB.
	ORIENTAR	0,28	0,08	0,01	ESC.TRAB.IDADE DA CRIANÇA	3 e 156	4,39**	F4= -0,14ESC -0,14TRAB +0,13IDCR

(Continua)

(Cont. TABELA 3.3)

	FATORES	COEFICIENTE DE REGRESSÃO MULTIPLA			VARIÁVEIS NA EQUAÇÃO	ANÁLISE DA VARIÂNCIA		EQUAÇÃO DE REGRESSÃO
		R	R ²	R ²		GL	F	
V	CONTROLE	0,40	1,16	0,16	ESCOLARIDADE	1 e 176	33,84 **	F5= -0,40 ESC
		0,44	0,19	0,03	ESC., TRABALHO	2 e 175	20,43 **	F5= -0,34 ESC -0,18 TRAB.
	0,47	0,22	0,03	ESC., TRAB., RENDA	3 e 174	16,09 **	F5=-0,27ESC -0,18TRAB -0,18REN	
	0,47	0,22	0,00	ESC., TRAB., RENDA, NÚMERO FILHOS	4 e 173	12,24 **	F5=-0,25ESC-0,17TRAB-0,20REN+0,06NFIL	
VI	ENCORAJAR	0,24	0,06	0,06	ESCOLARIDADE	1 e 229	15,26 **	F6= 0,25 ESC
	A	0,29	0,08	0,02	ESC, RENDA	2 e 228	10,46 **	F6= 0,19 ESC + 0,16 REN
	AUTONOMIA							
VII	CONTROLE	0,41	0,17	0,17	ESCOLARIDADE	1 e 176	36,04 **	F7= -0,41 ESC
		0,48	0,23	0,06	ESC., RENDA	2 e 175	26,46 **	F7= -0,31 ESC -0,27 REN
	0,49	0,24	0,00	ESC., REN, Nº FILHOS	3 e 174	18,31 **	F7=-0,28ESC -0,30REN +0,09NFIL	
	0,49	0,24	0,00	ESC, REN, NFIL TRAB.	4 e 173	13,78 **	F7=-0,26ESC-0,29REN+0,09NFIL-0,04TRAB	

* p < 0,05 ** p < 0,01 (Guilford, 1973, p. 516)

R= Uma variável na equação
 Gl= Graus de liberdade
 F= F da equação.

para 158 sujeitos.

Analisaremos, a seguir, os resultados das análises de regressão utilizadas em cada um dos sete fatores.

FATOR I - Escores altos neste fator se referem a uma mãe que apresenta um forte controle sobre a criança, sendo muito exigente e disciplinadora, evitando manifestar carinho e apresentando inclusive hostilidade. Tanto a escolaridade dos sujeitos como a renda familiar apresenta uma correlação negativa bastante acentuada com este fator ($r = -0,45$ e $-0,39$ respectivamente, ambos a $p = 0,001$). As donas de-casa apresentam também relação com este fator ($r = -0,25$; $p = 0,001$), significando que elas apresentam maiores escores neste fator do que as mulheres que trabalham fora de casa.

Os sujeitos com elevada escolaridade apresentam acentuadamente menos controle hostil do que as de pouca escolaridade ($F_1 (1;176) = 39,05$; $p < 0,01$) e, tanto as com mais escolaridade, como as com maior renda familiar utilizam muito menos este tipo de controle ($F_1 (2;175) = 24,48$; $p < 0,01$). A variável escolaridade contribui com 10% ($Beta = 0,32^2$) na explicação da variância do Fator I e a renda familiar participa com 4%.

Embora a variável trabalho apresenta, como vimos acima, uma forte correlação simples com este fator, é interessante notar que a participação desta variável na equação final de regressão múltipla é insignificante ($0,08^2$). Isto se deve provavelmente ao fato de que esta variável apresenta-se muito correlacionada com a escolaridade dos sujeitos ($r = 0,34$; $p = 0,001$). Portanto, após retirarmos o efeito da escolaridade na explicação da variância do Fator I, a variável trabalho aparece com uma contribuição quase nula.

FATOR II - Escores elevados neste fator referem-se a uma mãe carinhosa e compreensiva para com a criança. Apenas duas variáveis mostram-se relacionadas a este Fator II. Tanto a escolaridade como a renda familiar apresentam relação positiva com este fator ($r = 0,24$ e $0,22$, respectivamente a $p = 0,001$). Os sujeitos de elevada escolaridade e renda familiar apresentam maiores escores neste fator do que as

as mulheres de pouca escolaridade e baixa renda familiar $F(2; 228) = 3,83; p = 0,03$).

A contribuição da escolaridade para a variância explicada por este fator é de 2% ($0,14^2$). A renda familiar embora apresente uma correlação simples muito significativa, não aparece contribuindo significativamente na equação final de regressão múltipla para este Fator II. A forte correlação simples da renda familiar com este fator se deve provavelmente a sua correlação significativa com a escolaridade dos sujeitos. Quando retirou-se a contribuição da escolaridade das mulheres vemos que a renda não mais se mostra significativa na explicação da variância deste fator.

FATOR III - Elevados escores neste fator referem-se a uma mãe que encara a criança como um peso na sua vida, como alguém que a chateia e atrapalha. A variável trabalho e a escolaridade dos sujeitos apresentam forte relação com este fator ($r = -0,19$ e $-0,17$, respectivamente; $p = 0,001$). Também a renda familiar e o número de filhos apresentam relação significativa ($r = -0,15$ e $0,14$, respectivamente; $p = 0,01$).

Verificamos na equação final de regressão múltipla que as mulheres donas-de-casa com pouca escolaridade e renda familiar, mas com muitos filhos apresentam elevados escores neste Fator III ($F(4;172) = 4,70; p < 0,01$). A variável que mais contribui para explicação da variância deste fator foi o trabalho dos sujeitos com 3%, seguido das variáveis número de filhos e renda familiar com 2% cada uma. A escolaridade das mulheres, embora tenha apresentado uma correlação simples muito significativa, apresenta uma contribuição insignificante para a explicação da variância deste Fator III, quando considerada conjuntamente com as demais variáveis. Provavelmente sua correlação simples significativa com este fator se deve ao fato da forte correlação que mantém com a variável

vel trabalho ($r=0,34$; $p = 0,001$) e com a renda familiar ($r= 0,43$; $p = 0,001$), ambas com contribuições significativas para a variância explicada por este fator.

FATOR IV - Escores altos neste fator referem-se à atitude da mãe em auxiliar e orientar a criança. Tanto a escolaridade como a renda familiar apresentam correlações negativas significativas com este fator ($r = -0,23$; $p = 0,001$ e $r = -0,16$; $p = 0,005$, respectivamente). Isto nos mostra que quanto maior a escolaridade dos sujeitos e a renda familiar, menores foram os seus escores neste Fator IV.

A idade dos sujeitos e a idade da criança apresentam relação positiva com este fator ($r=0,15$; $p = 0,008$ e $r = 0,13$; $p = 0,03$ respectivamente), o que nos diz que o aumento da idade dos sujeitos e da criança estão associados a maiores escores neste fator. Deve-se lembrar, contudo, que ambas as variáveis estão muito correlacionadas entre si ($r 0,81$; $p = 0,001$), o que pode estar influenciando a relação entre estas variáveis e o Fator IV.

Por fim, o número de filhos também apresenta relação positiva com o fator ($r= 0,14$; $p = 0,001$). Os sujeitos com maior número de filhos apresentaram na correlação simples maiores escores neste fator.

Verificando a equação de regressão múltipla temos que, sobretudo o aumento da idade da criança, a menor escolaridade e o fato da mulher ser dona-de-casa, contribuem significativamente para maiores escores neste Fator IV ($F (4;155) = 3,52$; $p < 0,01$).

Baseando-se na equação final temos que a variável escolaridade dos sujeitos e o fato de ela ser dona-de-casa e a idade da criança, contribuem com 2% cada uma, na explicação da variância deste Fator IV.

As variáveis idade dos sujeitos, número de filhos e renda familiar, embora apresentem correla

ções simples significativas com este fator, não apresentam contribuição importante na explicação da variância do fator IV quando foram consideradas junto com as demais variáveis. Isto se deve, provavelmente, ao fato de que ao retirarmos a contribuição das variáveis escolaridade, trabalho e idade da criança, na explicação da variância do Fator, restou contribuição quase nula das demais variáveis.

FATOR V - Escores elevados neste fator indicam uma mãe que controla muito seus filhos, através de muita exigência, e mesmo por superproteção. As variáveis escolaridade dos sujeitos e renda familiar apresentam correlações fortes e negativas com este fator ($r = -0,25$ e $-0,32$, respectivamente a $p = 0,001$). Isto nos diz que mulheres com maior escolaridade e maior renda familiar apresentaram escores menores neste Fator V.

O fato de a mulher ser dona-de-casa também relaciona-se muito com esta fator ($r = -0,25$; $p = 0,001$), mostrando que estas mulheres apresentam maiores escores neste fator do que aquelas que trabalham fora de casa.

Por fim, o número de filhos também relaciona-se fortemente com este fator ($r = 0,18$; $p = 0,001$), mostrando que o maior número de filhos associou-se à maiores escores no Fator V.

Verificando a equação de regressão múltipla vemos que o aumento dos escores neste fator correlaciona-se negativamente com a escolaridade dos sujeitos e com a renda familiar, e positivamente, com o fato da mulher ser dona-de-casa e com o número de filhos ($F(4;173) = 12,24$; $p < 0,01$).

A escolaridade dos sujeitos contribui com 6% para a explicação da variação do Fator V, seguida por 4% da renda familiar, 3% da variável trabalho e uma contribuição insignificante do número de filhos.

Embora o número de filhos apareça na correlação simples muito relacionado com este fator ,

a equação da análise de regressão final, mostra que quando todas as variáveis são consideradas juntas, o fato da mulher ter maior ou menor número de filhos não contribui significativamente para a explicação da variância do fator. Isto se deve provavelmente ao fato de que esta variável está muito relacionada com a escolaridade das mulheres ($r = -0,26$; $p = 0,001$). Assim, após retirarmos a contribuição da escolaridade para a variância explicada pelo fator o efeito do número de filhos é quase nulo.

FATOR VI - Escores elevados neste fator referem-se à atitude materna de respeitar a criança e estimular sua autonomia. Apenas duas variáveis se mostraram associadas a este fator, a saber, a escolaridade dos sujeitos e a renda familiar ambas com uma correlação significativa ($r = 0,32$; $p = 0,001$). Isto nos diz que a maior escolaridade dos sujeitos e o aumento da renda familiar associam-se positivamente com maiores escores neste Fator VI.

A equação de regressão múltipla também nos mostra que ambas as variáveis correlacionam-se positivamente com os escores deste fator ($F(2;228) = 10,46$; $p < 0,01$). A escolaridade contribui com 4% e a renda com 3% na explicação da variância do Fator VI.

FATOR VII - Escores elevados neste fator referem-se a uma mãe que apresenta forte autoritarismo sobre a criança, embora sem a presença de hostilidade. A escolaridade dos sujeitos e a renda familiar apresentam significativa correlação negativa com este fator ($r = -0,42$ e $-0,41$, respectivamente, $p = 0,001$), mostrando que os sujeitos de maior renda e escolaridade apresentam escores menores nesta Fator VII.

O número de filhos e o fato de a mulher ser dona-de-casa também aparecem correlacionados com este fator ($r = -0,17$; $p = 0,003$ e $r = 0,18$; $p = 0,005$, respectivamente).

Analisando a equação de regressão múltipla percebemos que o aumento dos escores neste fator correlaciona-se negativamente com a escolaridade, e a

renda familiar, e positivamente, com o número de filhos e o fato de a mulher ser dona-de-casa ($F(4;173) = 13,78; p < 0,01$).

A renda familiar contribui com 8% na explicação da variância deste fator, seguida pela escolaridade que participa com 7%. A contribuição das variáveis número de filhos e trabalho dos sujeitos é insignificante.

Embora as correlações simples mostrem forte relação entre o número de filhos e trabalho da mãe com o Fator VII, a contribuição destas duas variáveis na equação final de regressão múltipla foi quase nula. Isto se deve provavelmente ao fato de que a escolaridade está muito relacionada com o número de filhos ($r = 0,26; p = 0,001$) e com o trabalho dos sujeitos ($r = 0,32; p = 0,01$). Após retirarmos a contribuição da variável escolaridade na explicação da variância do Fator VII, pouco restou de contribuição das outras duas variáveis.

3 - DISCUSSÃO

Os resultados da presente pesquisa baseados na análise de regressão múltipla são sumariamente expostos na Tabela 3.4. Nela mostramos os sete fatores do QAM e o tipo de relação que apresentam com cada uma das variáveis independentes deste nosso estudo.

Vemos que a escolaridade se relaciona negativamente com os fatores que avaliam as atitudes de controle (Fator I, V e VII). Quanto maior a escolaridade dos sujeitos menores foram seus escores nestes fatores. Estes resultados se assemelham aos encontrados por Garfield & Helper (1962); na revisão bibliográfica feita por Becker & Krug (1965); por Hess (1970) e no trabalho de Minton et al (1971), que encontraram relação negativa entre escolaridade da mãe e atitudes controladoras. Contudo, é importante assinalar que Becker & Krug (1965) mostraram que havia uma relação muito grande entre atitudes autoritárias e a escolaridade da mãe, sobretudo em dados obtidos através de questionários. Segundo estes autores, o uso deste método facilitava vieses nas respostas dos sujeitos especialmente de escolaridade elevada, que apresentavam escores menores em controle autoritário. Embora não tenham considerado a importância do nível educacional da mãe nas suas atitudes frente à criança sugeriram precauções na generalização dos dados sobre controle autoritário, sobretudo quando proveniente de respostas a questionários. Santos & Garcia (1976) num trabalho realizado no Brasil, sugeriram que as mães de maior escolaridade pareciam dar freqüentemente respostas que eram as mais esperadas, quando entrevistaram mães de diferentes níveis educacionais. Salientaram, contudo, a possibilidade de as mães com maior instrução realmente diferirem das mães com baixa escolaridade por terem maior número de informações sobre o desenvolvimento infantil.

TABELA 3.4

Sumário da Análise de Regressão Múltipla.

	FATORES	Variáveis																			
		ESCOLARI- DADE			RENDA FA- MÍLIA			TRABALHO		NÚMERO DE FILHO				IDADE DOS SUJEITOS 18 a 70 anos		IDADE DA CRIANÇA					SEXO DOS FILHOS UM AMBOS
		1	2	3	1	2	3	1	2	0	1	2	3	4	1	2	3	4	5		
I	CONTROLE HOSTIL	>			>			Ns		Ns				Ns		Ns					Ns
II	AMOR ASTRUÍSTA	<			Ns			Ns		Ns				Ns		Ns					Ns
III	EMPECILHO PAPA A MÃE	Ns			>			>		<				Ns		Ns					Ns
IV	AJUDAR E ORIENTAR	>			Ns			>		Ns				Ns		<					Ns
V	CONTROLE INTRUSIVO	>			>			>		Ns				Ns		Ns					Ns
VI	ENCORAJA A AUTONOMIA	<			<			Ns		Ns				Ns		Ns					Ns
VII	CONTROLE AUTORITÁRIO	>			>			Ns		Ns				Ns		Ns					Ns

ESCOLARIDADE = (1) 1º Grau
(2) 2º Grau
(3) 3º Grau

RENDA FAMILIAR = (1) Até 40 mil
(2) 41 a 85 mil
(3) + 86 mil

TRABALHO = (1) Dona-de-Casa
(2) Trabalho Fora de Casa

> e < = DIREÇÃO em que crescem ou diminuem
os escores no fator
Ns = Ausência de relação.

Frente a estes dados, torna-se difícil negar que a maior escolaridade possa aparecer relacionada a determinadas tendências de respostas, sobretudo quando usamos questionários. Contudo, é importante notar que a escolaridade das mulheres casadas foi uma variável insignificante para o Fator III, o que nos mostra que a escolaridade não esteve sempre relacionada com a explicação da variância dos fatores.

Enfim, o maior número de informações sobre desenvolvimento infantil nas mães com mais escolaridade (Santos & Garcia, 1976), juntamente com o receio des - tas mães sobre as conseqüências negativas da repressão (Minton et al, 1971) e ainda certa tendência de elas darem determinadas respostas (Becker & Krug, 1965) provavelmente ajudam a explicar porque os sujeitos de maior escolaridade apresentaram em nossa pesquisa escores menores nos fatores que avaliam controle.

A escolaridade dos sujeitos associa-se também negativamente, com o Fator IV, Ajudar e Orientar a criança. As mulheres de pouca escolaridade apresentaram muitos escores neste fator, o que parece expressar uma tendência destes sujeitos a encararem a criança como mais indefesa, necessitando de maior ajuda. Para endossar estes argumentos poderíamos também citar o fato de que as mulheres de menor nível educacional, apresentaram escores menores no Fator VI, Encorajar a Autonomia, como veremos adiante.

Encontramos relação insignificante entre escolaridade das mulheres e o Fator III cujo conteúdo se refere à criança como um Empecilho para a Mãe. Estes resultados assemelham-se aos encontrados na revisão biblio - gráfica feita por Becker e Krug (1965) e por Hess (1970) que verificaram pouca relação entre escolaridade da mãe e os aspectos de rejeição e hostilidade, que são semelhantes ao conteúdo abrangido pelo Fator III.

Vemos, ainda, que o aumento da escolaridade dos sujeitos correlaciona-se positivamente com a expressão de afeição (Fator II) e com o respeito à autonomia da criança (Fator VI). Hess (1970) assinalou que em alguns trabalhos revisados pôde encontrar relação entre nível educacional da mãe e a expressão de afeição. Minton et al (1971) por sua vez assinalou que mães com maior escolaridade encorajavam mais autonomia e responsabilidade em seus filhos, que seriam traços desejáveis, do que as mães com pouca escolaridade que temeriam dar à criança muita liberdade.

A segunda variável que mais se apresenta relacionada com os fatores do QAM é a renda familiar. O tipo de relação que mantêm com os fatores é semelhante ao que vimos para a escolaridade. Isto se explica, sobretudo, em função de as duas variáveis apresentarem uma correlação muito significativa entre si ($p = 0,001$).

Verificamos, pelos nossos resultados, que quanto maior a renda familiar, menores são os escores dos sujeitos nos fatores que avaliam atitudes controladoras (Fator I, V e VII). Este resultado é encontrado também na literatura que estudou a relação entre classe social e práticas educativas maternas e podemos citar como exemplos os trabalhos de Bayley & Schaefer (1960 e 1964); Waters & Grandall (1964); Prothro (1966); Boeck (1976); Ramey & Campbell (1976); Gaudenz et al (1976), entre outros, que assinalaram maior autoritarismo nas mães de menor nível-sócio-econômico.

O nível-econômico dos sujeitos da nossa amostra aparece ainda relacionado negativamente com o Fator III, que se refere a atitude de hostilidade da mãe para com a criança. Verificamos que poucos autores assinalaram relação semelhante. Bayley & Schaefer, (1964) mostraram que as mães de classe baixa tendiam a ser mais irritadas com a criança e Boeck (1976) assinalou que elas seriam menos amorosas do que as de classe alta.

Verificamos, por outro lado, uma relação significativa e positiva entre a renda familiar e o Fator VI Encorajar a Autonomia. Dados semelhantes são encontrados nos trabalhos de Minton et al, (1971) e Boeck (1976). No Brasil, contudo, o estudo de Santos & Garcia (1976), não encontrou diferenças nas atitudes das mães em dar maior autonomia à criança, como função do nível-sócio-econômico da mãe.

Embora algumas pesquisas mostrem relação entre classe social da mãe e manifestação de amor (Schaefer, 1960, 1964); Bayley & Schaefer, 1960 e 1964; Prothro, 1966, Boeck, 1976), não encontramos em nosso estudo correlação significativa entre a renda familiar e o Fator II. Nossos dados assemelham-se aos encontrados por Waters & Grandall (1964), que não assinalaram diferença na expressão de afeição como função da classe social da mãe.

Quanto à variável trabalho percebemos que as donas-de-casa apresentam correlação significativa com o Fator V (Controle Intrusivo). Contudo, torna-se difícil compararmos estes dados com os da literatura visto que os estudos sobre a relação entre trabalho da mãe e as práticas educativas abordaram também outros aspectos do problema, como por exemplo: se a mãe gostava ou não do seu emprego (Hoffman, 1959 citado por Stolz, 1961); satisfação ou insatisfação com o emprego ou com o fato de ser dona-de-casa (Yarrow, 1961) e estabilidade ou instabilidade da família (McCord et al, 1963). Indêpende destes aspectos que em nosso estudo não foram considerados, nossos dados corrobora uma das hipóteses levantadas por Hoffmann (1974) sobre diferenças no uso de disciplinas entre donas-de-casa e mães que trabalham fora de casa. Assinalou este autor que as mães com emprego seriam razoáveis no uso de disciplina, em função de sua consciência e esforços em compensar sua ausência de casa. Neste nosso estudo as mulheres que trabalham fora de casa também apresentaram escores menores em atitudes controladoras.

Verificamos que as donas-de-casa apresentaram escores mais altos no Fator IV (Ajudar e Orientar), o que assemelha-se aos dados de Hoffman (1974) que mostrou que as mães donas-de-casa enfatizavam menos a independência e a maturidade em seu filho do que as mães que trabalham fora de casa. Este dado estaria expressando uma tendência nas donas-de-casa, que convivem mais com a criança, a perceberem seu filho como mais indefeso e necessitando de maior auxílio e orientação.

O fato de ser dona-de-casa também se relacionou positivamente com os escores no Fator III (Empecilho para a Mãe). Não temos no momento resultados semelhantes que possam ser comparados com estes, mas acreditamos que é razoável supor que a criança pode se tornar um encargo mais facilmente para uma mãe que a cuida durante todo o dia, do que para aquelas que trabalham fora de casa.

A variável número de filhos apresenta-se associada significativamente unicamente com o Fator III (Empecilho para a Mãe), mostrando que os sujeitos com maior número de filhos apresentaram mais escores neste Fator. Estes dados são semelhantes ao encontrados por Hurley & Hohn (1971) que assinalaram que os pais que tinham muitos filhos apresentavam um aumento de rejeição e diminuição de superproteção.

Verificamos que a idade da criança também se relaciona unicamente com o Fator IV, Ajudar e Orientar. Quanto maior a idade dos filhos, maiores escores os sujeitos apresentaram neste fator. Aparentemente estes resultados são contraditórios, pois se esperaria que as mulheres com filhos menores, é que assinalariam mais a importância de auxiliar a criança. Contudo, é importante notar que vários itens deste Fator IV se referem a necessidade de a mãe orientar a criança e também de dar explicações antes de corrigi-la. Acreditamos, portanto, que esta dire

ção do fator tenha atuado bastante para que ocorresse de as mulheres com filhos mais velhos, apresentarem maiores escores neste fator. Não temos, neste momento, resultados de outras pesquisas com as quais pudéssemos comparar nossos dados.

Nossos dados mostram, ainda, que não há relação entre a idade dos sujeitos de nossa amostra e suas atitudes e práticas educativas. De modo geral, a literatura revisada também não salientou diferenças nestas atitudes e práticas, como decorrente da idade das mulheres. Apenas algumas diferenças foram verificadas por Pumroy (1966) e Slough et al (1978) nos fatores de disciplina e rejeição, como função da idade dos sujeitos.

Por fim devemos assinalar que, ao contrário do que encontramos na literatura, não verificamos em nossa pesquisa, nenhuma relação entre o sexo dos filhos e as atitudes maternas avaliadas pelos fatores do OAM. Embora vários autores tenham mostrado diferenças nas atitudes da mãe em função do sexo da criança, como por exemplo, o fato de que meninas receberiam mais calor e afeição, enquanto meninos mais controle e hostilidade (Bayley & Schaefer, 1960; Droppleman & Schaefer, 1963 e Minton et al 1971), não encontramos em nosso trabalho nenhuma relação deste tipo. Sugerimos a realização de novas pesquisas antes de podermos defender alguma posição frente a estes resultados.

4 - CONCLUSÃO

Vimos através dos resultados da Análise de Regressão Múltipla, a importância de cada uma das variáveis que nos propusemos a estudar quanto a sua relação com as atitudes e práticas educativas maternas. Muitas variáveis tinham apresentado uma correlação simples significativa com os fatores do QAM, contudo, quando analisadas conjuntamente com as outras variáveis, apareceram com uma contribuição insignificante para a explicação da variância dos fatores.

Sintetizando os dados mais significativos, a respeito de cada uma das principais variáveis temos o seguinte:

- A escolaridade das mulheres casadas se mostra negativamente relacionada com as atitudes controladoras e com a atitude da mãe de auxiliar e orientar a criança, aparecendo, além disto, positivamente correlacionada com a expressão de afeição e incentivo à autonomia da criança.
- A renda familiar se apresenta negativamente correlacionada com as atitudes controladoras e com a percepção de que a criança atrapalha a mãe, e positivamente associada com a atitude materna de estimular a autonomia da criança.
- O fato de a mulher casada ser dona-de-casa em oposição as que trabalham fora de casa, correlaciona-se positivamente com controle intrusivo, auxiliar e orientar a criança e com a atitude da mãe de encarar a criança como atrapalhando sua vida.

- O número de filhos associa-se positivamente com a percepção da mãe de que a criança atrapalha sua vida.
- A idade da criança correlaciona-se positivamente com o fator Auxiliar e Orientar a criança.

Por fim, não encontramos nenhuma relação significativa entre a idade dos sujeitos de nossa amostra e o sexo dos filhos com os sete fatores do QAM.

Vimos portanto através deste trabalho uma série de relações existentes entre as variáveis preditivas e os fatores que compõem o conceito de atitude materna frente a criança. Assinalamos que estes dados são preliminares e necessitam ser aprimorados por futuras pesquisas, para então termos informações mais precisas sobre a importância de cada variável nas atitudes e práticas educativas maternas.

Embora não nos aprofundamos em uma pesquisa sobre relação de causa e efeito, acreditamos que este estudo correlacional abre espaço para novos trabalhos que venham estudar principalmente as variáveis que se mostraram mais significativamente relacionadas com as atitudes e práticas educativas maternas, a saber: a escolaridade da mulher a renda familiar, o seu trabalho, o número de filhos e a idade da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. de, REGO, A. & LOPES-ZÉA, A. Manual de Psiquiatria Infantil. Barcelona, Editora Toray-Masson, 1976.
- ALVES de ARAÚJO, J. M. Percepção Parental de Adolescentes Viciados e Não-Viciados em Drogas. Tese de Mestrado, Brasília, UnB, 1978.
- ARIÉS, Ph. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- ARMENTROUT, J. A. & BURGER, G. Children's Reports of Parental Child-Rearing Behavior at Five Grade Levels. Developmental Psychology, 1972, 7, 44-48.
- ARNOLT, V. F. Intergroup Attitudes in Kindergarten Children: Their Relationships to Parental Child-Rearing Attitudes. Dissertation Abstracts International, 1976, 37, p. 2.066 -A.
- BAYLEY, N. & SCHAEFER, E.S. Relationships Between Socioeconomic Variables and the Behavior of Mother Toward Young Children. The Journal of Genetic Psychology, 1960, 96, 61-77.
- BAYLEY, N. & SCHAEFER, E. S. Correlations of Maternal and Child Behavior with the Development of Mental Abilities: Data from the Berkeley Growth Study. Society for Research in Child Development, Monographs, 1964, 97.
- BECKER, W. C. & KRUG, R. S. A Circumplex Model for Social Behavior in Children. Child Development, 1964, 35, 371-396.
- BECKER, W. C. & KRUG, R. S. The Parent Attitude Research Instrument - A Research Review. Child Development, 1965, 36, 329-365.
- BERG, P. I. Parental Expectations and Attitudes in Child-Abusing Families. Dissertation Abstracts International, 1976, 37, 1889-B
- BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. A Construção Social da Realidade. Petrópolis, Ed. Vozes Ltda, 1976.
- BOECK, P. de., An Alternative Factor Solution to the Mother's Form of the Parental Attitude Research Instrument and the Relationships of PARI Factor With Social Class. The Journal of Psychology, 1976, 94, 76-86.

- BRODY, G. Relationship Between Maternal Attitudes and Behavior. Journal of Personality and Social Psychology, 1965, 2, 317-323.
- BURGER, G.K. & ARMENTROUT, J. A. A Factor Analysis of Fifth and Sixth Graders' Reports of Parental Child-Rearing Behavior. Developmental Psychology, 1971, 4, 483.
- DIELMAN, T. E. & CATTELL, R. B., LEPPER, C. & RHOADES, P. A Check on the Structure of Parental Reports of Child-Rearing Practices. Child Development, 1971, 42, 893-903.
- DIELMAN, T. E. , CATTELL R. B. The Prediction of Behavior Problems in 6 to 8 Year-Old Children from Mother's Reports of Child-Rearing Practices. Journal of Clinical Psychology, 1972, 28, 13-17.
- DROPPELMAN, L.F. & SCHAEFER, E.S. Boys' and Girls' Report of Maternal and Paternal Behavior. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1963, 67, 648-654.
- DURRET, M. E., O'Bryant, S. & Pennebaker, J. W. Child-Rearing Reports of White, Black, and Mexican-American Families, Developmental Psychology, 1975, 11, 871.
- GARFIELD , S. L. & HELPER, M. M. Parental Attitudes and Socio-Economic Status. Journal of Clinical Psychology, 1962, 18, 171-175.
- GRAUDENZ, I., KRAAK, B. & HAUER, D. Scale to Measure Child-Rearing Practices and Attitudes of Mother of Five to Six Year Old Preschool Children, Psychological Abstracts, 1979, 61, n? 3, 578.
- GRAVES, D. WALTERS, J. & STINNETT, N. Relationship Between Perception of Family Life and Attitudes Concerning Father-Son Interaction. The Journal of Genetic Psychology, 1974, 124, 303-310.
- GUILFORD, J.P. & FRUCHTER, B. Fundamental Statistics in Psychology and Education. 5th edition. New York, McGraw-Hill Book Co., 1973, International Student Edition.

- HARMAN, H. H. Modern Factor Analysis. Chicago, 2a. Ed. The University of Chicago Press, 1967.
- HESS, R.D. Influências de Classe Social e Étnicas na Socialização. In P.H.Mussen (Org.) Carmichael - Manual de Psicologia da Criança. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária Ltda, 1970, V. 9, 335-477.
- HOFFMAN, L. W. Effects of Maternal Employment on the Child - A Review of the Research. Developmental Psychology, 1974, 10, 204-228.
- HOFFMAN, M. L. Power Assertion by the Parent and its Impact on the Child. Child Development, 1960, 31, 129-143.
- HOFFMAN, M.L. Personality, Family Structure, and Social Class as Antecedents of Parental Power Assertion. Child Development, 1963, 34, 869-884.
- HOFFMAN, M. L. Moral Internalization, Parental Power, and the Nature of Parent-Child Interaction. Developmental Psychology, 1975, 11, 228-239.
- HURLEY, J. R. & HOHN, R. L. Shifts in Child-Rearing Attitudes Linked with Parenthood and Occupation. Developmental Psychology, 1971, 4, 324-328.
- JAEGER, S. A. C. The Relationship of Parental Attitudes, Ego Development and Moral Reasoning to Their Children's Motivation to Achieve, Moral Reasoning and Intellectual Maturity. Disertation Abstracts International, 1978, 39, 1313-1314-A.
- KOHN, M.L. Social Class and the Exercise of Parental Authority. American Sociological Review , 1959, 24, 352-366.
- KOHN, M.L. Social Class and Parent-Child Relationships: An Interpretation. American Journal of Sociology, 1963, 68, 471-480.
- KRIGER, S. F. & KROES, W.H. Child-Rearing Attitudes of Chinese, Jewish, and Protestant Mothers. The Journal of Social Psychology, 1972, 86, 205-210.

- LÁZARO, V. A. Percepção das Atitudes dos Pais por Parte de Adolescentes Delinquentes e Não-delinquentes. Tese de Mestrado, Porto Alegre PUCRS, 1976.
- LEDERMAN, J. C. The Effects of Parent Sex Role, Parent Sex, Infant Sex, and Type of Activity on Parent-Infant Interactions. Dissertation Abstracts International, 1979, 39, 6099-B.
- LEVINE, R. O Estudo Intercultural em Psicologia da Criança. In P.H. Mussen (Org.) Carmichael - Manual de Psicologia da Criança São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária Ltda, 1970, V.9, 503-583.
- LEWIS, M. State as an Infant-Environment Interaction: An Analysis of Mother-Infant Interaction as a Function of Sex. Merrill-Palmer Quarterly, 1972, 18, 95-121.
- LIPPERT, J. G. Parental Child-Rearing Attitudes and Behaviors as Antecedents of Self-Actualization in Females. Dissertation Abstracts International, 1976, 36, 6388-6389.-B.
- MARCUS, R. The Child as Elicitor of Parental Sanctions for Independent and Dependent Behavior: A Simulation of Parent-Child Interaction. Developmental Psychology, 1975, 11, 443-452.
- MARGOLIN, G. & PATTERSON, G. Differential Consequences Provided by Mother and Father for Their Sons and Daughters. Developmental Psychology, 1975, 11, 537-538.
- MCCORD, J. McCORD, W. & THURBER, E. Effects of Maternal Employment on Lower-Class Boys. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1963, 67, 177-182.
- MINTON, C., KAGAN, J. & LEVINE, J. A. Maternal Control and Obedience in the Two-Year-Old. Child Development, 1971, 42, 1873-1894.
- MUSSEN, P.H., CONGER, J.J. & KAGAN, J. Desenvolvimento e Personalidade da Criança. São Paulo, Editora Harper & Row do Brasil Ltda, 1977.

- OLLENDICK, D. G. , LABERTEAUX, P.J. & HORNE, A. M. Relationship Among Maternal Attitudes, Perceived Family Environments, and Preschooler Behavior. Perceptual and Motor Skills, 1978, 46, 1092-1101.
- OSTERRIETH, P.A. Los Ambientes In J. Chateau, M. Debesse, & P.A. Osterrieth, (Org.), Tratado de Psicologia del Niño. Madrid, Ediciones Morata, S.A., 1970 , v. 1, 133-177.
- PASQUALI, L., ALVES DE ARAÚJO, J.M. & Costa, P.M.M.T. O Pai e a Mãe na Opinião dos Filhos. Validação de Um Instrumento de Medida de Atitudes, Relatorio ao CNPq, Brasília, 1977.
- PASQUALI, L., ALVES DE ARAÚJO, J.M. Questionário de Percepção dos Pais - QPP - Um Inventário Fatorial. Relatório ao CNPq. Brasília, 1979.
- PASQUALI, L. Concepção de Pais, Um Instrumento Fatorial. Psicologia Ciência e Profissão, 1979 Ed. Especial nº 0, 139-213.
- PASQUALI, L. Critérios para a Construção de Itens, Manuscrito, Brasília, UnB, 1980.
- PASQUALI, L. & ALVES de ARAÚJO, J.M. Questionário de Percepção dos Pais - QPP, Como os Filhos Vêem os Pais, Monografia. Brasília , 1981.
- PAULSON, M. J., SCHWEMER, G. T., AFIFI, A. A. & BENDEL, R. B. Parent Attitude Research Instrument (PARI) : Clinical Vs Statistical Inferences in Understanding Abusive Mothers. Journal of Clinical Psychology, 1977, 33, 848-854.
- PETERSON, D. R. & MIGLIORINO, G. Pancultural Factors of Parental Behavior in Sicily and the United States. Child Development, 1967, 38, 967-991
- POSTER, M. Teoria Crítica da Família. Rio de Janeiro, Zahar Editores S.A., 1979.
- PROTHRO, E. T. Socialization and Social Class in a Transitional Society. Child Development, 1966, 37, 1873-1894.

- PUMROY, D. K. Maryland Parent Attitude Survey: A Research Instrument With Social Desirability Controlled. The Journal of Psychology, 1966, 64, 73-78.
- QUINN, R. J. A Dialectical Analysis of Child-Rearing Policies. Dissertation Abstracts International, 1977, 37, 3682-3683-B.
- RAMEY, C. R. & CAMPBELL, F. A. Parental Attitudes and Poverty. The Journal of Genetic Psychology, 1976, 128, 3-6.
- RENSON, G. J., SCHAEFER, E. S. & LEVY, B. Cross-National Validity of a Spherical Conceptual Model for Parent Behavior. Child Development, 1968, 43, 1229-1235.
- ROE, A. & SIEGELMAN, M. A Parent-Child Relations Questionnaire. Child Development, 1963, 34, 355-369.
- ROSEN, B. C. Socialization and Achievement Motivation in Brazil. American Sociological Review, 1962, 27, 612-624.
- ROTHBART, M.K. & MACCOBY, E. E. Parents' Differential Reactions to Sons and Daughters. Journal of Personality and Social Psychology, 1966, 4, 237-243.
- SANTOS, R. M. E. & GARCIA, V. J. Atitudes Maternas em Relação ao Desenvolvimento Infantil. Revista Interamericana de Psicologia, 1976, 10, 61-70.
- SCHAEFER, E.S. & BELL, R. Q. Development of a Parental Attitude Research Instrument. Child Development, 1958, 29, 339-361.
- SCHAEFER, E. S. A Circumplex Model for Maternal Behavior. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1959, 59, 226-235.
- SCHAEFER, E. S. Social Science Contributions to The Measurement of Parent Behavior. In Quantitative Approaches to Parent Selections, New York, Child Welfare League of America, 19
- SCHAEFER, E. Children's Reports of Parental Behavior: An Inventory. Child Development, 1965 a, 36, 413-424.

- PUMROY, D. K. Maryland Parent Attitude Survey: A Research Instrument With Social Desirability Controlled. The Journal of Psychology, 1966, 64, 73-78.
- QUINN, R. J. A Dialectical Analysis of Child-Rearing Policies. Dissertation Abstracts International, 1977, 37, 3682-3683-B.
- RAMEY, C. R. & CAMPBELL, F. A. Parental Attitudes and Poverty. The Journal of Genetic Psychology, 1976, 128, 3-6.
- RENSON, G. J., SCHAEFER, E. S. & LEVY, B. Cross-National Validity of a Spherical Conceptual Model for Parent Behavior. Child Development, 1968, 43, 1229-1235.
- ROE, A. & SIEGELMAN, M. A Parent-Child Relations Questionnaire. Child Development, 1963, 34, 355-369.
- ROSEN, B. C. Socialization and Achievement Motivation in Brazil. American Sociological Review, 1962, 27, 612-624.
- ROTHBART, M.K. & MACCOBY, E. E. Parents' Differential Reactions to Sons and Daughters. Journal of Personality and Social Psychology, 1966, 4, 237-243.
- SANTOS, R. M. E. & GARCIA, V. J. Atitudes Maternas em Relação ao Desenvolvimento Infantil. Revista Interamericana de Psicologia, 1976, 10, 61-70.
- SCHAEFER, E.S. & BELL, R. Q. Development of a Parental Attitude Research Instrument. Child Development, 1958, 29, 339-361.
- SCHAEFER, E. S. A Circumplex Model for Maternal Behavior. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1959, 59, 226-235.
- SCHAEFER, E. S. Social Science Contributions to The Measurement of Parent Behavior. In Quantitative Approaches to Parent Selections, New York, Child Welfare League of America, 1961.
- SCHAEFER, E. Children's Reports of Parental Behavior: An Inventory. Child Development, 1965 a, 36, 413-424.

- SCHAEFER, E.S. A Configurational Analysis of Children's Reports of Parent Behavior. Journal of Consulting Psychology, 1965b, 29, 552-557.
- SCHLUDERMANN, S. & SCHLUDERMANN, E. Conceptualization of Maternal Behavior. The Journal of Psychology, 1970, 75, 205-215.
- SCHLUDERMANN, S., & SCHLUDERMANN, E. Response Set Analysis of Mother's Form of Parental Attitude Research Instrument (PARI). The Journal of Psychology, 1974, 86, 327-334.
- SIEGEL, A.E. & HAAS, M.B. The Working Mother: A Review of Research. Child Development, 1963, 34, 513-542.
- SLOUGH, N. M., KOGAN K. L. & TYLER, N. B. Derivation of parent Norms for the Maryland Parent Attitude Survey Application To Parents of Developmentally Delayed Children. Psychological Reports, 1978, 42, 183-189.
- STERN, G. G. CALDWELL, B. M., HERSHER, L. LIPTON, E. L. & RICHMOND, J. B. A Factor Analytic Study of the Mother-Infant Dyad. Child Development, 1969, 40, 163-181.
- STOLZ, L.M. Effects of Maternal Employment on Children: Evidence from Research. Child Development, 1960, 31, 749-782.
- TIMOTHY, T. L. Differential Child-rearing Attitudes and Practices of Chinese-American Mothers. Dissertation Abstracts Internation. 1974, 34, 4406 - A.
- TUCKER, N. O Que é uma Criança? Lisboa, Moraes Editores, 1977.
- WALTERS, J., CONNOR, R. & ZUNICH, M. Interaction of Mothers and Children from Lower-Class Families. Child Development, 1964, 35, 433-440.
- WATERS, E. & CRANDALL, V. Social Class and Observed Maternal Behavior from 1940 to 1960. Child Development, 1964, 35, 1021-1032.

- WHITING, B. Six Cultures: Studies in Childrearing. New York
Wiley, 1964.
- YARROW, M.R. Maternal Employment and Child Rearing. Children, 196
8, 223-228.
- YARROW. M. R. Problems of Methods in Parent-Child Research.
Child Development , 1963, 34, 215-226.
- ZUCKERMANN, M, RIBBACK, B.B & MONASHDIN, I. Normative Data and
Factor Analysis on the Parental Attitude Research Instrument.
Journal of Consulting Psychology, 1958, 22, 165-171.
- ZUNICH, M. Lower-Class Mothers' Behavior and Attitudes Toward
Child Rearing. Psychological Reports, 1971, 29, 1051-1058.

I N S T R U Ç Õ E S

Esta pesquisa tem o objetivo de obter dados sobre o modo como as mães se relacionam com suas crianças.

Nas páginas seguintes você encontrará uma série de afirmações sobre o relacionamento entre a mãe e sua criança.

- Algumas afirmações dizem respeito à relação da mãe com a criança em geral, independente do seu sexo e da sua idade.
- Outras afirmações se referem especificamente à relação da mãe com o menino e com a menina.
- E em algumas vamos nos referir à relação da mãe com as crianças pequenas e com as crianças mais velhas.

GOSTARIAMOS QUE VOCÊ DESSE SUA OPINIÃO SOBRE CADA UMA DAS AFIRMAÇÕES

Ao lado de cada afirmação você encontrará a seguinte série de números;

1 , 2 , 3 , 4 , 5 que significam o seguinte:

- Se você Discorda Totalmente da afirmação, faça um círculo no número 1.
- Se você Discorda Parcialmente da afirmação, faça um círculo no número 2.
- Se você está Em Dúvida sobre a afirmação, faça um círculo no número 3.
- Se você Concorda Parcialmente com a afirmação, faça um círculo no número 4.
- Se você Concorda Totalmente com a afirmação, faça um círculo no número 5.

EXEMPLO 1

000 - A mãe deve cuidar da saúde da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

Se você Concorda Totalmente com a afirmação você deve fazer um círculo ao redor do número 5.

EXEMPLO 2

000 - A mãe não deve se preocupar com a saúde da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

Se você Discorda Totalmente da afirmação você deve fazer um círculo ao redor do número 1.

R E S U M I N D O:

1 - Discordo totalmente
2 - Discordo Parcialmente
3 - Em Dúvida
4 - Concordo Parcialmente
5 - Concordo totalmente

- Procure dar a primeira resposta que vier na sua cabeça ao ler a afirmação
- Não é necessário pensar muito antes de dar suas respostas.
- Procure não olhar as respostas que você já deu.

VOCÊ NÃO PRECISARÁ COLOCAR SEU NOME

Discordo Totalmente
 1 2 3 4 5
 Discordo Parcialmen
 Em Dúvida
 Concordo Parcialmen
 Concordo T

- 1) - A mãe deve satisfazer a vontade das crianças mais velhas..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 2) - A mãe não deve dar muita liberdade ao menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 3) - A mãe deve elogiar o que o menino faz..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 4) - A mãe deve perdoar a criança por sua má conduta..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 5) - A criança deve ver a mãe como uma autoridade..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 6) - A mãe deve explicar para a criança mais velha como ela deve se comportar 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 7) - A mãe deve dar carinho para a criança pequena..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 8) - Quando a criança reclama a mãe deve ceder..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 9) - O menino faz coisas que magoam a mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 10) - A criança não tem direito de exigir coisas da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 11) - O mais importante para a mãe é fazer a criança feliz..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 12) - A menina é incapaz de fazer coisas sem a ajuda da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 13) - A criança pequena não ajuda a mãe em nada..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 14) - Para a mãe a criança perde seu encanto quando cresce..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 15) - A mãe e não o pai é quem deve castigar a menina..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 16) - Crianças com mais idade devem saber se cuidar sem a ajuda da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 17) - A mãe deve explicar o que o menino quer saber..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 18) - A criança pequena não é capaz de fazer coisas sem ajuda da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 19) - A felicidade da criança é mais importante do que a felicidade da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 20) - É desagradável para a mãe fazer coisas com crianças pequenas..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

1 *Discordo Totalmente*
 2 *Discordo Parcialmente*
 3 *Em Dúvida*
 4 *Concordo Parcialmente*
 5 *Concordo Totalmente*

- 41) - A mãe precisa atender os pedidos que a criança faz..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 42) - A criança traz felicidade para o relacionamento entre o pai e a mãe 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 43) - A mãe deve deixar a menina fazer coisas sozinhas..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 44) - A mãe é quem escolhe as amigas da menina..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 45) - É difícil para a mãe criar uma criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 46) - É ruim quando a mãe precisa dar atenção para a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 47) - A mãe deve apontar os defeitos que a criança tem..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 48) - Castigar não é o melhor modo de educar crianças pequenas..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 49) - A mãe sente-se bem trabalhando com a menina..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 50) - Criança que recebe o amor da mãe torna-se teimosa..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 51) - A mãe precisa dar atenção para a criança pequena..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 52) - A mãe gosta de conversar com sua criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 53) - A mãe é quem toma as decisões e nunca a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 54) - A criança pequena precisa ser fiscalizada pela mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 55) - A mãe não deve disciplinar severamente a menina..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 56) - A mãe deve falar de seus problemas para a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 57) - Criança mais velha necessita do carinho da mãe tanto quanto a pequena 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 58) - O menino chateia a vida da mãe.... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 59) - A mãe sente-se bem brincando com o menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

- 60) - O menino sempre é mal agradecido apesar de tudo que a mãe lhe faz.....
- 61) - O pai e não a mãe é quem deve castigar o menino.....
- 62) - As idéias da criança são bobas comparadas com as da mãe.....
- 63) - Criança que recebe carinho acaba mandando na mãe.....
- 64) - A criança atrapalha a vida da mãe....
- 65) - É difícil para a mãe educar uma menina
- 66) - A criança precisa ser corrigida pela mãe.....
- 67) - O menino não deve se sentir livre diante da mãe.....
- 68) - A mãe não deve debochar dos erros da criança.....
- 69) - É fácil para a mãe educar um menino.....
- 70) - Quanto mais velha a criança "mais dor de cabeça" dá à sua mãe.....
- 71) - A mãe deve exigir educação das crianças mais velhas
- 72) - Toda vez que a criança repete a mesma falta a mãe deve castigá-la.....
- 73) - A mãe não deve deixar que a menina brinque com o menino.....
- 74) - A mãe não deve deixar o menino fazer coisas sozinho.....
- 75) - Com o menino a mãe deve ser severa.
- 76) - A mãe deve permitir que a criança mais velha faça o que quiser.....
- 77) - A menina precisa receber carinho da mãe.....
- 78) - A mãe deve ser mais exigente com a menina do que com o menino.....
- 79) - Crianças mais velhas necessitam da atenção da mãe.....

	<i>Discordo Totalmente</i>	<i>Discordo Parcialmente</i>	<i>Em Dúvida</i>	<i>Concordo Parcialmente</i>	<i>Concordo Totalmente</i>
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					
1					
2					
3					
4					
5					

1 Discordo Totalmente
 2 Discordo Parcialmente
 3 Em Dúvida
 4 Concordo Parcialmente
 5 Concordo Totalmente

- 80) - O comportamento da criança perturba a mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 81) - A mãe não deve ser carinhosa com o menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 82) - A mãe que dá muito carinho não consegue disciplinar a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 83) - A mãe não deve deixar passar sem castigos os maus comportamentos da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 84) - A mãe deve se preocupar mais com ela mesma do que com a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 85) - A mãe precisa ensinar bons modos para a menina..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 86) - A menina não deve receber da mãe todas as explicações que solicitar.... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 87) - A menina nunca deve ter segredos frente a mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 88) - A mãe deve deixar a criança mais velha sofrer para aprender que a vida é difícil..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 89) - A criança incomoda a mãe quando fica pedindo coisas..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 90) - A mãe precisa saber o que a criança faz fora de casa..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 91) - A criança é o mais importante na vida da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 92) - A mãe não deve atender os pedidos da menina..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 93) - A mãe deve proteger o menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 94) - A mãe sente-se bem passeando com a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 95) - A mãe não deve ficar conversando com a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 96) - É mais difícil para a mãe educar um menino do que uma menina..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 97) - A mãe deve aceitar que a criança também pode errar..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 98) - A menina deve consultar a mãe antes de fazer alguma coisa..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

Discordo Totalmente
 1 , 2 , 3 , 4 , 5
 Discordo Parcialmente
 Em Dúvida
 Concordo Parcialmente
 Concordo Totalmente

- 99) - É agradável para a mãe ver a criança crescer..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 100) - A mãe não deve dar satisfação do que faz para a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 101) - Criança pequena vive fazendo coisas erradas perto da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 102) - O menino tem o direito de não concordar com a mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 103) - A criança deve se sentir amada pela mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 104) - A mãe não deve "dar bola" quando a criança se porta mal..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 105) - A mãe precisa dar carinho para a criança quando ela está triste..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 106) - A mãe não deve esquecer da sua vida e só pensar na criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 107) - A criança não deve ser mimada pela mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 108) - Crianças mais velhas devem ser controladas pela mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 109) - A mãe deve dizer para a criança quanto é trabalhoso criá-la..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 110) - A criança pequena é um peso na vida da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 111) - A mãe não deve se sacrificar pela criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 112) - A mãe estraga o menino quando lhe dá carinho..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 113) - É gostoso para a mãe cuidar de uma criança pequena..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 114) - A menina deve ficar mais ligada à mãe do que o menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 115) - A mãe deve deixar passar algum tempo antes de castigar as faltas da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 116) - O menino não precisa de ajuda da mãe 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 117) - A mãe sofre para criar uma criança.. 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 118) - A mãe deve ensinar a criança a se cuidar sozinha..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

Discordo Totalmente

Discordo Parcialmente

Em Dúvida

Concordo Parcialmente

Concordo Totalmente

- 119) - A criança deve ser orientada pela mãe a ter responsabilidade..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 120) - A mãe não deve deixar a criança fazer coisas que incomodam os adultos. 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 121) - A mãe não deve se deixar influenciar pela criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 122) - A mãe deve exigir sacrifícios das crianças mais velhas..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 123) - É chato para a mãe quando crianças mais velhas vivem pedindo coisas 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 124) - A mãe deve permitir que a criança tenha um cantinho só dela em casa. 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 125) - A criança não deve "levantar a voz" com a mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 126) - A mãe não deve dar liberdade para a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 127) - A mãe sente-se feliz ao ver crianças mais velhas fazendo coisas sem ajuda 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 128) - A mãe não precisa se preocupar com o que a criança faz quando está sozinha..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 129) - A mãe precisa compreender as necessidades da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 130) - A mãe é quem decide o que a criança faz..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 131) - A criança é mal-agradecida quando desobedece à mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 132) - A mãe não gosta de fazer coisas com a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 133) - A mãe deve consolar a criança quando ela está com medo..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 134) - A mãe deve deixar para o pai disciplinar o menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 135) - Para a boa educação da criança a mãe não deve castigá-la..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 136) - A mãe prefere conversar com a menina do que com o menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 137) - Crianças mais velhas não incomodam a mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

Discordo Totalmente
 1 2 3 4 5
 Discordo Parcialmente
 Em Dúvida
 Concordo Parcialmente
 Concordo Totalmente

- 138) - A mãe deve deixar a criança pequena fazer o que quiser..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 139) - A menina atrapalha a vida da mãe. 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 140) - A mãe é quem tem razão, e nunca a criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 141) - Criança fica manhosa quando recebe carinho da mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 142) - A mãe deve olhar as coisas ruins da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 143) - A mãe deve castigar a criança até que aprenda a obedecer..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 144) - É agradável para a mãe trabalhar com crianças mais velhas..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 145) - A mãe deve vigiar a hora do brinquedo e do dever da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 146) - A mãe deve fazer as vontades da criança pequena..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 147) - Em qualquer idade a mãe é quem escolhe os amigos da criança..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 148) - A mãe deve castigar a criança na hora em que se comportou mal e não depois..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 149) - A mãe deve viver para a criança... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 150) - O menino faz as vontades da mãe... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 151) - A mãe deve controlar mais a menina do que o menino..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 152) - A mãe deve ter poder sobre a crianças..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 153) - A mãe é quem manda e a criança deve obedecer..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 154) - Tudo o que a criança faz deve ser aprovado pela mãe..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 155) - A mãe vive concordando com o que o menino faz..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5
- 156) - É cansativo para a mãe cuidar de uma criança pequena..... 1 , 2 , 3 , 4 , 5

PREENCHA POR FAVOR OS LACOS SOLICITADOS NA PÁGINA SEGUINTE.

- 1 - Idade: _____
- 2 - Ocupação (Profissão): _____
- 3 - Estado onde morou anteriormente: _____

4-Sexo: a () Masculino
b () Feminino

5 - Nível de Instrução

1º Grau a () Completo
b () Incompleto

2º Grau c () Completo
d () Incompleto

Superior e () Completo
f () Incompleto

Curso: _____

6 - Renda Familiar:

- a () menos de 10 mil cruzeiros
- b () de 11 a 25 mil cruzeiros
- c () de 26 a 40 mil cruzeiros
- d () de 41 a 55 mil cruzeiros
- e () de 56 a 70 mil cruzeiros
- f () de 71 a 85 mil cruzeiros
- g () mais de 86 mil cruzeiros

7 - Religião

- a () Católica
- b () Protestante
- c () Espírita
- d () _____ (outra)
- a) () Praticante
- b) () Não Praticante

8 - Estado Civil:

- a () solteiro
- b () casado
- c () desquitado
- d () divorciado
- e () viúvo
- f () _____ (outros)

9) - Número de Filhos:

- a () nenhum
- b () uma criança
- c () duas crianças
- d () três crianças
- e () quatro crianças ou mais

10) - Sexo dos Filhos:

- a () só meninos
- b () só meninas
- c () ambos os sexos

11) - Idade dos Filhos

(pode marcar mais de uma resposta)

- a () menos de um ano
- b () de 1 a 3 anos
- c () de 4 a 6 anos
- d () de 7 a 12 anos
- e () de 13 a 18 anos
- f () mais de 18 anos

12) Residência

- a () Plano piloto
- b () Cidade Satélite (Indique qual: _____)
- c () Outra

INSTRUÇÕES PARA O APLICADOR

Visando a padronização da orientação a ser dada, solicito que você leia, para os alunos, as instruções que seguem, pausadamente e se necessário explique-as.

"Eu gostaria que vocês participassem de uma pesquisa que estuda a relação entre a mãe e a criança!"

"Esta pesquisa está sendo feita para a tese de pós-graduação de um colega da Universidade de Brasília"

"O trabalho de vocês consiste em dar sua opinião sobre uma série de frases que vocês irão ler"

"Vocês poderão concordar com o que foi dito na frase ou então discordar!"

"Ao lado de cada frase vocês encontrarão os números 1 , 2 , 3 , 4 , 5 que significam o seguinte:

1 = Discordo Totalmente

2 = Discordo Parcialmente

3 = Em dúvida

4 = Concordo Parcialmente

5 = Concordo Totalmente

"Vocês deverão fazer um círculo ao redor do número que melhor expressar a opinião de vocês sobre o que foi dito na frase!"

- "Vocês devem dar sua opinião em todas as frases!"

- "Vocês devem fazer este trabalho na sala de aula, individualmente."

"Agora eu vou distribuir o material e nós vamos ler juntos as instruções"

DISTRIBUIR O MATERIAL

NÃO ESQUEÇA DE LER EM VOZ ALTA, JUNTO COM OS ALUNOS AS INSTRUÇÕES QUE ESTÃO NA PRIMEIRA PÁGINA DO QUESTIONÁRIO

Obs: Qualquer questão que for feita pelos alunos deverá ser respondida com frase semelhantes as seguintes:

"Eu não posso explicar nada durante a aplicação deste material"

"Você deve dar sua opinião como achar melhor"

APÊNDICE C - Cargas Fatoriais dos Itens da Terceira
Análise Fatorial

	FACTOR 1	FACTOR 2	FACTOR 3	FACTOR 4	FACTOR 5	FACTOR 6	FACTOR 7
V15	0.34241	-0.15247	0.07753	-0.01903	-0.10243	-0.22171	-0.15375
V22	-0.14074	0.02065	0.00389	0.51373	-0.01453	0.13801	-0.01831
V27	0.04307	-0.00439	0.17121	0.46804	-0.04618	-0.01496	-0.10987
V29	0.32507	-0.00439	0.09449	0.00240	-0.02702	-0.28844	-0.24985
V30	0.05985	0.12468	0.02975	0.03529	-0.01751	0.02347	-0.15990
V32	-0.11032	0.07127	0.02975	0.03529	-0.01751	0.02347	-0.15990
V33	-0.05891	0.17727	0.00271	0.03147	-0.02554	0.06023	-0.04548
V38	-0.02147	0.00674	0.00271	0.46804	-0.02554	0.03061	-0.14421
V39	-0.07410	0.01177	0.00271	0.03061	-0.02554	0.03061	-0.14421
V40	-0.13259	0.01177	0.00271	0.03061	-0.02554	0.03061	-0.14421
V43	-0.24173	0.17116	0.00116	0.06910	-0.02024	0.08470	-0.00521
V45	0.00222	0.02933	0.00116	0.04049	-0.02024	0.08470	-0.00521
V49	-0.11114	0.04542	-0.00116	0.18006	-0.02024	0.03907	-0.01810
V50	0.04270	0.01129	0.00116	0.04049	-0.02024	0.03907	-0.01810
V53	0.03498	0.00674	0.00116	0.10533	-0.02024	0.04120	-0.02614
V60	0.03753	0.00674	0.00116	0.11127	-0.02024	0.02473	-0.01416
V61	0.03346	0.00674	0.00116	0.08803	-0.02024	0.02473	-0.01416
V62	0.04204	0.00674	0.00116	0.09632	-0.02024	0.02473	-0.01416
V63	0.05742	0.00674	0.00116	0.09632	-0.02024	0.02473	-0.01416
V64	0.03781	0.00674	0.00116	0.09632	-0.02024	0.02473	-0.01416
V65	0.22204	0.00674	0.00116	0.10829	-0.02024	0.01575	-0.00847
V67	0.04291	0.00674	0.00116	0.11857	-0.02024	0.01575	-0.00847
V70	0.03491	0.00674	0.00116	0.11857	-0.02024	0.01575	-0.00847
V71	0.13444	0.00674	0.00116	0.19876	-0.02024	0.02711	-0.02077
V72	0.14847	0.00674	0.00116	0.25410	-0.02024	0.06040	-0.01775
V73	0.07897	0.00674	0.00116	0.24319	-0.02024	0.15830	-0.01409
V74	0.00547	0.00674	0.00116	0.11300	-0.02024	0.34770	-0.02217
V77	-0.03476	0.00674	0.00116	0.48471	-0.02024	0.31652	-0.02504
V78	0.00347	0.00674	0.00116	0.32394	-0.02024	0.06785	-0.03347
V79	0.02847	0.00674	0.00116	0.10600	-0.02024	0.31994	-0.02679
V80	0.17811	0.00674	0.00116	0.03824	-0.02024	0.17328	-0.07638
V82	0.05180	0.00674	0.00116	0.04450	-0.02024	0.12504	-0.12481
V83	0.18372	0.00674	0.00116	0.16120	-0.02024	0.07148	-0.07123
V87	0.01042	0.00674	0.00116	0.24531	-0.02024	0.03293	-0.01917
V89	0.10054	0.00674	0.00116	0.13120	-0.02024	0.09462	-0.01821
V90	0.15887	0.00674	0.00116	0.03955	-0.02024	0.00444	-0.02100
V91	-0.00114	0.00674	0.00116	0.05561	-0.02024	0.04256	-0.08025
V92	0.09511	0.00674	0.00116	0.03327	-0.02024	0.17745	-0.02235
V93	0.09511	0.00674	0.00116	0.17745	-0.02024	0.04406	-0.02860
V94	-0.28806	0.00674	0.00116	0.12860	-0.02024	0.06910	-0.06812
V95	-0.15442	0.00674	0.00116	0.04827	-0.02024	0.04522	-0.02471
V96	0.03184	0.00674	0.00116	0.14702	-0.02024	0.07937	-0.10066
V97	0.22103	0.00674	0.00116	0.09422	-0.02024	0.03237	-0.03864
V98	0.18500	0.00674	0.00116	0.07325	-0.02024	0.08475	-0.00423
V99	0.05440	0.00674	0.00116	0.04455	-0.02024	0.11955	-0.03270

(Continua)

(Cont. APENDICE C)

	FACTOR 1	FACTOR 2	FACTOR 3
V102	-0.251172	0.407225	0.07396
V103	-0.05829	0.80487	0.11412
V105	-0.02211	0.70515	0.09386
V106	-0.16400	0.43532	0.11382
V110	0.40845	-0.06417	0.40371
V112	0.50637	-0.03951	0.18392
V113	-0.08341	0.04014	-0.04716
V114	0.44950	0.04720	0.22223
V116	0.45034	-0.00633	0.14374
V117	0.29747	0.00727	0.46326
V118	-0.12162	0.04625	0.18797
V119	-0.18255	0.00275	0.13466
V120	0.11557	0.03022	0.23151
V121	0.04317	0.16543	0.21717
V123	0.02217	0.04015	0.14325
V124	-0.12747	0.03947	0.11172
V125	0.03162	0.09516	0.14392
V127	-0.15757	0.04617	0.16392
V129	-0.17751	0.00136	0.13312
V130	0.01444	-0.00246	0.12710
V131	0.35905	-0.00170	0.21375
V134	0.51362	-0.00421	0.11417
V136	0.45670	-0.00644	0.29307
V139	0.45737	-0.00136	0.41357
V140	0.46297	-0.00665	0.15561
V141	0.56888	-0.00180	0.26400
V143	0.29564	0.00220	0.21194
V144	-0.00234	0.03476	0.07345
V145	-0.03731	0.00877	0.15395
V146	0.12130	0.00324	0.07137
V147	0.00170	-0.00345	0.11340
V149	0.17442	0.13220	-0.00499
V150	0.16070	0.14065	0.06114
V151	0.52101	0.00012	0.20341
V152	0.16770	0.11120	0.23455
V153	0.29828	0.04234	0.21454
V154	0.23972	0.06141	0.05386
V155	0.31222	0.04635	0.10323
V156	0.23130	0.10757	0.51010

FACTOR 4	FACTOR 5	FACTOR 6	FACTOR 7
0.02760	0.14675	0.46217	0.16044
0.20075	-0.17271	0.15632	-0.15906
0.21129	-0.19442	0.10545	-0.22146
0.27706	-0.00002	0.29406	-0.00576
0.01339	0.01844	-0.19414	0.24503
0.01375	-0.00693	-0.12347	0.20672
0.20093	-0.25324	0.20999	0.21910
0.23349	-0.20034	-0.18444	0.27073
0.02369	0.10010	-0.01874	0.21404
0.14030	-0.20000	-0.27723	0.24529
0.21818	-0.17703	0.23031	0.20099
0.17722	-0.47127	0.35994	0.22519
0.24449	-0.41121	0.03251	0.27119
0.00773	-0.09011	0.11842	0.20512
0.00440	-0.23595	0.00541	0.20156
0.00000	-0.00000	0.51756	0.03225
0.02337	-0.46906	0.04944	0.24556
0.00335	-0.42891	0.42084	0.23872
0.00440	-0.17877	0.40545	0.23820
0.00000	-0.42545	-0.20537	0.24473
0.00000	-0.44777	0.24532	0.24655
0.00394	-0.44235	-0.04796	0.24675
0.01715	0.00000	-0.09510	0.20660
0.00180	-0.05117	-0.07657	0.20623
0.00503	-0.20599	0.30215	0.21700
0.00844	-0.00000	0.24117	0.22600
0.04210	-0.47211	0.18557	0.24546
0.03300	-0.17335	0.39330	0.22574
0.04900	-0.03176	0.13636	0.24677
0.00530	-0.00421	0.03347	0.22661
0.00547	-0.20010	-0.11036	0.21550
0.00112	-0.23334	0.00495	0.24643
0.01770	-0.00223	0.03425	0.23155
0.00430	-0.20057	0.18837	0.20379
0.01470	-0.35663	-0.15843	0.27466
0.00497	-0.41764	0.30040	0.06226
0.00903	-0.17710	-0.00227	0.20292
0.00395	-0.03412	0.03523	0.27325
0.00570	-0.00436	-0.10309	0.29941